

TEMPOS CRUZADOS

O PROGRAMA ASSOCIATIVO
DE GUIMARÃES 2012
CAPITAL EUROPEIA DA CULTURA



TEMPOS CRUZADOS

O PROGRAMA ASSOCIATIVO
DE GUIMARÃES 2012
CAPITAL EUROPEIA DA CULTURA

TEMPOS CRUZADOS

O PROGRAMA ASSOCIATIVO
DE GUIMARÃES 2012
CAPITAL EUROPEIA DA CULTURA

FICHA TÉCNICA

Título

Tempos Cruzados: o Programa Associativo de
Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura

Promoção e Edição

Associação Cultural e Recreativa Convívio
Associação de Etnografia e Folclore de Guimarães
Círculo de Arte e Recreio

Direção do Tempos Cruzados – Programa Associativo
Eduardo Meira

Coordenação Editorial

Helena AM Pereira
Luís Ribeiro

Textos

António Pinto Ribeiro
Augusto Santos Silva
Domingos Bragança
Eduardo Meira
Helena AM Pereira
Jorge Cristino
Susana Piteira

Fotografia

Amadeu Mendes
Cineclube de Guimarães
José Caldeira

Design

Alexandra Xavier

Impressão Gráfica

Norprint

ISBN

978-972-95743-9-9

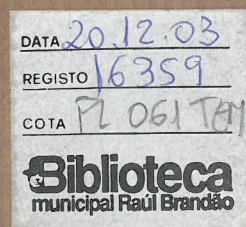
Depósito Legal

372716/14

Tiragem

250 exemplares

Guimarães, dezembro de 2013



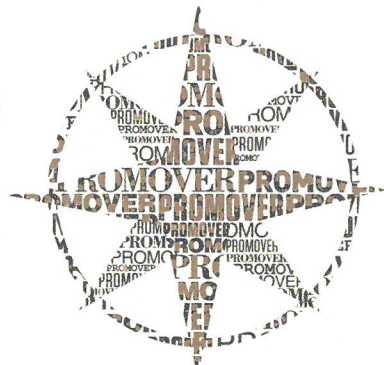
*Quem ama a liberdade conhece que é idêntica
a verdade e a não-verdade o ser e o vazio
e por isso na sua celebração a metáfora expande-se
na liberdade de ser a tênue sabedoria
desse momento e só desse momento em que o arco cresce
Há então que procurar a chuva dessa nuvem
ou desdizê-la não para o nosso olhar
mas para um outro rosto de areia que cresce no vazio
e poderá ser de pedra ou de ouro ou só de uma penugem de ave*

*O poema é o encontro destas duas faces
de nenhuma substância quando no vazio do céu
os anjos se diluem com as mãos despojadas*

António Ramos Rosa, "À Mesa do Vento" seguido de "As Espirais de Dioniso"

ÍNDICE

TEMPOS CRUZADOS 4 de março de 2010: a história começa aqui	07
 CIRCUNFERÊNCIAS “Cultura Local: Identidade e Transformação” por Augusto Santos Silva	09
 ARTE DE RAIZ POPULAR Oficinas Criativas I	15
 CIRCUNFERÊNCIAS “O Artista, a Memória e o Lugar” com Francisco Laranjo	20
 CIRCUNFERÊNCIAS “O papel dos grupos de folclore na promoção e proteção da cultura tradicional e popular”	21
 AQUI NASCEU PORTUGAL IX Fórum Permanente de Teatro/I Fórum de Teatro Ibérico	22
 CIRCUNFERÊNCIAS “Criar Teatro” com Hélder Costa	23
 ARTE DE RAIZ POPULAR MARÇO DEAMBULANTE	24
“O que distingue o desenvolvimento e o atraso é a capacidade de aprender” por Susana Piteira	29
 CIRCUNFERÊNCIAS “Movimento Associativo Vimaranesense: Ontem, Hoje e Amanhã”	32
 CIRCUNFERÊNCIAS “Reflexões sobre o Trabalho, Cultura e Tecnologias Criativas no Século XXI”	33
 POP ARTE Etnografia e Folclore Guimarães 2012 Festivais em Rede	36
 AQUI NASCEU PORTUGAL Criar Teatro na Escola – Ciclo de Conversas com Hélder Costa	38
 MEMÓRIAS COLETIVAS SINGULARES	40
 MEMÓRIAS COLETIVAS SINGULARES Residência Artística de Mafalda Santos e Isabel Ribeiro	40
 AQUI NASCEU PORTUGAL Aqui nasceram HISTÓRIAS e ESTÓRIAS	44
 POP ARTE Desfile Nacional do Trajo Popular Português	52
 AQUI NASCEU PORTUGAL Aqui nasceu GIL VICENTE	56
 MEMÓRIAS COLETIVAS SINGULARES Residência Artística de João Marçal e José Almeida Pereira	60
 POP ARTE O Mundo Canta e Dança em Guimarães	62
 MEMÓRIAS COLETIVAS SINGULARES Residência Artística de Jorge Fernandes, José Emílio Barbosa e Marco Mendes	68
“Capacitar, Promover, Agir e Conectar” por Eduardo Meira	71
 CONSTELAÇÕES A estratégia de programação e a poética da organização em Rede	75
 CONSTELAÇÕES Guimarães Académica	77
 POP ARTE Óscar Mundial do Folclore	78
 CONSTELAÇÕES UWAGA!	82
 CONSTELAÇÕES Loja Social	83
 AQUI NASCEU PORTUGAL Aqui Nasceu AFONSO HENRIQUES	84
 CONSTELAÇÕES António de Azevedo: o escultor	88
 MEMÓRIAS COLETIVAS SINGULARES Casa Aberta	89



⚙️ MEMÓRIAS COLETIVAS SINGULARES Residência Artística de Liliana Carvalho e Nuno Florêncio	90
“Habitar, Sentir, Transformar” por Helena AM Pereira	93
⚙️ PEDRA FORMOSA Ciclo “Número Perfeito”	96
✳️ CONSTELAÇÕES Guimarães, Consolo 2012	100
✳️ CONSTELAÇÕES CulturArte na Resistência	101
✳️ CONSTELAÇÕES A Cidade e o Corpo	102
✳️ CONSTELAÇÕES INDIESCIPLINAS	104
✳️ CONSTELAÇÕES P.I.C.A. – Programa de Intercâmbio Cultural Associativo	106
👇 ARTE DE RAIZ POPULAR PRIMAVERA DEAMBULATE	108
✳️ CONSTELAÇÕES Festival Diferenciarte	109
✳️ CONSTELAÇÕES Música com História	110
✳️ CONSTELAÇÕES Citânia Viva 2013	112
✳️ CONSTELAÇÕES (IN)RURALIDADES	114
✳️ CONSTELAÇÕES Os Loucos do Ritmo	116
🏭 FÁBRICA DAS ASSOCIAÇÕES “O que fica de 2012 para o movimento associativo local” por Jorge Cristino	117
✳️ CONSTELAÇÕES NEBULOSA	119
✳️ CONSTELAÇÕES Feira da Terra 2013	121
✳️ CONSTELAÇÕES Verão é Jazz!	122
✳️ CONSTELAÇÕES Documentário “Ribeira Acima”	123
✳️ CONSTELAÇÕES “Pavidém sustenta os seus pobres – Marcha da Fome”	124
✳️ CONSTELAÇÕES TERRA (Festa do Agricultor de Fermentões 2013)	125
✳️ CONSTELAÇÕES “Ontem, Hoje e Amanhã: Preservar o Passado para Construir o Futuro”	127
✳️ CONSTELAÇÕES BAILE	128
✳️ CONSTELAÇÕES Ilustrar Guimarães	130
✳️ POP ARTE A POP ARTE está no adro	133
📺 Exposição-Instalação DO IT YOURSELF	134
📺 CONSTELAÇÕES Tributo a Santos Simões	136
“A síndrome da ex-capital cultural: o futuro da cidade inquieta” por António Pinto Ribeiro	138
Mensagem do Presidente da Câmara Municipal de Guimarães	144



TEMPOS CRUZADOS

PROGRAMA
ASSOCIATIVO

TEMPOS CRUZADOS

4 de março de 2010: a história começa aqui

O Tempos Cruzados resultou do protocolo assinado, a 4 de março de 2010, entre a Fundação Cidade de Guimarães (FCG) e o movimento associativo local, tendo como principal objetivo o desenvolvimento, organização, promoção e implementação de um programa cultural e artístico, integrado na programação global de Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura. Este Programa Associativo deveria assumir como grande missão a valorização das práticas, representações, expressões, conhecimentos e aptidões da comunidade local, reforçando a sua legitimação cultural e social. No desenvolvimento deste programa cultural e artístico, o território criativo das associações concelhias revelou-se, não só, como o lugar e o tempo da memória, mas também, espaço privilegiado para a construção de um futuro em que cidadania, criatividade, conhecimento e empreendedorismo são os conceitos dominantes e aglutinantes.

Guimarães ocupa na História o espaço da criação e era incontornável que a sua comunidade fosse interveniente ativa no processo de construção coletiva desta Capital Europeia da Cultura. Contudo, na História do evento, este modelo de envolvimento do tecido associativo local é inédito. Ele decorre da avaliação que a FCG faz do papel relevante que este movimento sempre teve na configuração do espaço e do tempo cultural e artístico do concelho. A coordenação desta área de programação foi atribuída, pela FCG, a três associações do concelho: o Círculo de Arte e Recreio, a Associação Cultural e Recreativa Convívio e a Associação de Etnografia e Folclore de Guimarães. O protocolo assentou no princípio da subsidiariedade e o orçamento atribuído foi de um milhão de euros.

Os representantes, à data, das referidas associações assinaram o sobredito protocolo comprometendo-se a desenvolver um programa associativo que deveria ter como principal fonte de inspiração o património imaterial e as marcas identitárias de Guimarães, das tradições de raiz e génese popular à criação contemporânea; ser único, partindo de um quadro conceptual próprio, ainda que organizado em projetos parcelares. O consórcio associativo deveria, ainda, alargar a participação no programa a outros agentes associativos.

Considerando a novidade do projeto, a bibliografia, bem como outras fontes de informação e conhecimento, disponíveis sobre a construção de um programa cultural local e associativo em rede, que preservasse as identidades territoriais e reforçasse as práticas culturais e artísticas da comunidade local, era (é) escassa. Na década de 1990, todavia, Augusto Santos Silva, desenvolveu a sua tese de doutoramento no cenário da comunidade local de São Torcato, assumindo como um dos campos da análise sociológica o cruzamento simbólico dos tempos da ruralidade e da fábrica. A análise cultural dos processos sociais, levada a cabo em “Tempos Cruzados: um estudo interpretativo da Cultura Popular” consiste numa viagem por vários territórios e referências. No entanto, a análise prática centra-se em São Torcato, uma freguesia de Guimarães, devota ao santo evangelizador e que conserva, até hoje, um conjunto de manifestações da cultura popular. A escolha, em 2010, recaiu sobre o patronato teórico de Augusto Santos Silva que, nesta obra, centra a sua análise na reestruturação de comunidades pós-camponesas envolvidas em movimentos de industrialização difusa e polarização urbana. Em pleno século XXI, estas mesmas comunidades pós-camponesas estão ainda integradas num con-

texto tecnológico que marca os seus acontecimentos do quotidiano, ainda que de cariz efémero. Augusto Santos Silva também considerou oportuna a deambulação por territórios como a memória, a tradição, o sagrado, a participação associativa, integrando também a religião no sistema cultural. Este périplo inclui as transformações (recentes) da comunidade camponesa; os padrões de conduta face à mudança; para terminar com aquilo que designa por encruzilhadas da sociedade local que condensava “vários mundos num só local”. Por último, são enunciadas as permanências e desigualdades de uma sociedade na encruzilhada de tempos, gerações e lugares. Em pleno século XXI, aos tempos da ruralidade e da fábrica, juntam-se os tempos do conhecimento e da criatividade.

A organização da programação obedeceu à implementação de duas estratégias. Por um lado, no foi desenvolvido um conjunto de projetos culturais e artísticos que apelaram e dependeram da participação e envolvimento de várias associações vimaranenses, tendo por base um levantamento empírico das manifestações culturais e artísticas com forte representação e expressão neste território criativo tão particular. As danças e cantares tradicionais, o artesanato, o teatro de amadores, a poesia, a valorização artística de espaços associativos e o debate aberto foram os pontos de partida para a promoção de sinergias e para a partilha de recursos entre as muitas associações locais. POP ARTE, ARTE DE RAIZ POPULAR, AQUI NASCEU PORTUGAL, PEDRA FORMOSA, MEMÓRIAS COLETIVAS SINGULARES, CIRCUNFERÊNCIAS e A FÁBRICA são, assim, as designações de sete dos oito projetos do Programa Associativo.

Por outro lado, no âmbito do CONSTELAÇÕES, o oitavo projeto, foi dirigido convite direto a associações ou redes de associações legalmente sediadas no concelho de Guimarães para que apresentassem e desenvolvessem as suas propostas criativas, a integrar na agenda comum. O CONSTELAÇÕES teve o conceito de “rede” como estruturante. Algumas associações optaram por desenvolver atividades já enquadrados nas suas programações anuais, aproveitando, contudo, o reforço financeiro para (re)pensarem essas mesmas atividades do ponto de vista da sua dimensão organizacional. No total, foram 25 propostas nos campos da Etnografia e Folclore, da Edição, das Artes Plásticas, do Cinema e das Artes de Palco (Performance, Música, Teatro).

No quadro do contrato financiamento que as Operações Tempos Cruzados e Constelações assinaram com o ON.2, o consórcio associativo optou por alargar a sua programação de 30 setembro de 2011 a 31 de dezembro de 2013, ou seja, para além do enquadramento temporal de Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura.

A edição “Tempos Cruzados: o Programa Associativo de Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura” reflete aquilo que foram 28 meses de agenda cultural associativa, possíveis num contexto financeiro de exceção, que deixaram marcas e incutiram mudanças em todos aqueles que quiseram, realmente, fazer parte.

CIRCUNFERÊNCIAS

Círculos abertos de debate e reflexão sobre as problemáticas abordadas pelo Tempos Cruzados. Este projeto teve como objetivo alargar o debate à comunidade sobre o quadro concetual que inspirou este Programa Associativo, através da partilha de experiências e saberes com personalidades que contribuíram para a sua fundamentação.

CIRCUNFERÊNCIAS#1

“Cultura Local: Identidade e Transformação” por Augusto Santos Silva

30 de setembro de 2011, Associação Comercial e Industrial de Guimarães

1.

Boa noite.

Vou tentar organizar esta comunicação à volta de uma ideia muito simples, a partir do seguinte: muitos de nós, quando consideram as questões da cultura local temem que as mudanças que estão a ocorrer à nossa volta e que, na maioria dos casos, não comandamos, mas às quais nos temos de adaptar, possam prejudicar, e por em causa, a nossa identidade. Eu gostaria de argumentar em sentido contrário.

Entendo que não vale a pena lutar contra as mudanças a partir da reivindicação de uma identidade situada apenas no passado e que fosse ela própria imutável. A sua defesa tornar-nos-ia uma espécie de novos D. Quixotes, vendo os cavaleiros onde estão apenas moinhos de vento e, portanto, incapazes de fazer afirmar as nossas posições. Para além disso, defendo que as mudanças são elas próprias oportunidades para dar um novo conteúdo, forma e capacidade de afirmação à nossa identidade. As culturas locais, realidades que não estão paradas no tempo, são realidades plásticas, heterogêneas e em mudança. O nosso mundo, como dizia Camões, está em constante mudança e nós devemos ver nessa mudança e no processo de transformação que ela nos exige, não um perigo, mas sobretudo uma oportunidade para valorizar e projetar a nossa identidade.

Para fazer esta demonstração, gostaria que ficassemos pelos significados mais simples das expressões “cultura” e “local”. A cultura a que me refiro neste contexto refere-se às diversas possibilidades que temos de nos exprimirmos, e de consumirmos e fruirmos expressões de outros. Quando falamos em “cultura local” limitamo-nos a um dado território. A cultura não se faz na atmosfera, nem num vazio, mas inscreve-se numa escala e num território, podendo ser a escala mundial, a regional, nacional, subnacional e local. Quando falamos da cultura local, referimo-nos justamente àquilo que é feito no território que habitamos, o que tem a ver, não com o que nós fabricamos ou produzimos, mas sim com a expressão, a comunicação, a linguagem e a fruição da criação, nossa ou de outros.

Aceitando esta explicação, consideremos a cultura através dos seus níveis de consumo, isto é, a partir do Eu consumidor beneficiário da criação, da produção, da oferta de serviços e de bens culturais e de acontecimentos culturais de outros. Esta posição de consumidor cultural integra, já em si, muitas possibilidades.

Podemos e devemos falar dos consumos culturais domésticos, os mais predominantes e quotidianos, tão naturais ao ponto de não os concetualizarmos nem os descrevermos como consumos culturais. Todavia, quando vemos televisão, lemos um livro, ouvimos um disco, estamos a consumir produtos de indústrias culturais que nos chegam a casa. Algum deles são a nossa mobília, o membro mais presente no quotidiano familiar e, para muitas pessoas que vivem isoladas, a única companhia, o único amigo



no quotidiano: refiro-me à televisão, naturalmente, mas também à rádio. Estes são consumos culturais de portas adentro.

Ao mesmo tempo, temos os produtos culturais que consumimos de portas para fora. Para assistir a um espetáculo, ir ao cinema, realizar atividades de convívio em ambiente mais ou menos cultural, musical, desportivo, o que seja. A esses consumos de bens das indústrias culturais, dos grandes espetáculos e do cinema, temos de acrescentar os consumos das chamadas artes performativas. Estas são as artes que só existem na medida em que um conjunto de intérpretes efetiva e realiza, à nossa frente, o espetáculo cultural: o teatro, arte performativa por excelência, o concerto ou recital, a dança ou as atividades interdisciplinares que combinam tipicamente disciplinas de teatro, de dança ou de música.

Há ainda aqueles consumos culturais que implicam visitas a instituições culturais. Típicos exemplos são os museus e as exposições temporárias, isto é, um tipo de consumo que implica não apenas uma saída da nossa casa, mas a entrada numa instituição concebida e organizada publicamente como uma instituição cultural.

Há que acrescentar as atividades de participação, comunicação e expressão pública associadas a estes consumos. Nos grandes espetáculos desportivos ou concertos musicais, não podemos falar apenas de consumo porque há uma participação das pessoas. O ambiente de festa e efervescência coletiva desenvolvido é, também, uma ocasião de expressividade, de comunicação, de convívio público e de participação.

Ora, estas práticas estão articuladas com outras dimensões da nossa vida e essa é também uma das grandes potencialidades da vida cultural. Consumir cultura é uma função social tão nobre como outra qualquer. Aliás, demoraram muitos séculos e muito esforço para que o direito ao lazer fosse reconhe-

cido à generalidade das populações, e a maioria dos sete mil milhões de pessoas que habitam hoje o mundo ainda não tem esse direito. Portanto, como sociólogo da cultura, não fico nada impressionado quando vejo as pessoas associarem os seus consumos culturais ao lazer e ao entretenimento, e fico sempre muito perplexo quando vejo artistas, programadores ou gestores culturais dizerem, com alguma arrogância, “cultura é uma coisa e lazer é outra”. Errado! O que há de possibilidade de entretenimento ou lazer é um ativo da cultura e não o seu prejuízo.

Mas cultura não é apenas lazer ou entretenimento. É também aquilo que na minha disciplina se designa por socialização e que se pode traduzir para este efeito como convívio, coexistência, relação, encontro entre as pessoas. As atividades culturais designadamente as atividades populares, as festivais, as atividades culturais de ar livre, as atividades culturais de plena acessibilidade, isto é gratuitas ou quase, são tipicamente também atividades de socialização. São atividades também importantes no percurso de formação das pessoas, têm uma dimensão e um potencial de educação muito presentes. Parte considerável das atividades culturais são também fatores de comunhão, de sentido comunitário, de afirmação de identidade. Por exemplo, o Festival Folclórico Internacional de São Torcato é um dos momentos fortes de afirmação da identidade daquela vila, assim como as Gualterianas são um momento forte de afirmação da identidade cultural urbana de Guimarães e assim sucessivamente.

Ainda que as atividades culturais estejam ligadas, muitas vezes, a espetáculos musicais dirigidos expressamente a grandes massas, e em particular, a classes etárias juvenis, mesmo quando esses grandes espetáculos culturais têm propósitos comerciais claros, sendo conhecida a associação a grandes marcas e ainda, quando essas atividades culturais têm o propósito de comunicação e propaganda no sentido político pejorativo; ainda assim, nessas circunstâncias, há um potencial associado à cultura que deve ser valorizado sem receio.

Portanto, vejam a enorme diversidade que são os consumos culturais, as competências que eles nos exigem, desde os sítios em que os fazemos e os movimentos e encontros que eles nos requerem. Imagine-se também as diferentes dimensões da nossa vida pessoal e social, mobilizadas e mobilizáveis em termos culturais, entretenimento, lazer, sociabilidade, formação, sentido de comunidade, afirmação de identidade coletiva, sentido de pertença, afirmação pública do “nós”, unidos que somos e singulares em relação aos outros. Estas atividades ligam-se, por sua vez, a atividades de participação, de expressão propriamente dita.

Isto é, não apenas contactamos com obras, linguagens produzidas por outros. O indivíduo e o seu grupo produzem as suas próprias significações: comunicamo-nos, exprimimo-nos, veiculamos mensagens ou criamos e recriamos obra. Apercebemo-nos disso não apenas quando olhamos as artes nobres, no sentido das classificações sociais correntes -as artes plásticas, a literatura, o teatro, a chamada música clássica-, mas também quando deparamos com as artes populares - o artesanato, a etnografia, o folclore -, e para essa zona em expansão, na falta de melhor expressão, chamemos-lhe artes intermédias - a fotografia, grande parte das chamadas artes digitais, certas formas de cinema, certas formas de artes plásticas não clássicas -, portanto, quando há a preocupação de não referir apenas a cultura erudita e considerar também, de um lado, as artes tradicionais e, do outro, as artes intermédias, facilmente podemos verificar, em Guimarães ou em qualquer outro contexto, como os consumos culturais se associam a criações culturais propriamente ditas, para formarem culturas locais.

Vê-se isso bem quando segmentamos as sociedades, olhando para os grupos etários, as gerações que se vão sucedendo e cruzando na nossa vida coletiva, as classes sociais, as qualificações escolares, as pertenças profissionais e, evidentemente, os territórios, mais urbanos ou mais rurais, ou então, como é o caso do Norte português e particularmente do Vale do Ave, os territórios onde urbano e rural praticamente não se dissociam e estão imbricados um no outro.

2.

Do ponto de vista da identidade e das expressões, tudo isto é cultura local. É também cultura local a multiplicidade de agentes (pessoas ou instituições) que intervêm neste quadro. Fazendo um exercício de distinção aplicável ao caso de Guimarães, cheguei a oito categorias diferentes de agentes que podem ser, típica e corretamente, identificados como agentes culturais, agentes de produção, organização ou gestão da cultura local.

Primeiro, o município. Quer no sentido das autoridades municipais, quer no sentido dos serviços municipais, é um agente cultural muito importante em contextos de cultura local.

Em segundo lugar, as instituições culturais públicas, enraizadas no território. Incluiria aqui o Centro Cultural Vila Flor, o Museu Alberto Sampaio, a Biblioteca Municipal, o Arquivo Alfredo Pimenta, a Sociedade Martins Sarmento – entidade pública num sentido não estatal. Trata-se de um conjunto de instituições culturais locais que definem uma espécie de infraestrutura básica da vida cultural, na mesma maneira que o saneamento, a energia, a água são infraestruturas básicas da organização urbana.

Num terceiro grupo de agentes incluiria a universidade e as escolas, em particular as escolas secundárias e as escolas profissionais artísticas. Acrescentaria também um quarto grupo de agentes culturais, os média, os média locais, a imprensa local, as rádios locais e os novos média eletrónicos que cada vez mais se difundem capilarmente pelo território.

No quinto grupo, acrescentaria as associações culturais, *stricto sensu*. Em Guimarães, o Convívio, o Círculo de Arte e Recreio, o Cineclube e tantas outras: distingui-las-ia, por razões que julgo que ficarão claras, de um outro grupo a que chamaria coletividades, isto é, associações enquanto formas de organizações das pessoas, em relações às quais a cultura não é um objeto de interesse principal. São organizações sobretudo transversais, muitas delas desempenhando funções de natureza social, ou então grupos sobretudo de convivialidade ou tradição integrando componentes culturais muito importantes.

Como penúltimo grupo incluiria os promotores privados, os donos de galerias, os promotores comerciais em sentido técnico “privados”. E, finalmente, chamaria a atenção para o facto de, no campo da cultura, ser muito importante não perder de vista os círculos informais que não chegam a institucionalizar-se e os grupos semiformais, muito importantes entre a juventude e, designadamente, entre a juventude estudantil. Ora, para se definir e perceber bem o que é uma cultura local, é necessário responder a quatro perguntas relativas a estes agentes culturais.

Primeira: como é que se relacionam entre si? Como é que se estrutura a sua relação? Nalguns casos estamos perante a imagem de uma rede, como a rede de pesca, mais lassa, de relações mais horizontais e estendida em múltiplas direções. Noutros casos, estamos perante um sistema com uma hierarquia mais pronunciada, mais dependente, de um centro quando ele existe, normalmente o município.

A segunda pergunta questiona quem funciona como pivô nesta rede de agentes culturais. É o município? É a universidade? É uma ou várias associações culturais? Quais?

A terceira pergunta é: como se inscreve esta rede no meio e na dinâmica urbana? Num momento interessante da primeira metade da década de oitenta, um observador atento poderia identificar fatores de alguma dissociação e estranheza recíproca e, em alguns momentos, hostilidade entre essa rede de agentes culturais e o resto da dinâmica urbana. No meu ponto de vista, em Guimarães essa dissociação foi superada, dando-se a integração. Um exemplo contrário são as características dificuldades sentidas por cidades universitárias, como Coimbra, nas quais há um corte muito grande entre o que é a vida urbana no tempo escolar e o que é a vida urbana nas pausas escolares, justamente porque esses dois círculos tendem a separar-se e não a intersectar-se.

Finalmente, como é que esta rede de agentes culturais se inscreve na economia e na sociedade local? Para quem faça o mínimo de esforço de olhar para as coisas sem preconceito, sem ideias feitas, tentando descrevê-las, identificá-las, caracterizá-las, conhecê-las, para quem fizer este esforço é evidente

que aquilo a que chamamos a nossa cultura local está muito longe de ser uma coisa parada, única, homogênea. Pelo contrário, é um processo em movimento, ela própria em transformação, diversíssima entre si, heterogênea, caracterizada por uma pluralidade de instituições e gostos, de atitudes e práticas.

3.

Porque fazemos muitas coisas quando nos envolvemos em práticas culturais, pomos naquilo que fazemos muito da nossa capacidade de nos exprimirmos publicamente, de interagirmos, de nos encontrarmos, de participarmos nas coisas coletivas. Porque a cultura se cruza com muitas coisas da nossa vida: a educação, o lazer, o trabalho, a profissão, a política, etc.. Porque são múltiplos os agentes que intervêm neste microcosmos que é a cultura local e, por isso mesmo, é extremamente redutor querer definir a cultura local de uma cidade média como é Guimarães a partir apenas de um, dois, três, ou n símbolos do passado.

Devemos antes fazer um esforço para aproximarmos das marcas identitárias que possam surgir da cultura viva ao nosso lado, assim como das novidades que ela comporta, em vez de ficarmos apenas presos aos estereótipos. Foi preciso muito esforço para que o Porto compreendesse que o Vinho do Porto era uma marca muito importante que não devia abandonar, que ter servido a carne aos lisboetas que partiram numa expedição para África e ficado com as tripas era um facto que devia ser louvado e recordado pelos séculos fora, que era, evidentemente, muito importante, em contexto de oposição à ditadura, salientar que o Porto era uma cidade burguesa e invicta, isto é, que nunca tinha sido vencida no século XIX e século XX; mas que, sem colocar em causa nada disto, o Porto podia dizer também que era a escola da arquitetura, a cidade de Siza Vieira, de Souto Moura, de Manoel de Oliveira e da escola de cinema de animação, a cidade das coisas vivas. Uma coisa, a identidade pelo passado, em nada prejudica a outra, a identidade pelo presente. A sua combinação, tantas vezes tensa e difícil, não só torna mais realista a nossa imagem, como a torna mais viva e produtiva. Porque, se a cultura é um leque de possibilidades de expressão e de fruição que nos são oferecidas, então ter esta imagem viva e dinâmica aumenta e alarga esse leque de possibilidades e permite compreender melhor o que está realmente a acontecer à nossa volta.

Falando do ponto de vista da cultura local, tais mudanças e transformações, designadamente nos processos de produção e comercialização das grandes indústrias criativas, ou nas artes culturais eruditas, são em grande parte mudanças exteriores, exógenas, vêm de fora, não são comandadas pelos atores locais. Estes é que têm de se adaptar e procurar integrá-las, confrontando-se com elas. Ainda assim, não deixam de ser oportunidades, desafios, horizontes a abrir.

É que no campo da cultura, como noutros campos sociais, mas com particular vigor no campo da cultura, estamos muito longe do mundo unipolar e uniforme, um mundo onde tudo seria produzido por um centro e difundido a partir desse centro, sem remissão pelo resto do espaço. Pelo contrário, também na cultura vivemos num mundo de múltiplos centros. Por exemplo, os principais centros produtores de cinema, no limite mínimo, são Hollywood e Bollywood, isto é Estados Unidos e Índia. Outros centros polares do ponto de vista de cinema de circulação mundial poderiam ser considerados. O mesmo em relação à música. Na pop, o grupo que mais dinheiro faz nas suas digressões não é americano, não é inglês, são os irlandeses U2. Nas artes plásticas podemos encontrar múltiplos centros. A periferia, em muitos casos, é um ativo, um valor que pode ser acrescentado. Na música, por exemplo, o que vale no género chamado world é a capacidade que o artista tem de projetar uma diferença, uma singularidade, periférica que seja. A organização dos circuitos mundiais e europeus de produção e difusão cultural favorecem especializações, pequenos nichos. O cinema de animação durante muito tempo foi um nicho franco-canadiano, que no seu melhor momento, nos anos noventa, Portugal também integrou. A multiplicidade e a pluralidade das tradições, pode resultar também de um valor de afirmação nacional. Quero com isto dizer

que tudo que potencia a diversidade é valorizável do ponto de vista cultural e por isso mesmo, seja à nossa própria escala interna, seja às escalas mais amplas em que nos inserimos, podemos potenciar a diversidade e afirmar a nossa diferença e singularidade.

A última recomendação que eu faria a programadores culturais ou a gestores culturais seria que procurassem aproximar-se, digamos, de um mainstream. Nunca conseguirão! Mas se fizerem valer justamente as suas diferenças específicas, como se diz na lógica, poderão no limite até integrar esse mainstream, essas correntes hegemónicas.

E (para fazer jus ao título da conferência) nunca esquecer que a mudança não é projetável numa flecha de tempo, numa lógica de que o que vem de novo apaga o antigo. Pelo contrário, a mudança é um feixe de coisas que se cruzam umas com as outras. Não vivemos num tempo presente que teria apagado o passado e que o futuro se encarregaria de apagar mais tarde ou mais cedo. Vivemos numa espécie de mosaico, de puzzles de tempo e isso tem um valor cultural muito importante. Plasticidade, dinamismo, diversidade, pluralidade são essas as palavras a partir das quais devemos considerar a cultura local e a partir das quais não devemos ter receio que as mudanças possam prejudicar as nossas identidades. Pelo contrário, não só permitem ajustar as nossas identidades como permitem atribuir-lhes valor.

4.

Se tudo o que afirmei tem algum sentido, então há três perguntas finais que podem ser feitas e nos orientarão para o sentido prático.

A primeira pergunta é: qual é o papel do associativismo nisto? Quer dizer, como é que pode ser o entendimento moderno do associativismo? Pois pode ser justamente valorizar aqueles que já são hoje os pontos fortes do associativismo - e faria ressaltar cinco.

O primeiro é o seu enraizamento comunitário. Usando uma expressão de que gosto muito: o associativismo é uma das realidades sociais que se situam ao nível do rés-do-chão. Quer dizer, está próximo das coisas, das pessoas, das terras, das comunidades que vamos organizando. Este enraizamento comunitário é um dos pontos mais fortes do associativismo popular, em particular do associativismo em torno das grandes forças imateriais de mobilização de energias coletivas. Quais sejam, em primeiro lugar, onze tipos vestidos de calções a correr atrás de uma bola e a tentar enfiá-la numa baliza, é a principal força de mobilização de energias coletivas que eu conheço em Portugal com a vantagem de ser mais compreensível do que, por exemplo, o basebol (que é uma grande força de mobilização de energias coletivas nos Estados Unidos da América). E, logo a seguir, encontro atividades culturais que atrás foram designadas de estivais, gratuitas, públicas e ao ar livre, os festivais folclóricos, mas também, as raves da nossa juventude urbana. Quer percorramos todos os grupos que fazem parte da associação etnográfica, quer visitemos também as ruas de Guimarães a partir de certas horas da noite, aquando das Festas Nicolinas, ou em qualquer momento devidamente convencionado da semana, temos o resultado do enraizamento comunitário, da proximidade e pertença social. A identidade tem sobretudo a ver com esta pertença a um grupo, a nossa referência a um grupo e esse é um dos pontos fortes do associativismo que deve ser valorizado.

Segundo ponto forte, o enraizamento no tempo. Se o primeiro é enraizamento no espaço socializado, o segundo é o enraizamento no tempo, isto é história, espessura, densidade, essa coisa que faz por exemplo, a diferença entre Londres e Las Vegas, que é o facto de Londres, Lisboa, ou Guimarães terem três dimensões ao passo que Las Vegas só tem duas: não tem história. Essa coisa que faz que nós gostemos mais da igreja de Notre Dame ou do nosso Mosteiro de Alcobaça do que da maior igreja "gótica" existente no mundo, que foi construída no século XX, na América do Norte. Nós sempre preferimos a espessura, o enraizamento na duração, não o tempo representado e apercebido pelas pessoas.

Terceiro ponto forte, o voluntariado, no sentido de atividades voluntárias, benévolas, um serviço que



02 | Após a intervenção inicial, António Amaro das Neves, Olívia Santos Silva e Manuel Jacinto Sarmento proferiram algumas considerações e colocaram novas questões a Augusto Santos Silva.

cada pessoa faz a outros. O exercício da vontade: faz-se porque se quer e muitas vezes quer-se fazer porque já os pais, os avós, os bisavós, os trisavós e os tetravós queriam. Não interessa porquê, mas há um querer, uma vontade, isto é uma condição de sujeito, eu faço alguma coisa, nem que seja como mordomo a organizar a procissão na minha irmandade, num certo dia. Faço.

Quarto ponto forte, aquilo que se poderia chamar multifuncionalidade. Muitas das nossas associações culturais são também associações de convívio, de entreajuda, são também, por exemplo, lobbies políticos paroquiais. São múltiplas as funções e cada um dos participantes fá-lo em vários níveis: um é monitor, outro já foi formando e agora é formador, um é participante no sentido em que faz uns biscates, o que no circuito profissional se chamaria as profissões técnicas, faz de luminotécnico, de sonoplasta à sua maneira e, vai-se a ver, afinal é um simples e vulgar eletricista que faz isso nos seus tempos livres em favor dos seus vizinhos. Esta multifuncionalidade é um dos pontos mais fortes do associativismo. Quinto ponto forte - e é preciso mesmo convencer alguma da velha guarda do nosso dirigismo associativismo que é mesmo um ponto muito forte: a diversidade. Se o quisermos caracterizar só podemos declarar no plural. O Convívio é muito diferente do Rancho Folclórico da Corredoura, assim como o Circulo de Arte e Recreio é muito diferente do Cineclube, assim como o Notícias de Guimarães, é muito diferente da Rádio Fundação, etc. etc.

Portanto, qual pode ser um papel, um programa de fomento de associativismo, assente na compreensão clara, sem medo, do que é a cultura local, em contexto de transformação? A resposta é muito simples: valorizem aqueles que já são hoje os pontos fortes do associativismo, da dinâmica associativa e das associações.

A minha segunda pergunta é: como é que se articula o movimento associativo, com que atores e de que forma? Tenho também uma resposta muito clara e simples: a articulação tem de ter pivôs. E não há na minha opinião possibilidade, hoje e num futuro próximo, de contornar (dispensar e passar ao lado) as instituições públicas nessas funções de pivôs. Não só é a sua responsabilidade, como também são as instituições que mais legitimidade e mais capacidade têm para fazê-lo. Refiro-me às câmaras municipais, às juntas de freguesia de dimensão relevante, às associações intermunicipais em diferentes escalas; mas falo também de instituições culturais como os museus, as sociedades, as bibliotecas públicas, etc. Não pensemos que poderíamos dispensar os serviços públicos, as instituições públicas e as políticas públicas (uso "política" no sentido de ação deliberada, coerente, escrutinável, avaliável e debatível, portanto, criticável).

Terceira pergunta: o que é que Guimarães 2012, Capital Europeia da Cultura, pode trazer? Encontro três respostas principais para esta pergunta. A primeira é que a Capital Europeia da Cultura, pelo nível

de programação e de investimento que exige, é uma espécie de subida da parada, subida de escala. É muito importante, qualquer que seja o jogo, essa atitude de nos confrontarmos com aquilo que aparentemente nos podia parecer uma impossibilidade, e nunca perdermos de vista que possibilidade e impossibilidade têm a mesma origem. O impossível é-o até ao dia em que se torna possível. É muito importante que 2012 seja uma ocasião de nos confrontarmos com horizontes um pouco mais vastos e se coloque o adjetivo local com menos força do que o substantivo cultura.

O segundo elemento da minha resposta é que Guimarães está num bom ponto de partida. Porque tem marcas fortes e muito próprias; por exemplo, a forma de requalificação do seu centro histórico, o facto de ter um nível de apetrechamento em matéria de infraestruturas básicas muito razoável, muito interessante. Basta pensar no centro cultural, no museu, na biblioteca pública, na rede associativa, no sentido de que há vários anos várias associações culturais locais estarem habituadas a cooperação e iniciativa conjunta. Basta ter isto presente, e o trabalho em rede que se faz hoje, a programação cultural e a vitalização das instituições que há muitos anos é familiar a Guimarães.

O meu terceiro elemento de resposta é este: em relação ao figurino das capitais culturais europeias há sempre o medo de que a coisa se esgote no momento, que seja um ano excecional, sendo excecional um adjetivo que tem uma carga positiva porque foi muito bom, e uma pequena carga negativa, porque se é excecional, não é rotina, foi único e singular. Essa preocupação é legítima e é muito importante que a tenhamos presente e nos preocupemos com os efeitos duradouros da Capital Europeia. Justamente apostar numa presença forte do movimento associativo na preparação e desenrolar da Capital Europeia é uma forma muito importante de garantir efeitos duradouros, enraizando-se no tecido cultural e social local.

Devo confessar à audiência que poucas pessoas conheço mais otimistas do que eu. Faço aliás questão de ser otimista quando falo designadamente de cultura porque, justamente, a cultura tem a ver com possibilidades e, quem não acredita nas possibilidades, não está a fazer nada nessa área. Mas devo dizer que o meu otimismo me parece, no caso presente, fundado. Também é vontade, certamente, mas é muito realismo.

Muito obrigado.

Transcrição da autoria de Esser Jorge Silva, revista e validada pelo autor.

ARTE DE RAIZ POPULAR

Oficinas Criativas

setembro de 2011 a março de 2012

O projeto ARTE DE RAIZ POPULAR sustentou a sua orientação metodológica no desenvolvimento de Oficinas Criativas promotoras da aprendizagem de novas práticas organizacionais, culturais e artísticas. A ação pedagógica destas oficinas dirigiu-se especificamente aos públicos e atores das associações que se encontravam comprometidos com este programa de empoderamento e capacitação individual e institucional. O projeto, desta forma, perseguiu um duplo objetivo: o de contribuir para o robustecimento das competências individuais dos atores das associações e concomitantemente para o reforço e a melhoria das práticas organizacionais da criatividade associativa.

O financiamento necessário para a implementação de 13 Oficinas Criativas (Projeto I, Projeto II, Redes Colaborativas, Expressão Musical, Expressão Dramática, Bordados I, Bordados II, Cana de Bonecos, Cerâmica, Cenografia – Fotografia e Vídeo, Design I, Design II, Arte e Comunicação) foi assegurado pela Castellaia – Centro de Formação, Lda. e pelo Instituto das Artes e da Imagem, instituições formadoras parceiras do Tempos Cruzados que, para esse efeito, recorreram ao Programa Operacional do Potencial Humano e aos Fundos Estruturais do Fundo Social Europeu.

Neste sentido, e não obstante de ser o Artesanato a área artística fulcral do ARTE DE RAIZ POPULAR, a multidisciplinaridade que a combinação/articulação de criadores trouxe abriu caminho ao desenvolvimento de um debate mais alargado sobre os cruzamentos possíveis entre o tradicional, o contemporâneo e o económico.

03 | Oficina Criativa de Artesanato – Bordados I, coordenada por Susana Piteira. Decorreu na sede do Grupo Regional, Folclórico e Agrícola de Pevidém.

04 | Oficina Criativa de Artesanato – Cana de Bonecos, coordenada por Fernando Queirós. Decorreu no Centro Recreativo Cultural e Artístico de São Torcato.



03 |



04 |



05 |



06 |



07 |

- 06 | Oficina Criativa de Artesanato – Bordados II, coordenada por Susana Piteira e Elisabete Ramos. Decorreu na sede do Grupo Folclórico da Corredoura.
 07 | Oficina Criativa de Expressão Musical, coordenada por Tiago Simões. Decorreu no Círculo de Arte e Recreio.

CIRCUNFERÊNCIAS#2

“O Artista, a Memória e o Lugar” por Francisco Laranjo

27 de outubro de 2011, Associação Comercial e Industrial de Guimarães

08 | Francisco Laranjo, Artista Plástico e Diretor da Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto, durante a sua intervenção, dia 27 de outubro de 2011, no Salão Nobre da Associação Comercial e Industrial de Guimarães.



09 | Depois da sua intervenção, Francisco Laranjo ouviu algumas considerações e respondeu a mais algumas questões feitas por Henrique Silva, Susana Piteira e João Martinho Moura.



CIRCUNFERÊNCIAS#3

“O papel dos grupos de folclore na promoção e proteção da cultura tradicional e popular”

9 de dezembro de 2011, Associação Comercial e Industrial de Guimarães



10 | Esta CIRCUNFERÊNCIA assumiu o formato tertúlia-debate e contou com as intervenções de Leonardo Charréu (Professor na Universidade de Évora e membro do Conselho Científico da Homo Taganus – Associação de Estudo e Defesa da Etnografia e do Folclore do Ribatejo), Paulo Cruz (em representação da FCG), Carlos Oliveira (Presidente da Associação de Etnografia e Folclore de Guimarães), Carla Carvalho (vocalista dos Xícara) e José Ribeiro Pinto (Presidente da Rusga de São Vicente de Braga).



11 | Guimarães tem 24 grupos folclóricos. Representantes de vários deles estiveram presentes nesta CIRCUNFERÊNCIA e interpelaram os convidados com algumas questões.



AQUI NASCEU PORTUGAL

IX Fórum Permanente de Teatro I Fórum de Teatro Ibérico

13, 14 e 15 de janeiro de 2012, Campus da Universidade do Minho de Azurém

O Fórum Permanente de Teatro é uma das principais atividades da FPTA – Federação Portuguesa de Teatro. Acontece em dois momentos do ano, janeiro e setembro, variando o município de acolhimento, mas sempre em parceria com um dos seus associados. A criação de espaços e tempos de (in)formação é o principal objetivo deste encontro onde se promovem Oficinas Criativas, debates e se realizam espetáculos. Por proposta do TERB – Teatro de Ensaio Raul Brandão, grupo de teatro de amadores do Círculo de Arte e Recreio, a IX Fórum Permanente de Teatro realizou-se em Guimarães, em ano de Capital Europeia da Cultura. Nos dias 13, 14 e 15 de janeiro, a cidade recebeu aquela que foi, até à data, a maior festa do teatro associativo ibérico, assistindo-se a um recorde ao nível da participação em Fóruns Permanentes de Teatro. Estiveram presentes 32 estruturas associativas de Portugal e Espanha, num total de 290 participantes.

12 | Nestes três dias de atividades, além das duas Oficinas de Projeto para Dirigentes Associativos e das 13 Oficinas Criativas em Interpretarão, Dramaturgia, Adereços, Iluminação, Desenho de Som e Caracterização, fez-se uma homenagem a Gil Vicente, vimezanense ilustre e pai do teatro português.

13 | O espetáculo “El Último Recuerdo”, pelo Grupo de Teatro de la Asociación Cultural “La Linterna Mágica”, originário de Cáceres, Espanha, foi um dos que preencheu a agenda deste Fórum. Outro dos espetáculos apresentados foi “O Assassinato de Agra, Estória de Cordel”, pelo TERB.





CIRCUNFERÊNCIAS#4

“Criar Teatro” com Hélder Costa

27 de janeiro de 2012, Associação Comercial e Industrial de Guimarães

AQUI NASCEU PORTUGAL tratou-se de um projeto estritamente vocacionado para as artes cénicas, protagonizado pelos grupos de teatro de amadores e por grupos de teatro escolar do concelho de Guimarães. As três principais ações deste projeto (Aqui nasceram HISTÓRIAS e ESTÓRIAS, Aqui nasceu GIL VICENTE e Aqui nasceu AFONSO HENRIQUES) tiveram coordenação artística e orientação dramática de Hélder Costa, reconhecido ator, encenador, dramaturgo e produtor português, cofundador da prestigiada companhia de teatro A BARRACA.

Estas ações tiveram como linha orientadora o elogio das figuras identitárias de Guimarães, tanto à escala local como nacional. Desde a valorização das lendas e histórias locais, passando por Gil Vicente – “pai do teatro português” – até à incontornável figura de D. Afonso Henriques, o desenvolvimento foi feito através da promoção de espaços e tempos de formação e aprendizagem.

Neste sentido, o quarto círculo aberto de debate e reflexão foi protagonizado por Hélder Costa e marcou o arranque do projeto para o teatro de amadores.

14 | Hélder Costa durante a sua intervenção, dia 27 de janeiro de 2012, no Salão Nobre da Associação Comercial e Industrial de Guimarães.

15 | Depois da sua intervenção, Hélder Costa ouviu algumas considerações e respondeu a questões colocadas por Rafael Vergamota (Presidente da Federação Portuguesa de Teatro), Marcos Barbosa (Diretor Artístico do Teatro Oficina) e Romeu dos Anjos Pereira (Diretor do Teatro Construção).



MARÇO DEAMBULANTE

MÚSICA, ARTES PLÁSTICAS E VISUAIS, ARTESANATO E TEATRO EM AÇÃO

ARTE DE RAÍZ
POPULAR

DEAMBULAÇÕES PELA MÚSICA

1 DE MARÇO 22h30 CÍRCULO DE ARTE E RECREIO

Criação: Oficina de Expressão Musical

Coordenação: Tiago Simões

DEAMBULAÇÕES PELA HISTÓRIA

8 DE MARÇO 21h30 PAÇO DOS DUQUES DE BRAGANÇA

Criação: Oficina de Arte e Comunicação

Coordenação: Mariana Bacelar

DEAMBULAÇÕES PELO ARTESANATO

15 DE MARÇO 21h30 MUSEU DA CULTURA CASTREJA (Briteiros)

Criação: Oficinas de Artesanato

Coordenação: Susana Piteira e Fernando Queirós

DEAMBULAÇÕES PELA CENOGRAFIA

22 DE MARÇO 21h30 CONVENTO DAS DOMÍNICAS

Criação: Oficina de Cenografia

Coordenação: Mariana Bacelar e Joana Domingues

DEAMBULAÇÕES PELO TEATRO

29 DE MARÇO 21h30 CASA DO POVO DE BRITEIROS

Criação: Oficina de Expressão Dramática

Coordenação: Eugénia Oliveira e Helena Marinho

PRODUÇÃO EXECUTIVA: Oficinas de Projeto
COORDENAÇÃO: Helena AM Pereira

ARTE DE RAIZ POPULAR

Março Deambulante

1, 8, 15, 22 e 29 de março de 2012

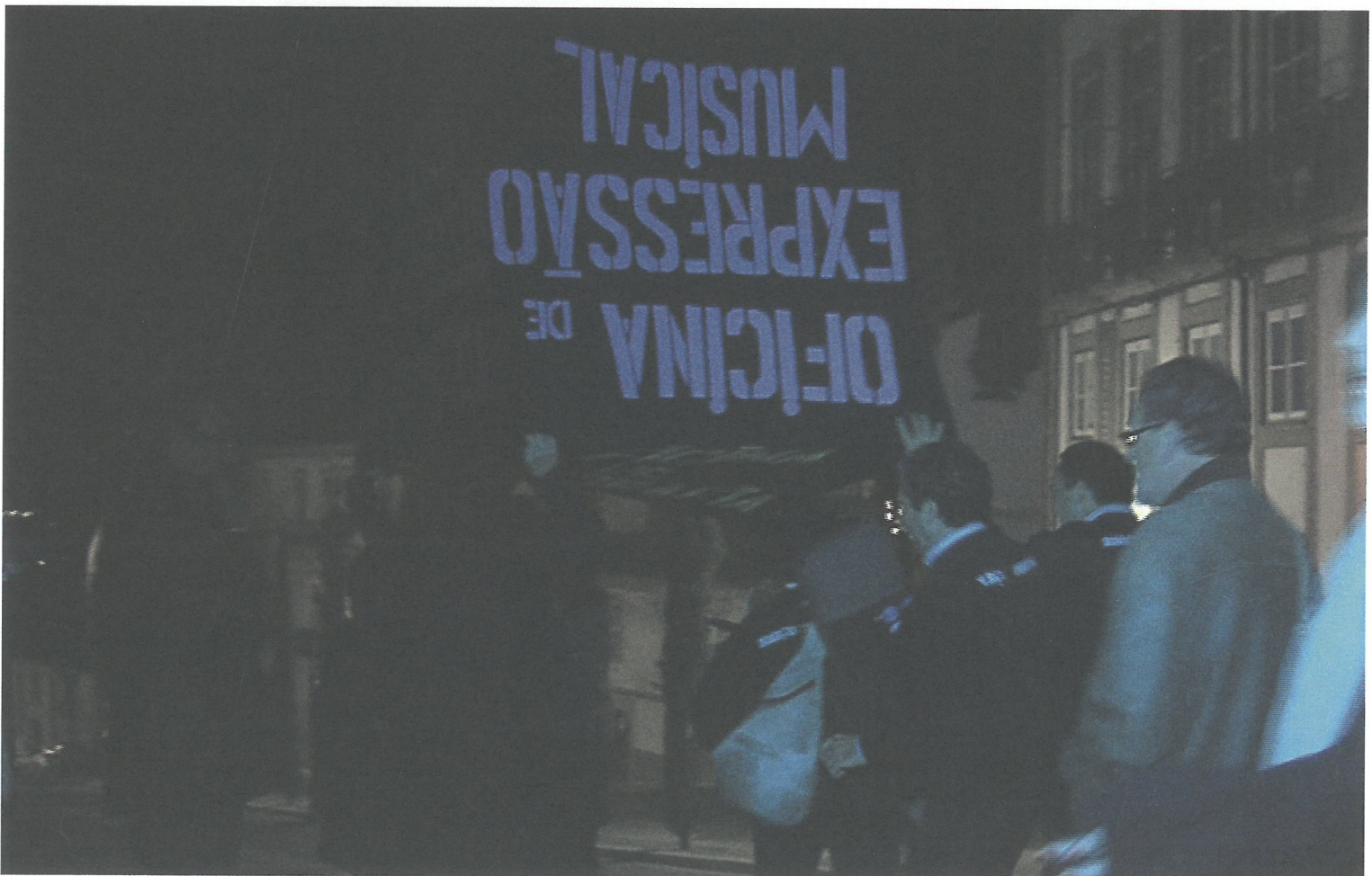
Ao longo do mês de março de 2012 foi apresentado o resultado do trabalho realizado nas 13 Oficinas Criativas que constituíram a primeira fase do projeto ARTE DE RAIZ POPULAR. MARÇO DEAMBU-LANTE foi assim o nome desta agenda integrada que teve o seu foco às quintas-feiras e se distribuiu por vários espaços públicos e associativos do concelho. A ação deambulou entre a música, as artes plásticas e visuais, o artesanato e o teatro, numa lógica, por sua vez, ambulante e de animação cultural do território e das suas comunidades. A ação contou com uma equipa de produção constituída pelos participantes nas Oficinas de Projeto.



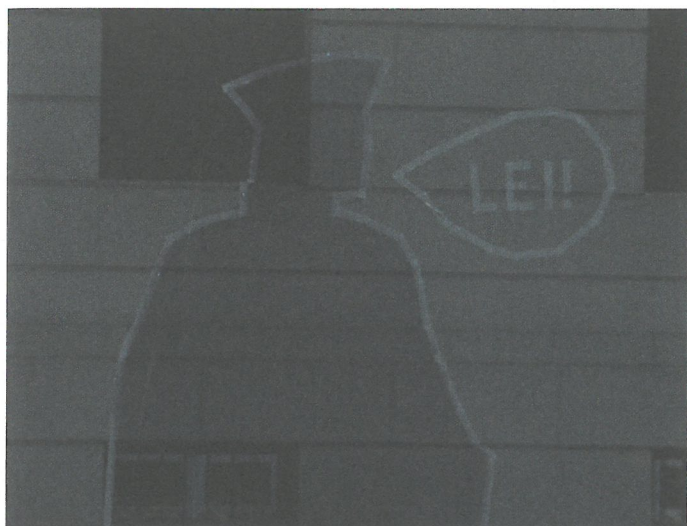
16 | Exposição Deambulações pelo Artesanato, no Museu da Cultura Castreja, em Briteiros (São Salvador).



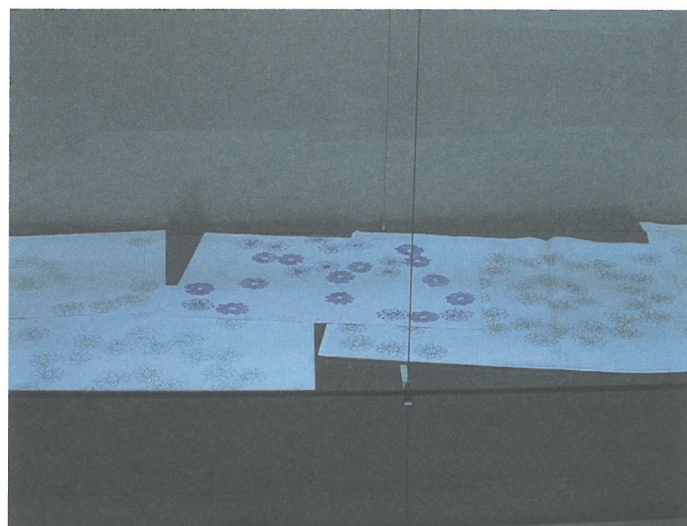
17 |



18 |



19 |



20 |



21 |



22 |

17 | Deambulações pela Cenografia no CACP (ex-Convento das Dominicais). 18 | O famoso cubo que deambulou pela cidade, durante as várias atividades, guiando os públicos. 19 | A *tape art* de Mariana Bacelar nas Deambulações pela História. 20 | Alguns dos desenhos apresentados pela Oficina de Artesanato – Bordados I, coordenada por Susana Piteira, na exposição Deambulações pelo Artesanato. 21 | Deambulações pelo Teatro na Casa do Povo de Briteiros. 22 | Atuação do grupo da Oficina de Expressão Musical na inauguração da exposição .

“O que distingue o desenvolvimento e o atraso é a capacidade de aprender”

por Susana Piteira

O que distingue o desenvolvimento e o atraso é a cultura, a qualidade e a exigência – numa palavra, a capacidade de aprender. Deixou de fazer sentido a oposição entre políticas públicas centradas no Património histórico, por contraponto à criação contemporânea.

Guilherme d' Oliveira Martins

É justamente no reconhecimento do papel da criação cultural em ligação estreita com a educação e a formação, com a investigação e a ciência que se encontra a complementaridade óbvia e necessária para que a cultura tenha um papel fundamental na dimensão política e económica hoje.

Património material e imaterial assumiram-se finalmente como complementares, na convivência que sempre partilharam entre herança e criação.

É nesta perspetiva, que devemos olhar para a pertinência do trabalho desenvolvido nas Oficinas Criativas na sede do Grupo Folclórico Regional e Agrícola de Pavidém, Esboços e desenhos de bordados regionais e do Grupo Folclórico da Corredoura, Bordados Aplicados à Decoração de Vestuário.

Tendo como primeira preocupação trabalhar a criatividade, promovendo uma perspetiva fundamentada na importância da dimensão biográfica na constituição do discurso, portanto na importância política da biografia, estes cursos, dedicaram-se à recriação de motivos e modelos assumidos como caracterizadores das tipologias dos bordados tradicionais portugueses, ensaiando a possibilidade da Educação se tornar definitivamente uma reconstrução da experiência como uma ética essencial das políticas de inclusão .

Nesse sentido, a dimensão ética e estética foram tratadas a partir da ideia de cosmopolitismo vernáculo, um instrumento novo que decorre da experiência global das minorias nacionais e da diáspora, que é o instrumento eficaz de integração, por ser aberto a todos na base de “direito à diferença em igualdade” e assim responder de forma eficaz à hegemonia da globalização .

Definidos os pressupostos do projeto que agora se apresenta, a arte e a formação (educação) adquirem um papel fundamental de intervenção social através de práticas transversais de mediação e de intercâmbio social. Ao envolver o outro na sua experiência, a arte, como justamente aconteceu no desenrolar da produção dos trabalhos das oficinas em causa, ensaiou um processo gerador de metodologias artísticas relevantes, contribuindo para a descoberta de si próprio, do outro e do meio mais próximo ou distante que nos acompanha.

Por esse facto, enunciamos a contribuição deste projeto como multidisciplinar, cujo produto final são os objetos e desenhos, que agora se expõem, fruto de um processo de descoberta em parceria, entre o que cada um já conhece, e lhe é mais ou menos consciente e aquilo que se aprende pela novidade com

outra informação, ou ainda, o que já se sabia e se consciencializa em confronto com um modo diferente, nunca antes percebido, de receber essa informação.

Em ambos os cursos e com base na anterior ideia, foi solicitado às formandas, que a partir de um desenho de um motivo de um determinado bordado tradicional português, conseguissem criar um novo motivo. Assim, a primeira aproximação foi de escolha aleatória ou afetiva, uma vez que cada uma das formandas elegeu um motivo ou um conjunto de motivos para analisar, desmontar e refazer segundo uma nova ordem, seguindo um programa imposto.

Esta aproximação pretendeu também desresponsabilizar o ato do desenho, o medo do vazio do suporte, o papel, familiarizar a mão com a ferramenta de registo, o lápis, trocando o papel pelo pano e o lápis pela agulha, aproximando do processo de projeto, que pressupõe ir mais além do ato de executar, aquele que era mais familiar, ainda assim, a algumas destas pessoas.

O passo seguinte, promoveu o atrevimento de ser capaz de atuar como indivíduo no que de mais íntimo o pode definir, criar algo que seja único, um novo motivo, que embora tenha partido de um outro já experimentado, se assume como autónomo, tomando assim consciência de si próprio, do seu carácter, que se espelha no trabalho obtido, do seu lugar no mundo e de que o que fazemos, depende do contexto em que nos encontramos, isto é das escolhas e recusas do que se nos oferece em determinado momento desse contexto e da forma como somos capazes de responder a um programa.

Estavam assim iniciadas as condições para ser capaz de desenvolver um projeto de desenho, passível de poder responder a uma obra real.

Na essência, os dois módulos solicitam o mesmo exercício, nos objetivos finais, determinaram processos, em parte distintos como passaremos a apresentar.

O trabalho do curso de Bordados Aplicados à Decoração de Vestuário desenvolve-se a partir da criação de um novo motivo de desenho num módulo quadrado, posteriormente aplicado ao bordado. O conjunto destes quadrados, todos da mesma dimensão, deu origem a uma peça coletiva, um xaile, fazendo uso dos elementos que serviram de exercício de aprendizagem do bordado e de aproximação ao projeto. Num segundo momento, o desenvolvimento dos motivos criados nos módulos regulares quadrados, deram origem a projetos individuais mais elaborados que têm correspondência nas diferentes peças de vestuário que se mostram na exposição.

No caso do curso de Bordados Aplicados à Decoração de Vestuário, depois de ultrapassado o momento de aproximação ao processo, já enunciado em cima, o programa solicitava que se desenvolvessem desenhos que, partindo de motivos ou um motivo de um determinado bordado regional, como já se referiu, se criassem novos desenhos para roupas de casa, toalhas naperons, cortinas ou até objetos com funções não antes pensadas, para os materiais e meios envolvidos.

Estava em causa aprender a fazer padrões, barras, cantos ou centros, ter noção de enquadramento e composição, conhecimento que foi experimentado e adquirido através do desenvolvimento do projeto de desenho, de que aqui apenas se expõe uma pequena amostra.

Também nos dois módulos, estava em causa adquirir o conhecimento entre as matérias e as linguagens, saber fazer corresponder uma ideia, com um determinado programa a um objeto real, deste modo, utilizar um código. Ter consciência de que, aquilo que nos permite representar uma coisa, uma ideia, uma imagem ainda não material, é conseguido através dos elementos e das regras que caracterizam a linguagem plástica em cúmplice associação com as matérias. Pontos, linhas, formas, vazios e cheios, texturas e cores, que com o seu carácter específico compõem o desenho, permitindo-nos a ilusão de que estamos perante o objeto real, traduzindo assim um outro carácter, o dos panos, das linhas, portanto das matérias e da sua expressão individual, matizados transversalmente pela constante presença da mão.

A avaliação da consequência dos processos representados e ensaiados nestas Oficinas Criativas, não

podem ainda ser inteiramente avaliados quer do ponto de vista das suas repercussões estéticas e criativas, nem das suas implicações sociais, de modo a que possamos aferir sobre a dimensão das suas possibilidades pedagógicas não formais.

No entanto, o seu contexto Pós-Colonial, que enuncia uma nova abordagem ao local / global, a possibilidade da arte contemporânea se poder assumir como instrumento de dinâmica social na qual a arte e a educação artística funcionem como meio para melhorar a compreensão do mundo e de si mesmos dos alunos e da população de uma determinada comunidade, e o reafirmar a ideia de ensaio, pois só a sua prática constante permitirá o “direito à diferença em igualdade”, permitem-nos acreditar que esta experiência será indelével.

Guimarães, 14 de março de 2012

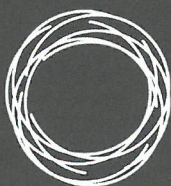
CIRCUNFERÊNCIAS#5

“Movimento Associativo Vimaranesense: Ontem, Hoje e Amanhã”

23 de março de 2012, Associação Comercial e Industrial de Guimarães

23 | 24 | CIRCUNFERÊNCIA
com registo mais informal que
contou com a participação
ativa de vários representantes
do movimento associativo
local, tais como: Eduardo Meira
(Diretor do Tempos Cruzados –
Programa Associativo), Carlos
Teixeira (ACIG), Manuel Martins
(ACIG), Manuel Jacinto Sarmento
(ADCL), Amaro das Neves
(Sociedade Martins Sarmento),
Tino Flores (C.A.R.), Carlos Mes-
quita (Cineclube), Torcato Ribeiro
(CICP), José Fernandes (Casa do
Povo de Fermentões), Joaquim
Freitas (Movimento Artístico das
Taipas), Marisa Lima (Morávia -
Associação Juvenil de Moreira de
Cónegos), Vasco Faria (Sociedade
Musical de Pevidém) e César
Machado (Vereador da Câmara
Municipal de Guimarães).





CIRCUNFERÊNCIAS

TEMPOS CRUZADOS - PROGRAMA ASSOCIATIVO

“Reflexões sobre o Trabalho, Cultura e Tecnologias Criativas no Século XXI”



Convidados:

ELÍSIO ESTANQUE

NELSON ZAGALO

TERESA SÁ MARQUES

ALBERTINO GONÇALVES

FÁTIMA ANTUNES

Apresentação do livro:

“Fabricados na Fábrica

Uma Narrativa Operária no Século XXI”

de Esser Jorge Silva

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL
E INDUSTRIAL DE GUIMARÃES

13 ABRIL 2012

21H30

CIRCUNFERÊNCIAS#6

“Reflexões sobre o Trabalho, Cultura e Tecnologias Criativas no Século XXI”

13 de abril de 2012, Associação Comercial e Industrial de Guimarães

A ação número seis do projeto CIRCUNFERÊNCIAS foi organizada em parceria com o Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho. O “Trabalho” foi a temática que ocupou os convidados numa reflexão sobre os seus contornos no futuro. Os convidados Elísio Estanque, Nelson Zagalo, Teresa Sá Marques, Fátima Antunes e Albertino Gonçalves, docentes de várias Universidades, apontaram algumas reflexões a partir de vários olhares.

Como será, no futuro, o trabalho? Continuará o trabalho a nortear o ser social? Que novos e desconhecidos realinhamentos estão reservados para o trabalho? Quais as novas (re)configurações sociais? Foram apenas algumas das questões colocadas pelo moderador, Esser Jorge Silva, e que serviram de mote ao debate e à reflexão.

No final, foi apresentado o livro “Fabricados na Fábrica – Uma Narrativa Operária no Século XXI” de Esser Jorge Silva.

25 | Esser Jorge Silva e
Teresa Sá Marques.





26 |



27 |

POP ARTE POP

ETNOGRAFIA E FOLCLORE
GUIMARÃES 2012
FESTIVAIS EM REDE



AQUI NASCEU PORTUGAL

AQUI NASCEU GIL VICENTE

CRIAR TEATRO NA ESCOLA

CICLO DE CONVERSAS COM
HÉLDER COSTA

17 ABRIL | 15H00
Escola Secundária
Francisco de Holanda

18 ABRIL | 11H00
Escola Secundária de
Caldas das Taipas

18 ABRIL | 20H30
Agrupamento de Escolas
Gil Vicente

19 ABRIL | 14H00
Agrupamento de Escolas
Santos Simões

19 ABRIL | 18H00
Lar Santa Estefânia



AQUI NASCEU PORTUGAL

Criar Teatro na Escola

Ciclo de Conversas com Hélder Costa

17 a 19 de abril de 2012

No seguimento da CIRCUNFERÊNCIA de 27 de janeiro de 2012 e em parceria com os estabelecimentos de ensino do concelho de Guimarães que apresentariam espetáculos no âmbito do Aqui Nasceu GIL VICENTE, promoveu-se um ciclo de conversas com Hélder Costa que, segundo o próprio, tiveram como objetivo promover “a libertação dos participantes dos pontos de vista físico, vocal e criativo”.

28 | Hélder Costa na Escola Secundária de Caldas das Taipas.

29 | Criar Teatro na Escola Secundária Francisco de Holanda.



MEMÓRIAS COLETIVAS SINGULARES

Ao longo de todo o ano de 2012, os espaços da Associação Cultural e Recreativa Convívio e do Círculo de Arte e Recreio acolheram um conjunto de residências artísticas que tiveram como objetivo transformar e valorizar diferentes espaços destas duas associações vimaranenses. Foram convidados diferentes artistas plásticos e visuais para realizarem uma intervenção plástica utilizando como fonte de inspiração material pertencente aos seus arquivo, tais como: cartazes, fotografias, vídeos, objetos, vestuário, entre outros. Pretendeu-se promover a interligação do passado associativo com a contemporaneidade, através de linguagens artísticas atuais. Os artistas tiveram oportunidade de criar em ambientes propícios à experimentação e inovação, tendo como ponto de partida a simbologia e a energia de cada um dos espaços físicos que acolheram estas nove residências.

Cada artista desenvolveu uma relação de proximidade com o espaço, projetando uma obra específica para o local. Desenvolveu a interceção e a confluência das diferentes disciplinas artísticas, no sentido de ensaiar o aparecimento de novas linguagens. Interessou a este projeto relacionar num mesmo espaço e num mesmo momento diferentes expressões artísticas: artes plásticas, design e fotografia, por exemplo.

Afastado de uma lógica comercial, este projeto dirigiu-se ao público em geral e pretendeu catapultar as associações como locais privilegiados para divulgação e estimulação da produção artística. A curadoria do projeto foi da responsabilidade de Luís Ribeiro.

MEMÓRIAS COLETIVAS SINGULARES

Residência Artística de Mafalda Santos e Isabel Ribeiro

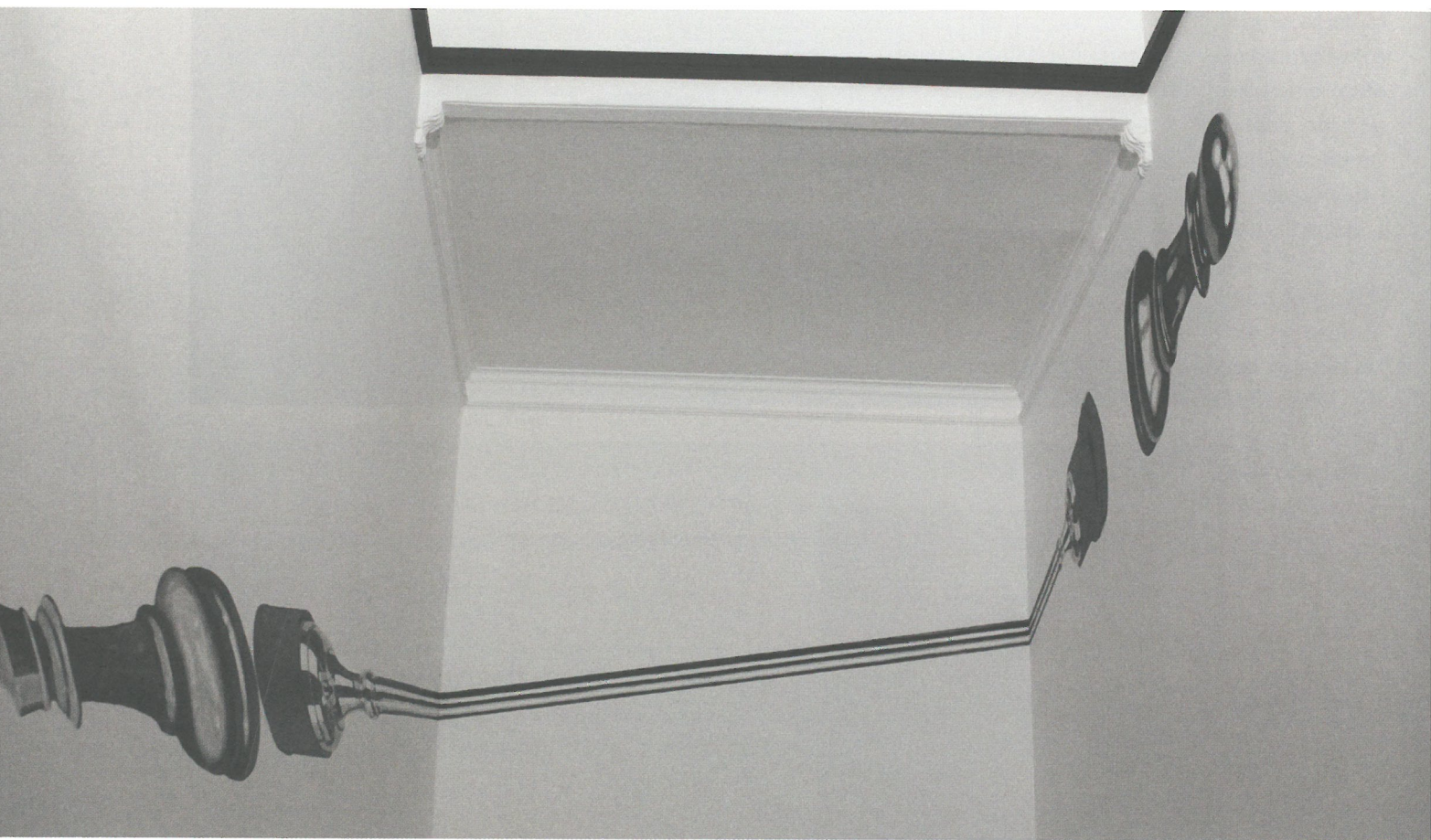
Inauguração a 20 de abril de 2012

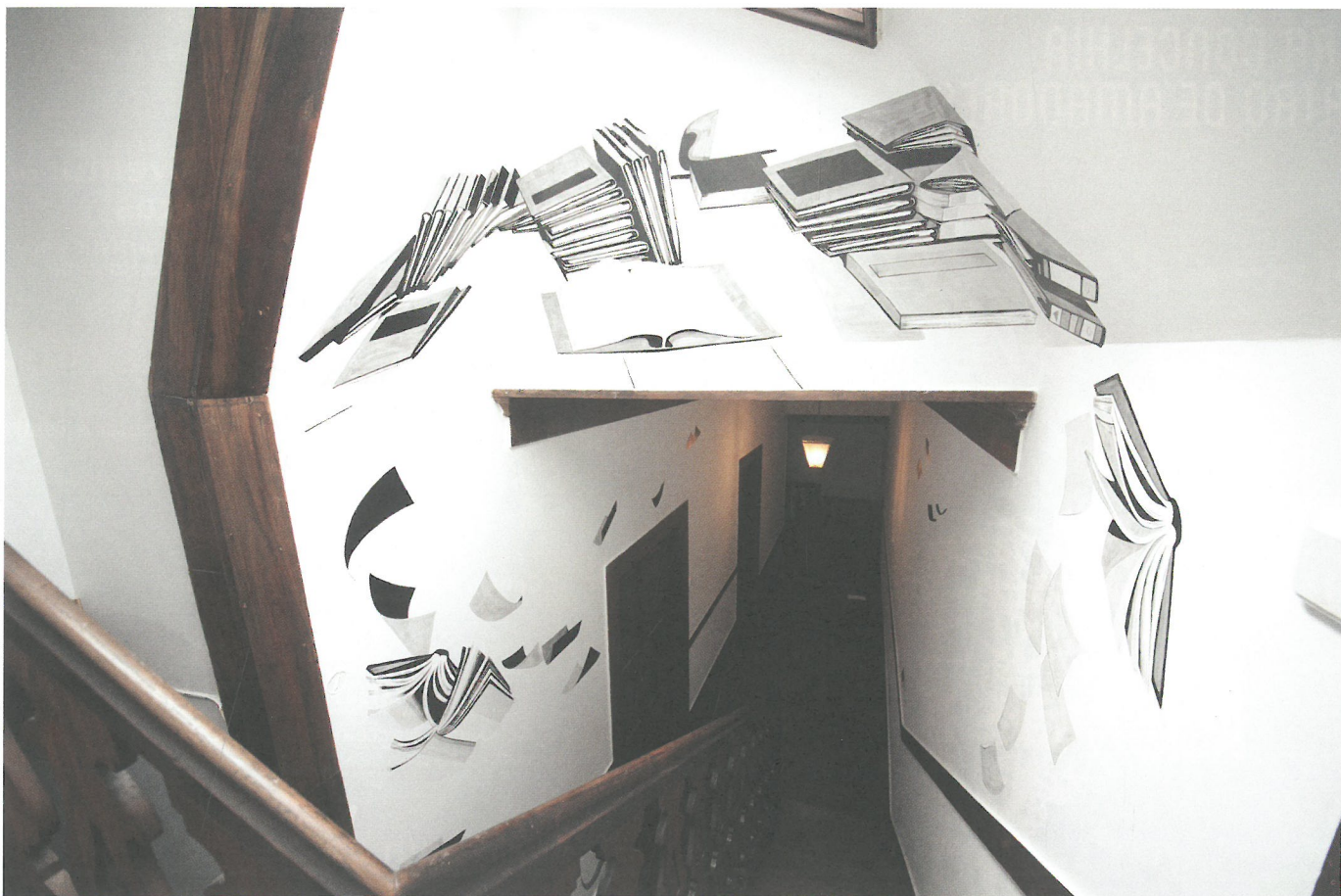


30 |



31 |





33 |

AQUI NASCEU PORTUGAL

AQUI NASCERAM

HISTÓRIAS
E ESTÓRIAS

MOSTRA CONCELHIA
DE TEATRO DE AMADORES



"Fios de Terra"

DEMO · Associação Cultural

"Aconteceu tudo tão rápido"

C.E.T.E. · secção de teatro da Associação
Cultural e Recreativa Convívio

"Uma longa Aventura"

Teatro de Ensaio Raul Brandão (C.A.R.)

**"As aventuras e desventuras
do Gato das Botas"**

OSMUSIKÉ – Associação Musical e Artística do
Centro de Formação Francisco de Holanda

"As Vizinhas"

RÉCITA - Grupo Cultural, Música Popular e Teatro

"A Jorna"

Centro Social Recreativo e Cultural de Campelos

"Dominus Iustitia"

Academia Recreativa Cultural Amigos de Ponte

"A Viagem de um grão de areia"

SOPRARTE - Associação de Educação pelas Artes

"Assim nasceu Pevidém"

Centro Cultural e Desportivo da Coelima

"Pedra Formosa"

Citânia · Associação Juvenil



AQUI NASCEU PORTUGAL

Aqui nasceram HISTÓRIAS e ESTÓRIAS

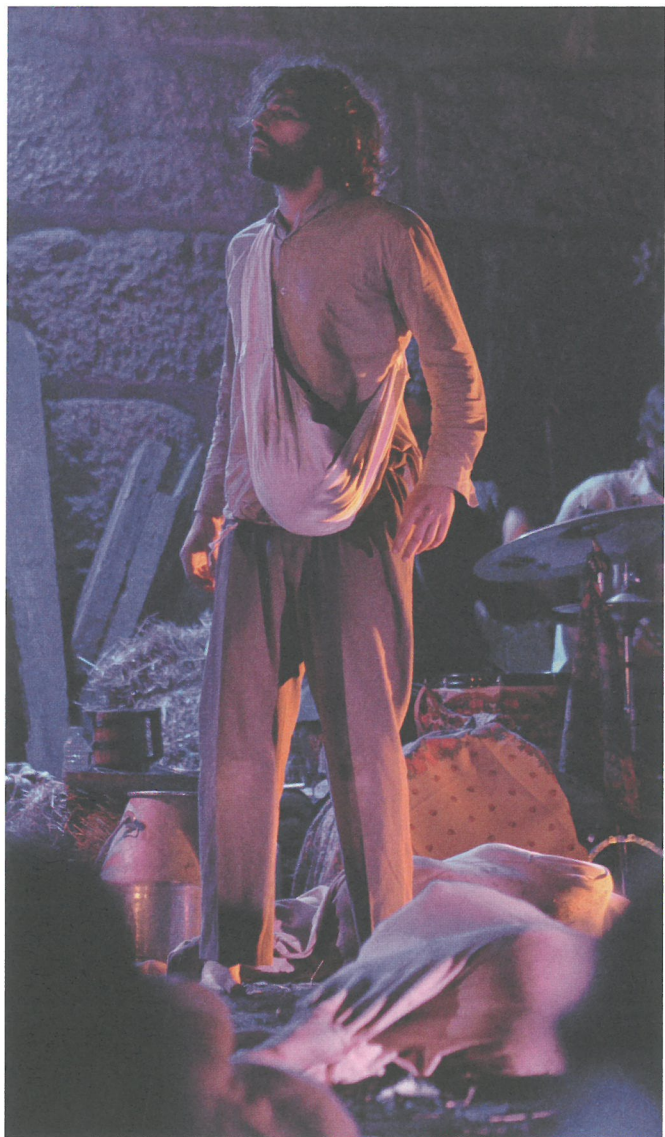
26 de abril a 30 de junho de 2012

A ação Aqui Nasceram HISTÓRIAS e ESTÓRIAS – Mostra Concelhia de Teatro de Amadores 2012 foi protagonizada por dez grupos de teatro de amadores, ligados a dez associações vimaranenses: TERB – Teatro Ensaio Raul Brandão do Círculo de Arte e Recreio, C.E.T.E. – Convívio Teatro Experimental da Associação Cultural e Recreativa Convívio, Teatro Coelima do Centro Cultural e Desportivo da Coelima, grupo de teatro da Citânia – Associação Juvenil, grupo de teatro do Centro Social Recreativo e Cultural de Campelos, Teatro ARCAP – Academia Recreativa Cultural Amigos de Ponte, o RÉCITA – Grupo Cultural, Música Popular e Teatro, a DEMO – Associação Cultural, os OSMUSIKÉ – Associação Musical e Artística do Centro de Formação Francisco de Holanda e SOPRARTE – Associação de Educação pelas Artes.

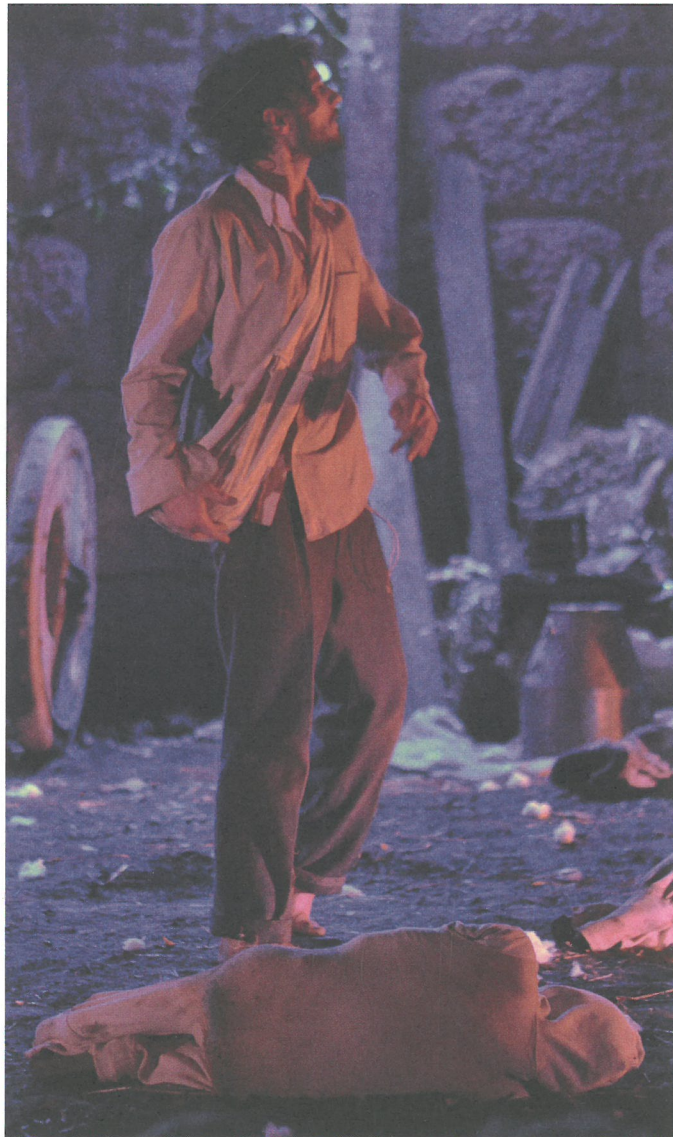
Numa primeira fase, pretendeu-se que os grupos de teatro de amadores investigassem temas relacionados com a vida local. O mote era abrangente e foi desde a história e das estórias, às lendas e tradições. O objetivo deste trabalho de investigação foi servir de base à construção de textos dramáticos originais levados a cena entre 26 de abril e 30 de junho de 2012.

Hélder Costa apoiou o trabalho de dramaturgia e ajudou os grupos a definir caminhos que contribuíssem para a construção de espetáculos de qualidade. O resultado deste incentivo ao teatro de autor e ao contacto entre grupos e com profissionais, deu origem aos espetáculos que constituíram o cartaz da Mostra Concelhia de Teatro de Amadores 2012, uma iniciativa que contou, também, com o apoio à produção d'A Oficina. Cada um dos grupos de teatro de amadores recebeu uma verba para apoio à produção dos espetáculos, comprometendo-se, pelo menos, com três apresentações dos mesmos. Estas apresentações seguiram a lógica do intercâmbio entre grupos e de itinerância por várias freguesias de Guimarães.

No total, ao longo de dez semanas, tiveram lugar 38 apresentações de 10 espetáculos diferentes, que itineraram por 17 freguesias do município de Guimarães.



34 |



35 |



36 |



37 |

36 | "Assim Nasceu Pevidém", pelo Teatro Coelima, com dramaturgia original de Rui Fernandes.
 37 | "A Viagem de um Grão de Areia", pela SOPRARTE. Espetáculo para a infância com dramaturgia, encenação e música original de Fátima Ribeiro.





39 |



40 |

38 | "Uma longa aventura", pelo TERB (Círculo de Arte e Recreio), escrito por Elvira Oliveira e encenado por Romeu dos Anjos Pereira.
39 | 40 | "Pedra Formosa", pela Citânia - Associação Juvenil, com encenação e dramaturgia de Bruno Laborinho, apresentado ao ar livre, na Citânia de Briteiros, local onde se terá passado a história retratada.



41 |



42 |



43 |



44 |



45 |



46 |

43 | "Aconteceu tudo tão rápido", pelo C.E.T.E. (Associação Cultural e Recreativa Convívio), encenado por Diana Sá. 44 | "As aventuras e desventuras do Gato das Botas", pelos OSMUSIKÉ. 45 | "As Vizinhas", pelos Récita. 46 | "Dominus Iustitia", pela ARCAP, encenado por Arnaldo Sousa.



OP ARTE POP ARTE POP ARTI

**DESFILE NACIONAL DO
TRAJO POPULAR
PORTUGUÊS**

**CENOGRAFIA DIGITAL
JOÃO MARTINHO MOURA**

19 MAIO · 21H30

LARGO DO TOURAL · GUIMARÃES

 POP ARTE

Desfile Nacional do Trajo Popular Português

19 de maio de 2012, Largo do Toural

O projeto POP ARTE teve como grande objetivo a valorização da etnografia e do folclore, movimento com grande expressão e representatividade e que se entendeu merecer especial destaque no palco internacional que foi Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura. Tradição, vanguarda, tecnologia e contemporaneidade interligaram-se num projeto marcado por grandes eventos.

O primeiro grande evento realizou-se num dia frio de maio... O Desfile Nacional do Trajo Popular Português contou com cenografia digital de João Martinho Moura e tratou-se de uma parceria com a Federação do Folclore Português. Remeteu-nos para o período compreendido entre 1890 e 1910, numa narrativa organizada por quadros (Montanha, Rio, Campo, Serão, Mar, Feira, Domingo, Noivos e Romaria) e com cerca de 1000 figurantes provenientes de todas as regiões de Portugal Continental e Ilhas. Uma Tocata com cerca de 50 músicos de Guimarães foi responsável pela música ao vivo, durante as cerca de duas horas de espetáculo.

Contudo, introduziu-se a contemporaneidade e a vanguarda. Na sua proposta cenográfica, João Martinho Moura explorou uma abordagem digital à etnografia do traje popular, num diálogo que se pretendeu inovador mas imbuído de uma tradição marcadamente portuguesa. O Largo do Toural foi, assim, o palco de uma parceria criativa singular entre a Etnografia, o Folclore e a Arte Digital. Mais de mil figurantes de todo o país encheram de cor, música, tradição e contemporaneidade, a mais emblemática das praças da cidade berço, numa noite que se revelou inesquecível.



47 |



48 |



49 |



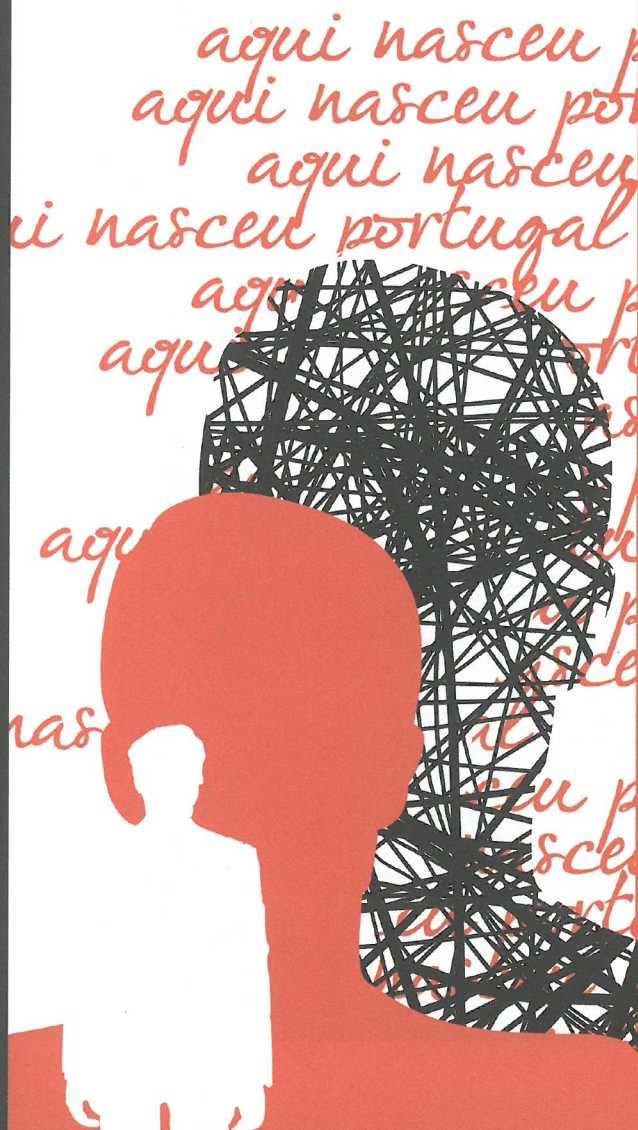
50 |



51 |

AQUI NASCEU PORTUGAL

AQUI NASCEU GIL VICENTE



28 DE JUNHO | 18H00

LARGO DA IGREJA DE SÃO FRANCISCO

"O VELHO DA HORTA"

Grupo de Teatro da Escola Secundária
Francisco de Holanda

29 DE JUNHO | 22H00

BANHOS VELHOS

"AUTO DA ÍNDIA"

Grupo de Teatro Escola Secundária
de Caldas das Taipas

02 DE JULHO | 22H00

LARGO DOS LARANJAIS

"FARSA DE INÊS PEREIRA"

Grupo de Teatro do Agrupamento
de Escolas Gil Vicente

04 DE JULHO | 18H00

PRAÇA DE SANTIAGO

"AUTO DA BARCO DO INFERNO"

Grupo de Teatro do Agrupamento
de Escolas Santos Simões

06 DE JULHO | 22H00

CLAUSTRO DO LAR SANTA ESTEFÂNIA

"JUIZ DA BEIRA"

Grupo de Teatro do Lar Santa Estefânia

A cenografia de todos
os espetáculos é da
autoria de alunos da
ESAP – GUIMARÃES



AQUI NASCEU PORTUGAL

Aqui nasceu GIL VICENTE

28 de junho a 6 de julho de 2012

Aqui Nasceu GIL VICENTE promoveu o teatro escolar. Foram desafiados vários grupos de teatro escolar de Guimarães a encenar um espetáculo a partir de uma obra vicentina. Hélder Costa acompanhou este processo criativo, apoiando o trabalho de encenação e abordagem aos textos originais de Gil Vicente.

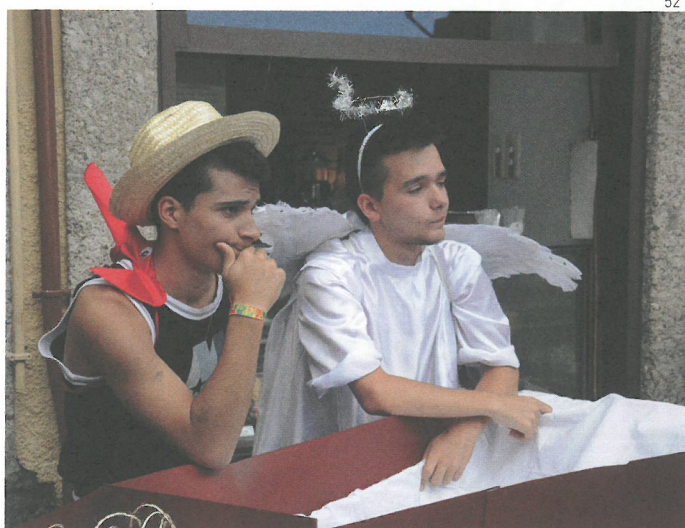
Os grupos de teatro escolar da Escola Secundária Francisco de Holanda, Escola Secundária de Caldas das Taipas, Agrupamento de Escolas Gil Vicente, Agrupamento de Escolas Santos Simões e Lar Santa Estefânia contaram, ainda, com o apoio da ESAP – Guimarães para a realização dos cenários. Todos os espetáculos foram apresentados em “novos palcos” do espaço público, o que se configurou com um desafio à criatividade, tanto dos jovens atores, como dos cenógrafos.



52 |



53 |



54 |



55 |

52 | "Velho da Horta", pelo grupo de teatro da Escola Secundária Francisco de Holanda. 53 | "Farsa de Inês Pereira" pelo grupo de teatro do Agrupamento de Escolas Gil Vicente. 54 | "Auto da Barca do Inferno" pelo Agrupamento de Escolas Santos Simões. 55 | "Juiz da Beira" pelo grupo de teatro do Lar Santa Estefânia.



56 | 57 | 58 |

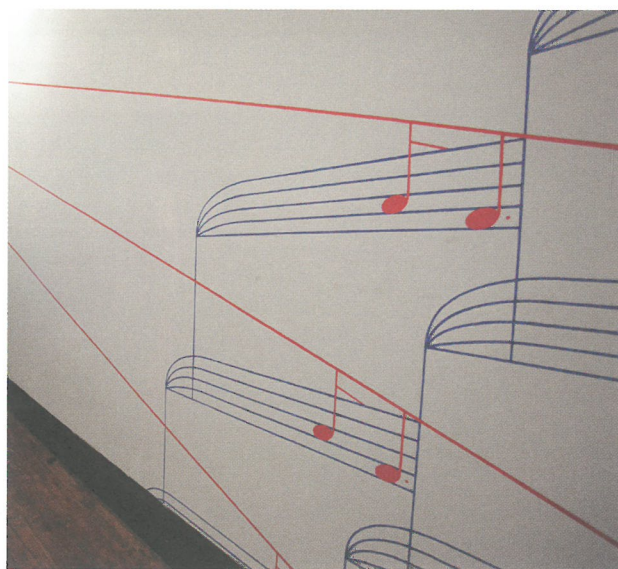
MEMÓRIAS COLETIVAS SINGULARES

Residência Artística de João Marçal e José Almeida Pereira

Inauguração a 20 de julho de 2012



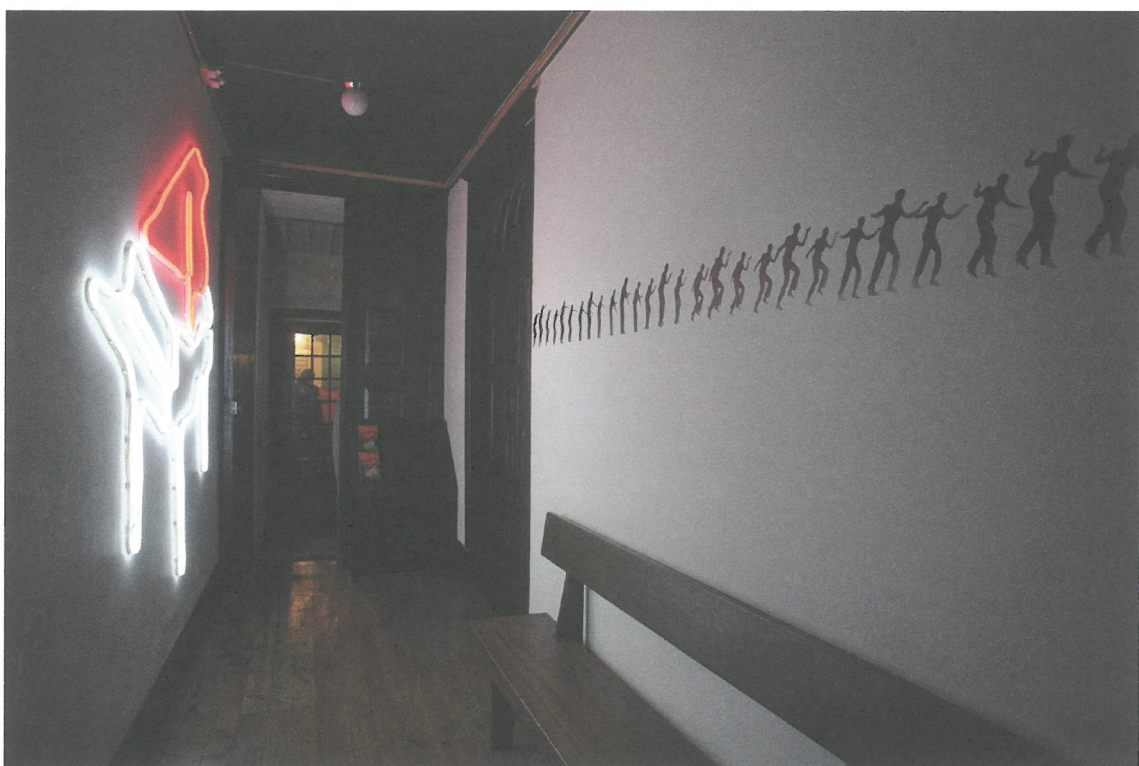
59 |



60 |

59 | Pormenor da intervenção de João Marçal na Associação Cultural e Recreativa Convívio.

60 | Pormenor da intervenção de João Marçal no Círculo de Arte e Recreio.



61 |



62 |

61 | Intervenção de José Almeida Pereira no Círculo de Arte e Recreio.

62 | Intervenção de José Almeida Pereira na Associação Cultural e Recreativa Convívio.



O MUNDO CANTA E DANÇA EM GUIMARÃES

TODOS OS DIAS DE 10 A 26 DE AGOSTO · 21H30

CAMPO DE S. MAMEDE

FEIRA DO MUNDO DA LUSOFONIA

10 A 26 DE AGOSTO

2ª A 6ª DAS 17H00 ÀS 24H00

SAB., DOM. E FERIADOS DAS 11H00 ÀS 24H00

CAMPO DE S. MAMEDE

POP ARTE

O Mundo Canta e Dança em Guimarães

10 a 26 de agosto de 2012, Campo de São Mamede

O segundo grande evento do projeto POP ARTE, “O Mundo Canta e Dança em Guimarães”, realizou-se no Campo de São Mamede, entre os dias 10 e 26 de agosto, com a apresentação diária de espetáculos com os sons, ritmos e cores de vários pontos de Portugal, mas também do Brasil, do México, de Espanha e da Lituânia. Numa parceria com a Associação de Etnografia e Folclore de Guimarães e com a Federação do Folclore Português, e tendo como cenário privilegiado o Castelo de Guimarães, ao longo de 17 dias, realizaram-se cerca de 38 atuações que foram do folclore de todo o mundo ao fado, passando pelos sons MPB e por vários registos daquilo que é a música tradicional portuguesa.

Paralelamente a este programa de espetáculos, decorreu a “Feira do Mundo da Lusofonia”, uma organização em parceria com a ANDARTE – Associação Nacional para o Desenvolvimento do Artesanato, que contou com a presença de cerca de 50 artesãos e gastrónomos, representativos de várias regiões do país.

De salientar que o Grupo Arte Nativa Sepé Tiaraju (Rio Grande do Sul, Brasil) e o Bailado Folclórico Policromia Mexicana (Monterrey, México) estiveram em residência em Guimarães, sensivelmente entre os dias 6 e 28 de agosto de 2012, tendo tido oportunidade de realizar mais de uma dezena de atuações em vários locais do município, quer por convite de Juntas de Freguesia, de outros associados da Associação de Etnografia e Folclore de Guimarães ou de outras entidades locais.



63 |



64 |

63 | Grupo Folclórico do Centro Cultural e Recreativo de Moreira de Cónegos (Guimarães).
64 | Tocata do Grupo Folclórico de Vila Nova de Sande.



65 |



66 |

65 | Grupo Folclórico de Mondão (Viseu).
66 | Rancho Folclórico de Penacova (Coimbra).





68 |



69 |



70 |



71 |

67 | "Prenda" do Grupo Arte Sepé Tiaraju (Rio Grande do Sul, Brasil). 68 | Grupo Arte Nativa Sepé Tiaraju (Rio Grande do Sul, Brasil).
69 | Grupo Danzas Nuestra Señora de Tormejone (Segóvia, Espanha). 70 | Bailado Folclórico Policromia Mexicana (Monterrey, México).
71 | Bailado Folclórico Policromia Mexicana (Monterrey, México).

MEMÓRIAS COLETIVAS SINGULARES

Residência Artística de Jorge Fernandes, José Emílio Barbosa e
Marco Mendes

Inauguração a 19 de outubro de 2012



72 |



73 |

72 | Intervenção de Marco Mendes no Círculo de Arte e Recreio.

73 | Intervenção de Marco Mendes na Associação Cultural e Recreativa Convívio.



74 |



75 |



76 |



77 |

74 | Intervenção de Jorge Fernandes no Círculo de Arte e Recreio. 75 | Intervenção de Jorge Fernandes na Associação Cultural e Recreativa Convívio.
76 | Intervenção de José Emílio Barbosa na Associação Cultural e Recreativa Convívio. 77 | Intervenção de José Emílio Barbosa no Círculo de Arte e Recreio.

“Capacitar, Promover, Agir e Conectar”

por Eduardo Meira

O verbo é movimento. O verbo desenvolve a ação. O verbo é o motor do ser. É a palavra que nos indica as ações percorridas pelo sujeito. O verbo é a responsabilidade dos complementos, é ele que os solicita para melhor deambular e se esclarecer.

O Tempos Cruzados, área de programação de Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura, teve na sua gênese muito de sintaxe, de conceptualização, de planeamento, de discussão e pensamento. Contudo, o seu desenvolvimento e construção tiveram a sua base na ação, no coletivo, no diálogo sério e informal à volta de tantas mesas de tantos bares associativos, entre os ritmos do jazz ao piano e as gargalhadas que também musicavam o espaço. O Tempos Cruzados fez-se na partilha, na libertação de ideias e contrastes. Fez-se nos encontros de sorrisos, no esgar de olhares, no desencontro de opiniões. Mas, mais do que tudo isto, o Tempos Cruzados fez-se de verbos, porque se consubstanciou em projetos e ações concretas, em pragmatismo e afirmação de um património que poucas cidades no mundo terão como Guimarães tem: as ASSOCIAÇÕES.

Mais do que andamentos e tempos de um livro que resume 28 meses de programação cultural associativa e quase 48 de trabalho efetivo, em prol do reforço deste movimento no contexto de uma cidade de excelência cultural como Guimarães, Capacitar, Promover, Agir e Conectar são os verbos, são os motores desta História.

Neste sentido, neste livro – breve resumo da ação inacabada – CAPACITAR, que significa “fazer com que se torne capaz de”, engloba todos os projetos e ações que investiram na formação direta dos indivíduos e, sobretudo, dos agentes associativos, contribuindo para o saber-saber, o saber-ser e o saber-fazer; induzindo práticas de produção e programação cultural e artística próximas das tendências da pós-modernidade, privilegiando sempre os pontos de contato com a tradição. ARTE DE RAIZ POPULAR foi o projeto em que esta estratégia mais se refletiu.

PROMOVER, por sua vez, é favorecer o desenvolvimento de algo. Neste contexto, foram várias as associações e redes de associações que, no âmbito dos projetos AQUI NASCEU PORTUGAL e CONSTELÇÕES, tiveram oportunidade de investir, em quantidade e qualidade, nos seus regulares planos de atividades, através de reforço aos seus orçamentos anuais e do apoio à produção de eventos e projetos nas mais variadas áreas.

O Tempos Cruzados, sobretudo no âmbito dos seus projetos âncora POP ARTE (etnografia e folclore), AQUI NASCEU PORTUGAL (teatro), MEMÓRIAS COLETIVAS SINGULARES (artes plásticas e visuais) e PEDRA FORMOSA (poesia) apresentou, no quadro de Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura, um conjunto de eventos de produção própria que tiveram como base a equipa de recursos humanos que recrutou. Nesta estratégia de programação o mote foi AGIR.

A construção de uma rede colaborativa e criativa entre associações constituiu-se sempre como o início e o fim da nossa ação. CONECTAR os cidadãos e as associações foram os desafios de projetos como o CIRCUNFERÊNCIAS ou a FÁBRICA DAS ASSOCIAÇÕES, mas também de ações como “Casa Aberta” ou a “Exposição-Instalação DO IT YOURSELF”, que tiveram na figura de Santos Simões o primeiro exemplo do que é ligar, relacionar, associar ou unir um coletivo em prol de algo maior: a Cultura.

No Tempos Cruzados, estes quatro verbos, foram o motor da História.





CONSTELAÇÕES

A estratégia de programação e a poética da organização em Rede

O Constelações assumiu, desde o primeiro dia, uma centralidade especial neste Programa Associativo. Tratou-se de um convite destinado a associações ou redes de associações legalmente sediadas no concelho de Guimarães, ao desenvolvimento ações de âmbito cultural e artístico. Pretendeu-se enquadrar na programação cultural do movimento associativo, propostas de trabalho provenientes no território criativo do movimento associativo e o conceito desenvolveu-se tendo como ponto de partida o trabalho criativo organizado de um modo constelar.

Utilizando uma definição de senso comum, por constelação entende-se um grupo de estrelas que aparecem no céu próximas umas das outras e que, quando interligadas, parecem esboçar desenhos de animais ou objetos. Em resumo, uma constelação é um coletivo de estrelas. Se recorrermos, contudo, a uma definição mais científica, no âmbito da Astronomia, nomeadamente à definição que propôs Eugène Joseph Delporte em 1930, e que viria a ser adotado pela União Astronómica Internacional, pertencem a uma constelação, não apenas estrelas, mas qualquer objeto celeste que, visto a partir da terra, parece contido na mesma região do céu, mesmo que não tenha qualquer ligação astrofísica com outro objeto ou estrela da constelação. Ao longo da História, os povos sempre observaram o céu e, além de o fazerem por prazer, também se orientavam por ele e nele projetavam imagens que faziam parte do seu quotidiano.

Centrando-nos entre a definição empírica e a científica, e não negando o sentido poético e de contemplação do imaginário que precedeu a denominação deste projeto para o movimento associativo, a estratégia a adotar, assume a relevância do ponto de partida para a construção da rede criativa de associações vimaranense ou, se preferirmos, da “constelação” ou “constelações” em que as estrelas criativas são as associações de Guimarães.

Numa primeira fase as estrelas criativas locais foram, então, desafiadas a apresentar as suas propostas de produção cultural e artístico. O desafio foi lançado no quadro de um debate aberto e coletivo, onde o confronto com outras perspetivas teve como intenção o robustecimento das ações em análise. Na segunda fase, após o debate de ideias sobre o conteúdo das propostas apresentadas procuram-se pontos de encontro entre as diferentes propostas de trabalho. Foi nesta fase que se começa a construir a constelação, procurando estimular o desenvolvimento de um território criativo comum sustentado em lógicas de produção cultural organizadas em parcerias e redes criativas.

Mais do que um dos projetos do Tempos Cruzados, área de programação de Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura, o Constelações foi, assim, uma das estratégias assumidas pelo “consórcio” associativo, constituído pelo Círculo de Arte e Recreio, Associação Cultural e Recreativa Convívio e Associação de Etnografia e Folclore de Guimarães para alargar a participação no programa associativo a outros agentes associativos. O CAR, o Convívio e a AEFG formaram, apenas, o primeiro anel da rede de que esteve na base de toda a ação deste programa associativo.

O Constelações teve, assim, conceito de “rede” e partiu do princípio que “as redes colaborativas locais funcionam melhor se, entre os seus membros, se aprofundar a colaboração, a solidariedade, a transparência e a coresponsabilidade.” A rede colaborativa local deveria, por isso, operar com um modelo de

ação comunicativa e partilhada, onde “o poder resulta da capacidade humana não apenas para agir ou fazer algo, mas para se unir a outras e atuar em concordância com eles” .

Na globalidade, o programa associativo pretendeu, desde o início, afirmar-se como uma rede de tripla categoria : como uma rede temática, ou seja, uma rede de incentivo à produção / dinâmica artística e / ou cultural proveniente do território criativo das associações locais; como uma rede regional que se situa no município de Guimarães, o ponto de aglutinação de todos os parceiros; como uma rede organizacional que congrega associações locais, autónomas e dispersas pelo território.

O Constelações organizou-se, assim, num conjunto de projetos em campos de intervenção como etnografia e o folclore; as edições; as artes plásticas, o cinema e as artes do palco – performance e música. No total, entre novembro de 2012 e dezembro de 2013, foram 25 os projetos desenvolvidos, liderados por 19 associações. Contudo, a dimensão organizacional destes projetos abrangeu um total de 78 associações e outras entidades, difundindo-se por todo o concelho e descentralizando a marca Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura.

CONSTELAÇÕES

Guimarães Académica

novembro de 2012 a outubro de 2013



78 | Atuação da Afonsina – Tuna de Engenharia da Universidade do Minho no VII SERENATAS AO BERÇO – Festival de Tunas Femininas, que decorreu a 16 de março de 2013 no Auditório Nobre da Universidade do Minho, organizado pela Tun’Obebes – Tuna Feminina de Engenharia da Universidade do Minho.



79 | Atuação da Tun’Obebes – Tuna Feminina de Engenharia da Universidade do Minho no IX CIDADE BERÇO – Festival de Tunas Académicas, que decorreu nos dias 2 e 3 de novembro de 2012, no CAE São Mamede, organizado pela Afonsina – Tuna de Engenharia da Universidade do Minho. Este evento integrou o “Guimarães Académica”, um projeto que procurou reforçar Guimarães como cidade universitária, propícia à vivência estudantil. Envolveu a totalidades de associações universitárias com sede em Guimarães e promoveu um conjunto de eventos que, ao longo de cerca de um ano e com arranque em novembro de 2012, animaram a cidade.



POP ART

ÓSCAR MUNDIAL DO FOLCLORE

O FOLCLORE FAZ PARTE

1 DEZEMBRO · 22H00
PAVILHÃO MULTIUSOS · GUIMARÃES

POP ARTE

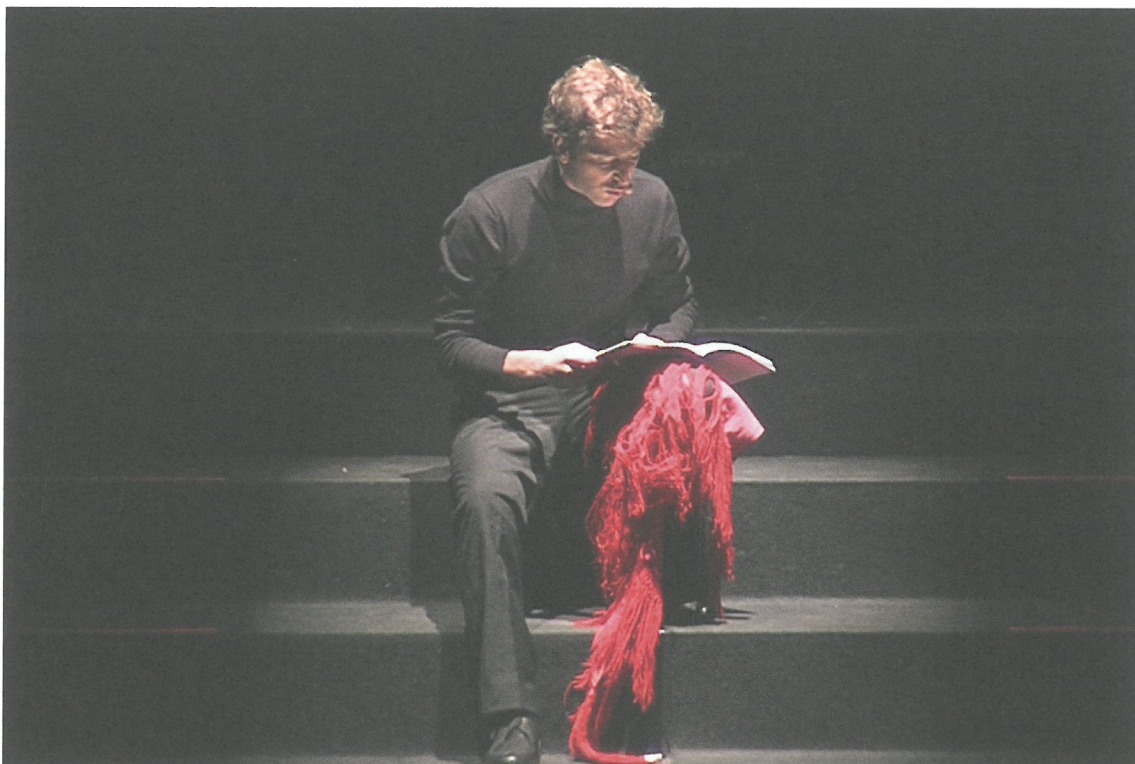
Óscar Mundial do Folclore

1 de dezembro de 2012, Pavilhão Multiusos de Guimarães

No dia 1 de dezembro de 2012, o Pavilhão Multiusos de Guimarães acolheu mais uma edição do Óscar Mundial do Folclore, uma cerimónia anual promovida pelo IGF (International Union of European and Extra-European Associations) que tem como objetivo galardoar um conjunto de personalidades, a nível mundial, pelo trabalho em prol da preservação e divulgação do folclore. Portugal foi, pela segunda vez, o país anfitrião e a Federação do Folclore Português foi a entidade responsável pela organização, numa parceria com o Tempos Cruzados, área de programação de Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura.

No total foram homenageadas 13 personalidades, representativas de 10 países: Bulgária, Chipre, Croácia, Espanha, Portugal, Grécia, Itália, Lituânia, Portugal e Ucrânia.

A cerimónia foi acompanhada pelo espetáculo “O Folclore Faz Parte”, apresentado por Gabriela Nunes e que contou com as participações do ator Simão Barros; com um momento de interligação entre a arte digital de João Martinho Moura e a performance da DEMO – Associação Cultural; com a Orquestra Típica de Águeda que interpretou vários temas do denominado “nacional cançonetismo”; com as atuações do Rancho Folclórico de Passos de Silgueiros (Viseu), do Rancho Folclórico Rosas do Lena (Batalha) e do Grupo Folclórico do Centro Social de Vila Nova de Sande (Guimarães). Terminou com a apresentação da curta-metragem “O Folclore Faz Parte”, realizada pelo Cineclube de Guimarães e com a passagem de testemunho ao representante da Sérvia, próximo país organizador do Óscar Mundial de Folclore.



80 |



81 |

80 | Simão Barros abre o espetáculo "O Folclore Faz Parte" com o poema "Guimarães" de Firmino Mendes.
81 | A arte digital de João Martinho Moura e a performance da DEMO.



82 |



83 |



84 |



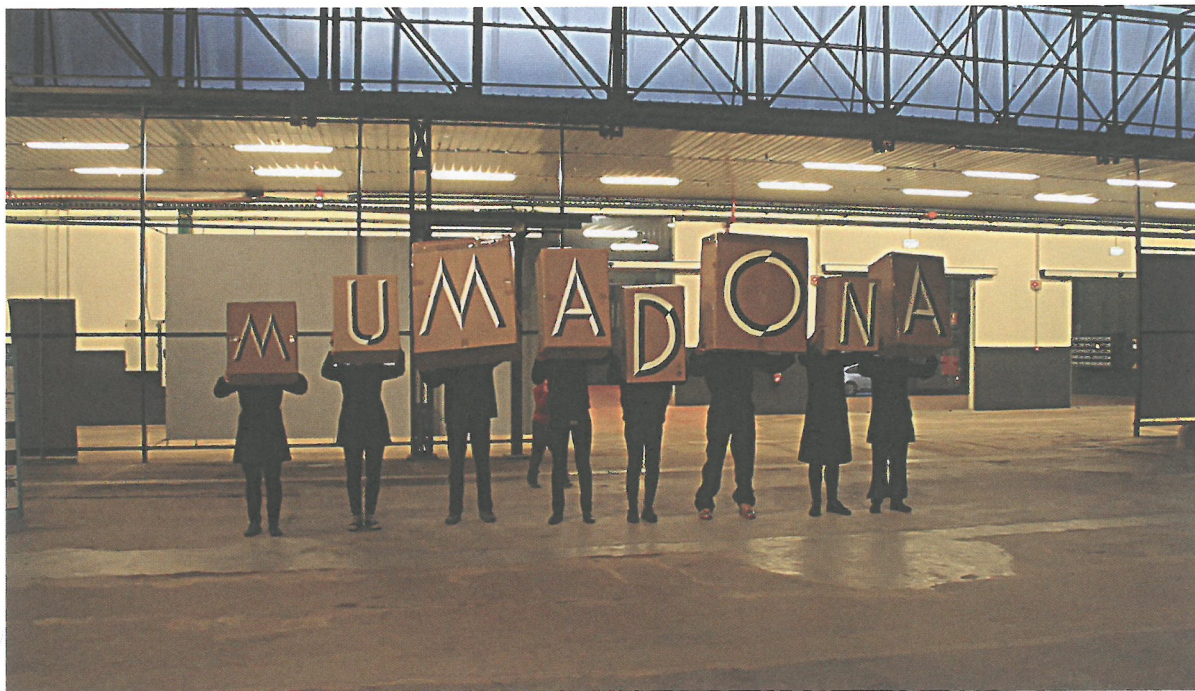
85 |

- 82 | A entrega do Óscar a José António Viñas (Espanha) por Carlos Oliveira, Presidente da Associação de Etnografia e Folclore de Guimarães.
 83 | Atuação da Orquestra Típica de Águeda. 84 | Apresentação da atuação do Grupo Folclórico do Centro Social de Vila Nova de Sande.
 85 | Final da cerimónia com a interpretação do hino nacional "A Portuguesa" pela Orquestra Típica de Águeda.

☉ CONSTELAÇÕES UWAGA!

15 a 21 de dezembro de 2012

86 | A primeira performance do projeto UWAGA!, uma criação da DEMO – Associação Cultural, teve lugar no dia 15 de dezembro na Fábrica Asa. “UWAGA tratou-se de um projeto multidisciplinar que através da arte urbana iniciou uma viagem performática com o objetivo principal de interperlar diretamente os transeuntes de Guimarães, ampliando as suas opiniões sobre a cidade e fazendo-as ganhar dimensão pública através da sua espacialização..



87 | UWAGA! teve mais quatro apresentações (em Pevidém, São Torcato, Taipas, Palácio e Centro Cultural Vila Flor e no Centro Histórico de Guimarães) culminando, em 2013, com a apresentação de um documentário realizado por Flávio Cruz & DEMO.



CONSTELAÇÕES

Loja Social

21 de dezembro de 2012



88 |



89 |

88 | No dia 21 de dezembro de 2012, a Casa da Juventude de Guimarães (Rua da Caldeiroa) inaugurou o espaço da Loja Social. Este espaço foi alvo de intervenções plásticas por parte de dois artistas vimaranenses que adequaram aquele espaço às suas novas funções. Detalhe da intervenção de Francisco Conceição. 89 | Intervenção de Milita Mariño.

AQUI NASCEU PORTUGAL

AQUI NASCEU AFONSO HENRIQUES

DE HÉLDER COSTA

*aqui nasceu portugal
aqui nasceu portugal
aqui nasceu portugal
aqui nasceu portugal
aqui nasceu portugal
aqui nasceu portugal
aqui nasceu portugal*

20 DEZ 2012 | 22H00

CENTRO CULTURAL VILA FLOR

28 DEZ 2012 | 22H00

JUNTA DE FREGUESIA DE SILVARES

29 DEZ 2012 | 22H00

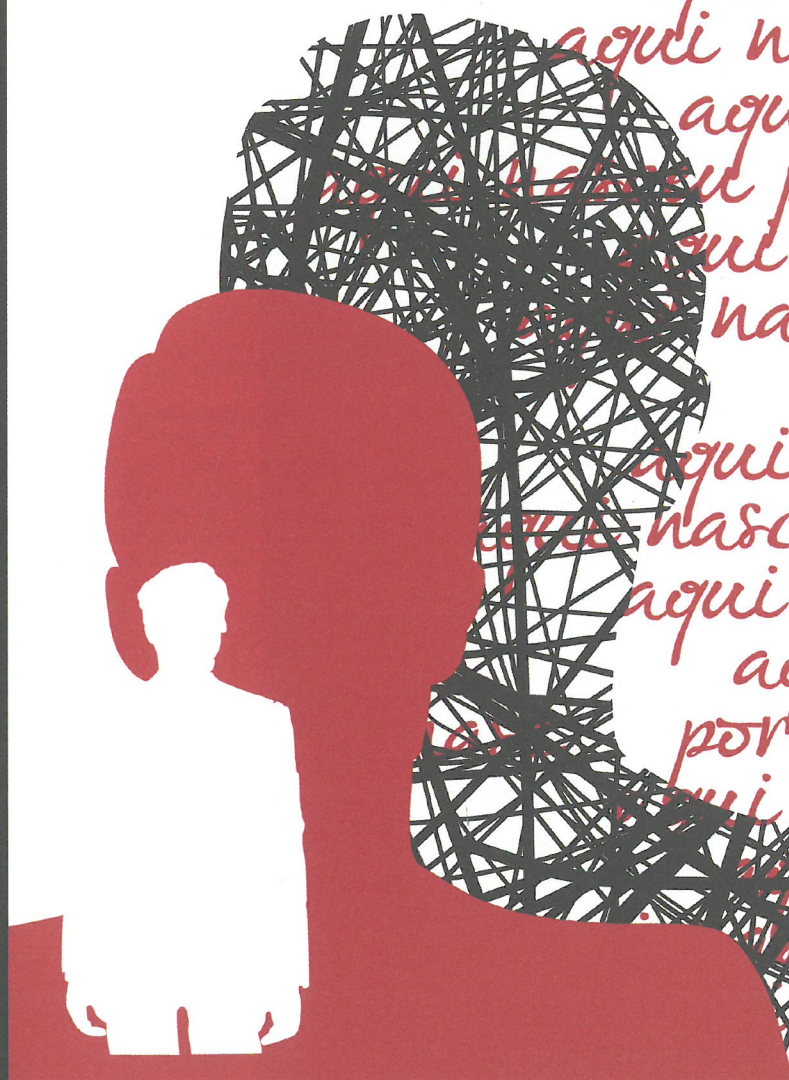
NOVO AUDITÓRIO DE BRITO

16 FEV 2013 | 22H00

AUDITÓRIO ATC, JOANE

20 DEZ 2013 | 22H00

CENTRO CULTURAL VILA FLOR





AQUI NASCEU PORTUGAL

Aqui nasceu AFONSO HENRIQUES

20 de dezembro de 2012, Centro Cultural Vila Flor

O espetáculo “Aqui Nasceu Afonso Henriques” foi o resultado do trabalho de construção em rede que, ao longo de 2012, o Tempos Cruzados foi desenvolvendo com dez grupos de teatro de amadores de Guimarães. Hélder Costa, coordenador artístico do AQUI NASCEU PORTUGAL, escolheu, para o espetáculo “Aqui Nasceu Afonso Henriques”, um elenco composto por elementos de todos os grupos de teatro de amadores envolvidos no projeto. Além dos atores, também as equipas de cenografia, música, cenografia digital, luminotecnia e adereços foram escolhidas entre os elementos que integraram os grupos de teatro de amadores envolvidos no projeto.

“Pareceu-me interessante montar um espetáculo que estudasse a figura do nosso primeiro Rei à luz da cultura da sua época e simultaneamente com os olhos, sensibilidade e cultura dos dias de hoje. Fundar um país nesses tempos (como hoje), implica guerras, crueldade e injustiças humanas. E também o esforço e o risco por parte de quem invadia guerras e tomava castelos, porque nesse tempo os generais iam mesmo para a guerra”, explicou Hélder Costa, que assinou a dramaturgia e a encenação deste espetáculo.

“Aqui Nasceu Afonso Henriques” subiu ao palco cinco vezes, sempre com lotação esgotada, a última das quais, exatamente um ano após a estreia, novamente no grande auditório do Centro Cultural Vila Flor.



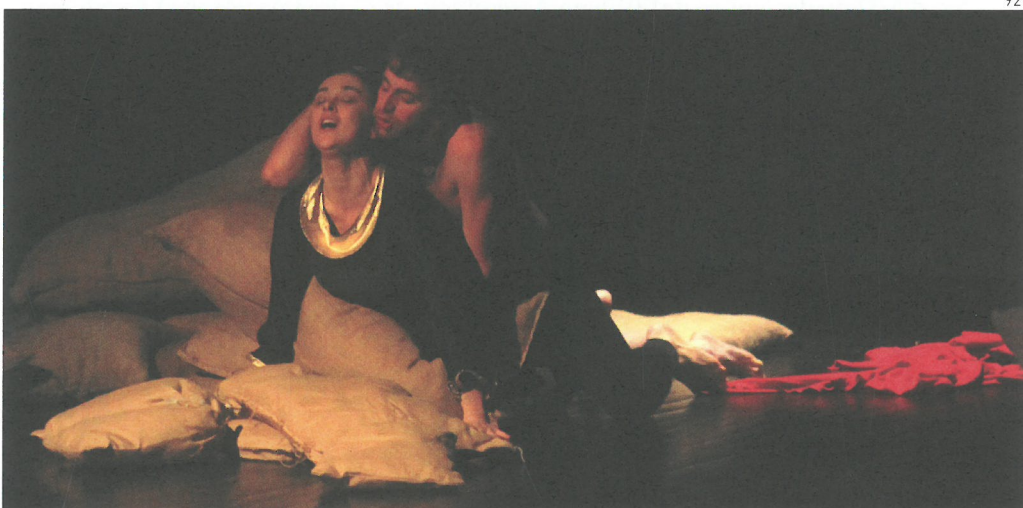
90 |



91 |



92 |



93 |



94 |



CONSTELAÇÕES

António de Ázevedo: o escultor

22 de dezembro de 2012 e 24 de junho de 2013

A obra do escultor António de Azevedo marca a estatuária de Guimarães, sobretudo com trabalhos realizados entre as décadas de 1930 e 1960. Contudo, a ligação entre nome do escultor e as suas obras é desconhecida da generalidade dos vimeanenses. O projeto “António de Azevedo: o escultor” pretendeu, a partir de um trabalho de investigação histórica, dar a conhecer o percurso do escultor, ao mesmo tempo que pretendeu homenageá-lo. Tratou-se de uma parceria entre a Muralha – Associação de Guimarães para a defesa do Património, a Assembleia de Guimarães e o Cineclube de Guimarães. No dia 22 de dezembro de 2012, na Assembleia de Guimarães, lançou-se o livro “António de Azevedo e Guimarães, vida e obra” com texto de Rosa Maria Saavedra e fotografias de José Pastor. No mesmo dia, inaugurou-se uma exposição com fotografias de José Pastor da obra de António de Azevedo. Integrado nas comemorações oficiais do Dia I de Portugal, no dia 24 de junho de 2013, inaugurou-se a escultura de homenagem ao escultor, da autoria de Viana Paredes, colocada no Largo em frente aos Paços do Concelho.

95 | Busto de Francisco Martins Sarmiento, da autoria de António de Azevedo (1889 – 1968), fotografia de José Pastor.



MEMÓRIAS COLETIVAS SINGULARES

Casa Aberta

31 de dezembro de 2012/1 de janeiro de 2013

No dia 31 de dezembro de 2012, com os olhos postos já no novo ano, foi o tempo para uma grande festa de celebração de um ano excecional para Guimarães e para o seu movimento associativo. “Casa Aberta” tratou-se, assim, de um evento multidisciplinar, com programação cultural simultânea no Círculo de Arte e Recreio e na Associação Cultural e Recreativa Convívio, que incentivou os públicos a viver a cidade e as associações em que Mafalda Santos, Isabel Ribeiro, José Almeida Pereira, João Marçal, José Emílio Barbosa, Marco Mendes, Jorge Fernandes, Nuno Florêncio e Liliana Carvalho deixaram as suas/nossas memórias coletivas singulares. A festa teve início ainda em 2012 e prolongou-se noite dentro com DJing, música, artes circenses, performance e espaços *lounge* dedicados ao cinema e à videoarte. A programação cultural dos espaços tratou-se de uma parceria entre o Tempos Cruzados, área de programação de Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura, o Laboratório das Artes e o Cineclube de Guimarães.



96 |

96 | Performance de Anja Caldas na Associação Cultural e Recreativa Convívio.



97 |

97 | Videoarte no Círculo de Arte e Recreio.

98 | Artes circenses no espaço público.

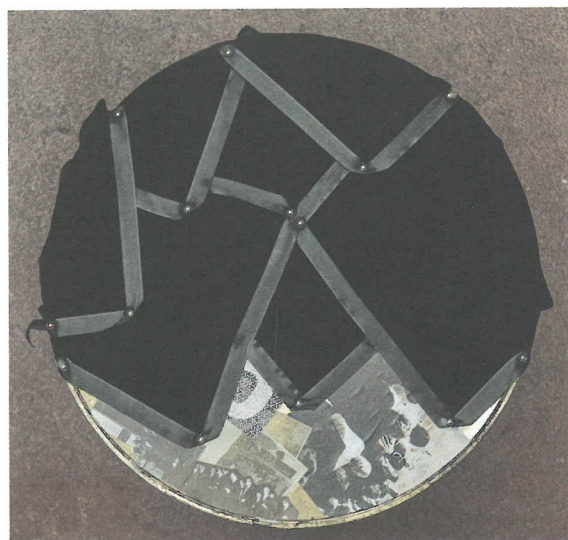


98 |

MEMÓRIAS COLETIVAS SINGULARES

Residência Artística de Liliana Carvalho e Nuno Florêncio

1 de fevereiro de 2013



99 |



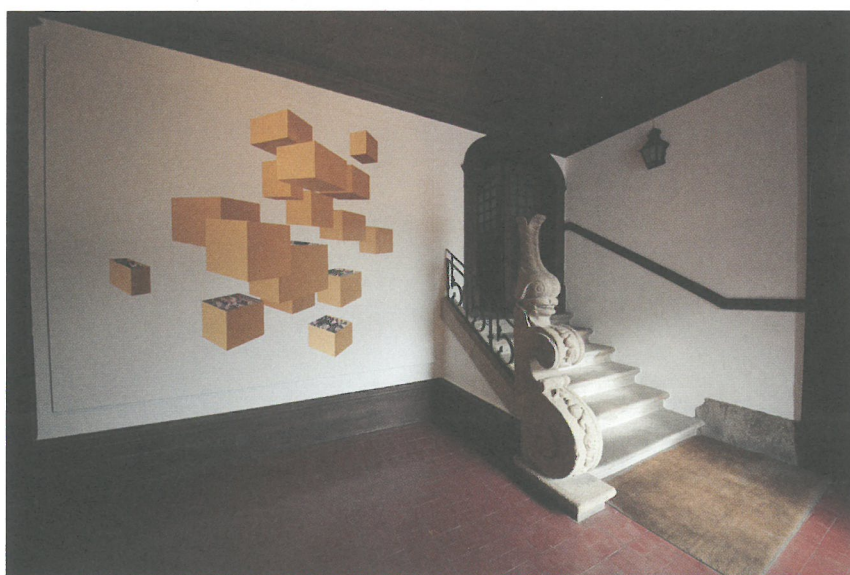
100 |

99 | Detalhe da intervenção de Liliana Carvalho no mobiliário do bar da Associação Cultural e Recreativa Convívio.

100 | Detalhe da intervenção de Liliana Carvalho no mobiliário da sala dos "Quatro Continentes" do Círculo de Arte e Recreio.



101 |



102 |

101 | Intervenção de Nuno Florêncio na Associação Cultural e Recreativa Convívio.
102 | Intervenção de Nuno Florêncio no Círculo de Arte e Recreio.

“Habitar, Sentir, Transformar”

por Helena AM Pereira

“De uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá às nossas perguntas.”

A 27 de outubro de 2011, Francisco Laranjo protagonizou uma das Circunferências do Tempos Cruzados – Programa Associativo. Estas Circunferências tratam-se de círculos abertos de debate e reflexão com o objetivo alargar o debate sobre aqueles que estavam identificados como os eixos orientadores desta área de programação de Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura. Sob o tema “o Artista, a Memória e o Lugar” a intervenção iniciou-se a partir da reflexão de que “A história da arte é a história de encontros entre povos, culturas e civilizações, que contingências diversas fizeram existir e perdurar, criando sobre realidades idênticas outras formas de verosimilhança e de fascínio. É a de reformulações de memórias coletivas em enunciados que atravessam lugares, tempos e continentes. Testemunho de afirmação singular, esta abordagem elíptica descreve uma órbita de reflexão sobre eixos de dimensão distintos de escala, como são os da identidade cultural e de encontro.” Ainda que alargando o campo de abordagem aos conceitos de memória, tempo e lugar, a comunicação do artista plástico e diretor da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto tinha como pano de fundo a apresentação/discussão do que viria a ser o Memórias Coletivas Singulares, um dos projetos âncora da linha de ação definida pelo consórcio constituído pelo Círculo de Arte e Recreio (CAR), pela Associação Cultural e Recreativa Convívio (Convívio) e pela Associação de Etnografia e Folclore de Guimarães (AEFG). O Memórias Coletivas Singulares foi assim um projeto de residências artísticas através do qual se convidou um conjunto de artistas jovens e emergentes a intervir, plástica e visualmente, nos vários espaços de duas das associações do supracitado consórcio: o CAR e o Convívio. As intervenções artísticas, sempre precedidas por um período de investigação e contato direto com as associações, com os seus dirigentes e sócios, deveriam ter como ponto de partida e de inspiração os arquivos, as memórias e as histórias que os espaços contam e que o tempo não apagou.

De acordo com o Dicionário da Língua Portuguesa, residência é o “1 lugar onde se mora habitualmente; domicílio; morada”. Por sua vez, artístico/a é o “1 relativo à arte; 2 que tem arte; 3 próprio de artista; 4 criativo; 5 que tem o gosto pelas belas-artes; 6 apresentado como arte; primoroso”. Não entrando nas discussões sobre o que é a arte e quais os mecanismos de legitimação da mesma, através de uma abordagem simples à expressão “residência artística” concluímos que esta nos leva para o conceito de habitar o espaço, senti-lo e transformá-lo criativamente, a partir da arte. Trata-se de criar com recurso aos sentidos: observando, ouvindo, cheirando, provando, tateando. Guimarães, em 2012, foi ponto de encontro de muitos artistas e criadores que se propuseram marcar a cidade e o projeto desta Capital Europeia da Cultura com obras que só o distanciamento temporal e a crítica desinteressada classificam, ou não, como “obras de arte”.

“A crise do objeto artístico tradicional atravessa a arte contemporânea ao longo de todo o século XX e chegando aos nossos dias; em vez de um objeto ou de uma ‘coisa’, as obras concebem-se como es-

truturas dinâmicas favorecidas também por uma tendência geral para a emancipação da imagem de suportes sensíveis e específicos.”

Em pleno século XXI a participação em residências artísticas é um objetivo a atingir pela generalidade dos artistas. O mundo da arte já não vive sem os artistas em residência e são cada vez mais as grandes instituições, públicas ou privadas, um pouco por todo o mundo, que promovem e financiam este tipo de programas. Todavia, apesar de marcarem o mercado atual como consequência da globalização e do nomadismo dos artistas, as residências artísticas têm uma história com mais de um século.

A primeira vaga de programas de residências artísticas remonta a finais do século XIX, inícios do século XX. Por um lado, alguns mecenas, sobretudo anglo-saxónicos, patrocinavam ateliers individuais a alguns artistas, com o objetivo de apoiar a sua atividade e contagiados pelo espírito romântico. Na mesma altura começa a mobilização de coletivos de artistas para zonas rurais onde procuram clarificar as suas opções estéticas. Algumas dessas aldeias, como por exemplo Worpswede (perto de Bremen, Alemanha), tornaram-se importantes centros internacionais de arte.

Uma nova onda de artistas em residência surge a partir de 1960. Pela primeira vez, discute-se o conceito de ação social através da arte e da cultura. O objetivo era cativar e envolver os públicos, sensibilizando-os para a ação e para a reação ao modelo capitalista emergente. Foram muitos os artistas que optaram por se sediar em pequenas vilas e aldeias, instalando os seus ateliers e relacionando-se com os nativos. Na década de 1990 a globalização e diversidade são as palavras de ordem, com uma terceira vaga de residências que já não se restringem ao Ocidente, pelo contrário, cresce o interesse pelos países menos desenvolvidos e a multiculturalidade marca, claramente, a cena artística contemporânea e de vanguarda. Guimarães, em ano de Capital Europeia da Cultura, deu importantes passos para a sua afirmação como centro internacional de artes, ponto de encontro e de referência de artistas e de criadores. Não obstante da dinâmica cultural que há já algumas décadas marcava a cidade, ganha-se escala e os resultados dos processos de criação em contexto, no âmbito das várias áreas de programação, revelam, precisamente, crescimento e abertura ao exterior.

No quadro do Tempos Cruzados – Programa Associativo podemos afirmar que a totalidade dos projetos desenvolvidos privilegiou a criação a partir do território e em relação com a comunidade, em particular com as associações locais, palcos e objetos de trabalho específicos desta área de programação. No âmbito do projeto POP ARTE (que teve como área de intervenção a etnografia e o folclore) e da ação “Desfile Nacional do Trajo Popular Português” (19 de maio de 2012, Largo do Toural), a cenografia digital da autoria de João Martinho Moura (www.jmartinho.net) foi desenvolvida a partir de um trabalho de captação vídeo feita em momentos de ensaio de grupos de folclore locais. As imagens apresentadas pelo artista digital recorreram a um vasto repertório imagético etnográfico, no sentido de o resultado obtido transpirar contemporaneidade e vanguarda, respeitando e bebendo na tradição as cores, as formas e os gestos.

Por sua vez, o projeto Aqui Nasceu Portugal, estritamente dirigido para grupos de teatro de amadores de Guimarães, culminou com a apresentação do espetáculo “Aqui Nasceu Afonso Henriques” (20 de dezembro de 2012, Centro Cultural Vila Flor). Com dramaturgia e encenação de Helder Costa, fundador da Companhia de Teatro “A Barraca”, este espetáculo foi o resultado do trabalho de construção em rede que, ao longo de 2012, o Tempos Cruzados – Programa Associativo foi desenvolvendo com dez grupos de teatro de amadores de Guimarães. Helder Costa escolheu, assim, um elenco que continha elementos de todos os grupos de teatro de amadores envolvidos no projeto. Além dos atores, também as equipas de cenografia, música, cenografia digital, luminotecnia e adereços foram escolhidas entre os elementos que integraram os grupos de teatro de amadores.

As relações estabelecidas, com as associações locais, em concreto, por João Martinho Moura e por Helder Costa são exemplos dos processos de criação em contexto que privilegiaram o cruzamento da

tradição e da memória com a vanguarda e a contemporaneidade. Contudo, se apelarmos ao conceito mais restrito de “residência artística”, o projeto Memórias Coletivas Singulares, com curadoria de Luís Ribeiro, merece particular destaque.

A primeira singularidade deste projeto está, precisamente, na “ponte” que estabeleceu entre o CAR (1939) e o Convívio (1961), duas das mais dinâmicas associações culturais da cidade, ambas ligadas à criação de dois dos mais relevantes eventos artísticos de Guimarães: os Festivais Gil Vicente e o Guimarães Jazz, respetivamente. Ainda que a distância geográfica entre as duas seja de pouco mais de 500 metros, a distância relacional foi sempre marcada. As suas atividades tiveram sempre públicos e direções distintas e quando, em março de 2010, juntamente com a AEFG, aceitaram o desafio de pensar no que viria a tornar-se o Tempos Cruzados – Programa Associativo, não imaginaram que as suas sedes sociais ficariam para sempre interligadas visualmente por intervenções artísticas.

Levando à letra o conceito de “residência artística”, no Convívio criou-se um espaço que pode ser habitado por 2 a 3 pessoas. Ao longo de 2012, por períodos médios de 3 meses, foram nove os artistas que por lá passaram:

- Entre janeiro e abril de 2012 a “casa” foi habitada por Mafalda Santos (Porto, 1980) e Isabel Ribeiro (Covilhã, 1976).
- Seguiram-se, entre abril e julho, as intervenções de João Marçal (Santarém, 1980), José Almeida Pereira (Guimarães, 1979) e Jorge Fernandes (Guimarães, 1973);
- Entre julho e outubro foi a vez de José Emílio Barbosa (Guimarães, 1979) e Marco Mendes (Coimbra, 1978);
- Entre outubro e janeiro de 2013 as últimas intervenções couberam a Nuno Florêncio (Valpaços, 1975) e Liliana Carvalho (Vila Nova de Gaia, 1985).

“A arte não é pois individual ou coletiva, mas sim individual e coletiva. Em cada obra de arte estão representados sempre os elementos individual e coletivo: a proporção em que nela se manifestam estes dois elementos contribui para definir em parte, sob certos pontos de vista, uma obra de arte.”

Os artistas foram, como já se referiu, desafiados a criar a partir dos arquivos e das memórias associativas e cada um deles interveio nas duas sedes sociais em espaços previamente negociados entre todos. Regra geral, as intervenções, em cada uma das associações, comunicam estética e estilisticamente. Outra curiosidade prende-se com o facto de cerca de metade dos artistas, naturais de Guimarães, pertencerem ao Laboratório das Artes, uma associação local já com mais de uma década que tem apostado na promoção das artes plásticas e visuais na cidade, dinamizando um conjunto de atividades de forma regular. A outra metade são artistas de outras naturalidades que se deslocaram a Guimarães a convite do projeto. Contudo, tanto para uns como para outros, a descoberta mais profunda destes dois espaços associativos foi uma novidade e, mais ou menos interna, a visão que transportaram para as obras proporciona diálogos e interpela os públicos destas associações. Mais ainda, estes são diálogos que atraem novos públicos e promovem o intercâmbio de outros.

Os resultados das residências artísticas que integraram o projeto Memórias Coletivas Singulares e o trabalho artístico em relação com a comunidade, mais do que musealizar outros espaços na cidade, é a materialização da construção em rede que marca o território criativo das associações.



PEDRA FORMOSA

NÚMERO PERFEITO

CICLO

SESSÕES DE POESIA MUSICADA

COORDENAÇÃO ARTÍSTICA:
AURELINO COSTA

PARTICIPAÇÃO ESPECIAL DOS MÚSICOS

ANTÓNIO VITORINO DE ALMEIDA
E PAULO VAZ DE CARVALHO

01 MAR 22H A CERCA, O CÍRCULO • LOCAL: CONVÍVIO

29 MAR 22H ANDANTE: O MESMO E O DIVERSO • LOCAL: CONVÍVIO

26 ABR 22H PENINSULARIDADE • LOCAL: CONVÍVIO

24 MAI 22H SEDENTAR, NOMADAR: O LABIRINTO • LOCAL: CONVÍVIO

21 JUN 22H EXUTÓRIO E GOVA ESCURA • LOCAL: CONVÍVIO

15 MAR 22H FORMATAÇÃO, INCORPORAÇÕES E ADN • LOCAL: C.A.R.

12 ABR 22H CULTURA VISUAL: O CÉU COMO ECRÃ • LOCAL: C.A.R.

10 MAI 22H QUE NOME TEM A ARTE? • LOCAL: C.A.R.

07 JUN 22H UMA CRIAÇÃO É UM CORPO? • LOCAL: C.A.R.

05 JUL 22H PODE UM VATE VATICINAR? • LOCAL: C.A.R.

PEDRA FORMOSA

Ciclo “Número Perfeito”

1 de março a 5 de julho de 2013

Assistimos hoje a uma multiplicação e disseminação territorial de pequenas editoras, facilitada pelos grandes avanços das tecnologias da informação e da comunicação. Na primeira metade dos anos 90 do passado século, porém, a publicação de livros ainda se concentrava, quase que totalmente, em Lisboa e no Porto. Nesse contexto, quando, em 15 de janeiro de 1993, um grupo de amigos decide fundar em Guimarães a editora Pedra Formosa, o seu gesto só podia qualificar-se de alto risco e do mais alto atrevimento. E anunciando-se que o projeto era todo ele voltado para a edição de poesia, então o risco e o atrevimento conformavam um caso de temeridade. Temeridade que, todavia, foi suficientemente fecunda para, ao longo de dez anos e de trinta e cinco títulos, possibilitar a publicação de poetas de renome, de revelar muitas primeiras obras, de divulgar vozes de tradições poéticas pouco conhecidas em Portugal, de alcançar um significativo reconhecimento no «campo literário» nacional.

Até janeiro de 2003, perfazendo, portanto, dez exatos anos de existência, a editora Pedra Formosa construiu um projeto que não passou despercebido, quer no país, quer na cidade de Guimarães. A Associação Cultural e Recreativa Convívio foi, em termos de vivência e de atividade, a verdadeira casa da editora Pedra Formosa.

Em 2013, vinte anos passados sobre o início deste projeto o Tempos Cruzados pretendeu reativar estas memórias, esta experiência e este valor que pertencem com todo o mérito à Pedra Formosa e que, através dela, passaram a património da cidade onde nasceu Portugal.

Neste sentido, o Ciclo “Número Perfeito” tratou-se de um conjunto de dez sessões de poesia e música que tiveram como objetivo homenagear e revisitar o espólio literário tão peculiar que a editora Pedra Formosa publicou, entre 1993 e 2003. Aurelino Costa foi o coordenador artístico deste Ciclo “Número Perfeito”, assumindo também funções de *diseur*. Ao longo destas dez sessões, que animaram as sedes do Círculo de Arte e Recreio e da Associação Cultural e Recreativa Convívio, foram vários os atores e músicos que partilharam, com os públicos, as palavras de tantos poetas, as notas de tantas músicas.

Na última sessão deste Ciclo “Número Perfeito” cumprimos o sonho que nos havia comandado: publicada a Antologia Poética PEDRA FORMOSA (1993-2003), numa sessão que contou com a participação, ao piano, de António Vitorino d’Almeida e, na guitarra, de Paulo Vaz de Carvalho que se juntaram a Aurelino Costa, proporcionando uma noite verdadeiramente mágica.

Esta antologia poética, organizada em dez andamentos, em correspondência aos anos de ação desta editora e com o compasso dado pelas ilustrações dos dez artistas que protagonizaram o projeto Memórias Coletivas Singulares é, acima de tudo, uma homenagem aos atores publicados pela Pedra Formosa e a todos aqueles que, ao longo de uma década, com entusiasmo e numa atitude de clara resiliência, deram vida e voz à poesia, em Guimarães.



103 |



105 |



107 |



108 |

103 | Alberto Augusto Miranda e Aurelino Costa na 1ª sessão do Ciclo "Número Perfeito", a partir do tema "A cerca, o círculo". 104 | Romeu Pereira na 2ª sessão do Ciclo "Número Perfeito", a partir do tema "Formatação, Incorporação e ADN". 105 | Tiago Simões e Simão Barros na 3ª sessão do Ciclo "Número Perfeito", a partir do tema "Andante: o mesmo e o diverso". 106 | Luís Teixeira de Campos, Luís Almeida e Jorge Figueiredo na 4ª sessão do Ciclo "Número Perfeito", a partir do tema "Cultura visual: o céu como ecrã". 107 | Francisco Leite Silva, Aurelino Costa e André Silva na 5ª sessão do Ciclo "Número Perfeito", a partir do tema "Peninsularidade". 108 | Paulo Vaz de Carvalho e Aurelino Costa na sexta sessão do Ciclo "Número Perfeito", a partir do tema "Que nome tem a arte?"



109 |



110 |



111 |



112 |



113 |



114 |

109 | Margarida Cabral e Cheila Pereira na 7ª sessão do Ciclo “Número Perfeito”, a partir do tema “Sedentar, Nomadar: o Labirinto”. 110 | Mário Gonçalves na 7ª sessão do Ciclo “Número Perfeito”. 111 | Rui Sousa na 8ª sessão do Ciclo “Número Perfeito”, a partir do tema “Uma criação é um corpo?”. 112 | Romeu Pereira, Helder Melo e Simão Barros (elenco do Teatro Construção) na 9ª sessão do Ciclo “Número Perfeito”, a partir do tema “Exurtório e Cova Escura”. 113 | Alberto Augusto Miranda na 9ª sessão do Ciclo “Número Perfeito”. 114 | António Vitorino d’Almeida e Paulo Vaz de Carvalho na 10ª sessão do Ciclo “Número Perfeito”, a partir do tema “Pode um vate vaticinar?”.



CONSTELAÇÕES

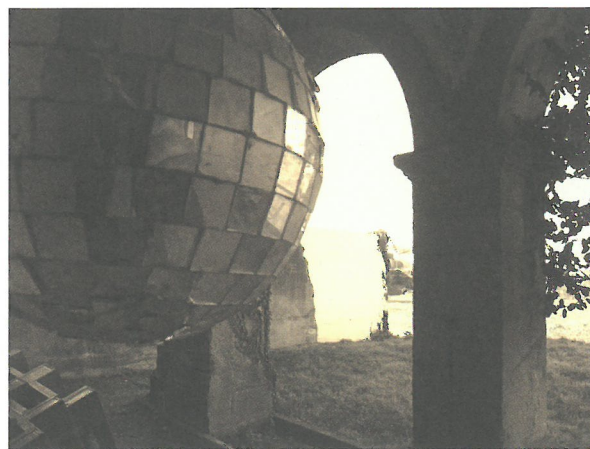
Guimarães, Consolo 2012

março de 2013

“Guimarães, Consolo 2012” tratou-se de um projeto multidisciplinar que pretendeu cruzar a pesquisa etnográfica, o pensamento antropológico e a criação performativa.

O antigo Convento das Dominicás, sede do CICP (Centro Infantil e Cultural Popular), foi o local escolhido por uma equipa de antropólogos e criadores multidisciplinares, liderada por Inês Lago e Manuel Garcia Pereira. Após a fase de abordagem etnográfica inicial, o grupo arrancou com um Laboratório de Encenação aberto à participação da comunidade. Neste Laboratório de Encenação, a criação foi conduzida por Inês Lago, partindo da premissa de Stig Dagerman de que “A nossa necessidade de Consolo é impossível de satisfazer” e cruzando-a com as conceções de consolo de cada um dos participantes. Este Laboratório de Encenação culminou com a apresentação pública do trabalho desenvolvido nos dias 1 e 2 de março de 2013, no CICP.

Deste trabalho, no CICP, resultou, entre outras coisas, um interessante trabalho de fotografia, da autoria do coletivo de artistas que nos revelou a singularidade, beleza e misticismo do edifício do antigo Convento das Dominicás.



“No rescaldo da Capital Europeia da Cultura, uma equipa de antropólogos e criadores multidisciplinares (uns mais distanciados do que outros no que toca aos meandros da existência granítica) chega a Guimarães Nas malas trazem todos a sua própria necessidade de consolo, e muitas dúvidas acerca da sua possibilidade de satisfação. E que geografia melhor para começar a cartografar uma resposta que o Berço desta nação tão desconsolada? Calcorream as pedras do Burgo e sentiram o pulsar das carnes que as habitam. Ouviram as gentes e descobriram todos os desconsolos escondidos entre estas pedras abandonadas que nunca serão suficientes para emudecer as vozes, para esgotar os risos ou calar os acordes que ecoam atrás delas. Sim, é inverno e todo este Granito é frio e húmido. Mas depois há o pó-de-mica: é ele que nos consola e é dele que nos iremos ocupar...”

Foi desta forma que a equipa dirigida por Inês Lago descreveu o que seria o espetáculo performativo com ocupação criativa multidisciplinar “CONSOLO 2.0 – Do Convento para o Convívio”, apresentado, no dia 31 de março de 2013, a partir das 18H00, em vários espaços da Associação Cultural e Recreativa Convívio.

CONSTELAÇÕES

CulturArte na Resistência

março a dezembro de 2013

“CulturArte na Resistência” tratou-se de um projeto sobre a Cultura e Arte na Resistência que teve o CICIP – Centro Infantil e Cultural Popular como associação promotora. O objetivo passou, para além do conhecimento e reflexão das memórias da Resistência, por proporcionar novas formas de pensamento e ação que se desenvolveram dentro da Arte e Cultura da Resistência.



117 | Exposição “Vinil Resiste”, realizada no âmbito deste projeto.



118 | Pintura coletiva que teve como principal objetivo articular diferentes artistas plásticos e envolver a comunidade vimaranense, procurando cruzar diferentes perspectivas de conhecimento e estimular a reflexão sobre memórias da Resistência e o pensamento atual sobre este conceito.

CONSTELAÇÕES

A Cidade e o Corpo

março a julho de 2013

“A Cidade e o Corpo”, promovido pela Associação Cultural e Recreativa Convívio, tratou-se de um projeto multidisciplinar que procurou o cruzamento de expressões artísticas que marcam a cultura urbana com a cidade, ou seja, com a espacialidade física. Partiu da premissa da cidade como experiência corporal, pretendendo explorar as novas dinâmicas que dela emergem e que marcam as paisagens urbanas contemporâneas. A *street art*, os desportos radicais e urbanos, as novas comunidades, os novos gestos, as novas formas de vida serviram de base à realização de um conjunto de atividades.



119 |



120 |

119 | Imagem do work in progress durante Circus Posca Night, 24 de maio de 2013, Associação Cultural e Recreativa Convívio.

120 | Um dos momentos da performance de Ana Calas Araújo, no âmbito da programação do e-corpo, 18 a 20 de abril de 2013, na Associação Cultural e Recreativa Convívio.



121 |



122 |

121 | O Mural Coletivo, pintado entre 1 e 5 de julho de 2013, na Escola Secundária Francisco de Holanda.

122 | Uma das imagens em exposição no âmbito da exposição KRAFTWORK, 16 de março de 2013, na Associação Cultural e Recreativa Convívio.

CONSTELAÇÕES INDIESCIPLINAS

março a julho de 2013

Através do estímulo à intervenção e participação civil a partir do associativismo cultural, o “Indiesciplinas” pretendeu dotar a população de uma visão periférica, ancorada em exemplos históricos de movimentos musicais que mudaram o rumo e a identidade de algumas das mais importantes cidades do mundo.



123 |

123 | Concerto dos Riding Pânico, 27 de abril de 2013, Associação Cultural e Recreativa Convívio.

124 | Concerto de Holly Herndon, 29 de março de 2013, na Associação Cultural e Recreativa Convívio

125 | Concerto dos Peixe:Avião, 20 de julho de 2013, Associação Cultural e Recreativa Convívio.





CONSTELAÇÕES

P.I.C.A. – Programa de Intercâmbio Cultural Associativo

abril a outubro de 2013

O P.I.C.A. tratou-se de uma proposta de uma rede de associações constituída pelo Círculo de Arte e Recreio, Centro Social Recreativo e Cultural de Campelos, Jovidém – Associação de Jovens de Pavidém e pela Morária – Associação de Jovens de Moreira de Cónegos.

O projeto consistia na criação de uma agenda de programação cultural em rede que permitesse o crescimento cognitivo, cultural e artístico dos frequentadores, sócios e população em geral presente na área geográfica em que estas associações de inserem.

As associações envolvidas apresentaram – dentro das suas valências humanas, artísticas e técnicas – propostas de animação que circularam pelas sedes dos quatro parceiros envolvidos no projeto.



126 |



127 |

126 | Cavaquinhos da Morária atuam em Pavidém, 19 de outubro de 2013.

127 | Os Quatro Cantos Redondos, pelo Círculo de Arte e Recreio, atuam na sede do Centro Social Recreativo e Cultural de Campelos, 1 de junho de 2013.



128 |



129 |

128 | Grupo de teatro do Centro Social, Recreativo e Cultural de Campelos atua no Círculo de Arte e Recreio com o espetáculo "A Jorna", 23 de maio de 2013. 129 | Grupo de teatro da JOVIDÉM atua no Círculo de Arte e Recreio com o espetáculo "Bang bang, you're dead", 15 de junho de 2013.



ARTE DE RAIZ POPULAR

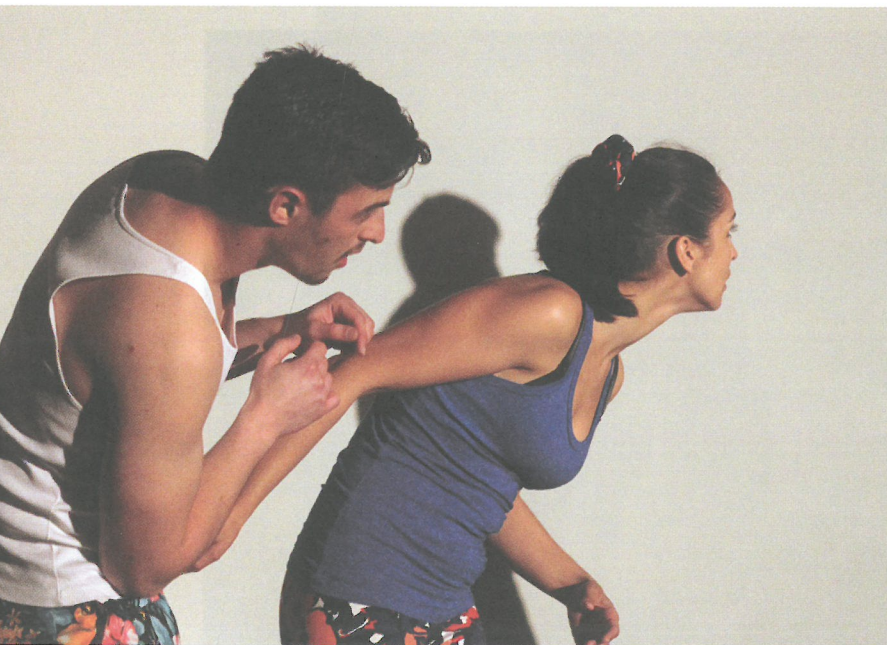
Primavera Deambulante

17 de maio a 14 de junho de 2013

Entre março e julho de 2013 decorreram, em vários espaços associativos, cinco Oficinas Criativas, promovidas pela Castelmaia, pela ADCL e pela Forvisão, no seguimento da lógica que havia sido implementada na primeira fase de Oficinas Criativas, entre setembro de 2011 e março de 2012. PRIMAVERA DEAMBULANTE foi resultado do trabalho desenvolvido nestas cinco Oficinas Criativas.

Cinco iniciativas, do teatro à música, passando pelas artes plásticas e pela comunicação, percorreram o concelho e animaram os fins de semana dos vimaranenses durante os meses de maio e junho.

O programa deu continuidade ao MARÇO DEAMBULANTE, que ocorreu em 2012, e procurou, uma vez mais, o envolvimento da comunidade. Durante cinco fins de semana, o público teve oportunidade de deambular pelo concelho e assistir ao trabalho desenvolvido desde março de 2013.



130 |



131 |

130 | Estreia do espetáculo "Seis personagens à procura de um autor" de Luigi Pirandello, na Casa do Povo de Ronfe, 17 de maio de 2013, pela Oficina de Criação e Produção Teatral. 131 | Caminhada "Pé ante Pé pela História", em São Torcato, dia 15 de junho de 2013, também com os elementos da Oficina de Comunicação, Organização e Gestão de Eventos Culturais.

CONSTELAÇÕES Festival Diferenciarte

18 de maio de 2013, Instituto do Design



132 | No dia 18 de maio de 2013, no Instituto do Design, a CERCIGUI e o Agrupamento de Escolas Professor João de Meira promoveram a 2ª edição do Festival DIFERENCIARTE. Este evento pretendeu, através de um programa de palco que englobou dança, música e teatro, mostrar propostas de trabalho artístico desenvolvidas por pessoas com deficiência.



133 | Pretendeu, também, proporcionar a participação de todos os visitantes em oficinas criativas (artes plásticas, dança, construção de instrumentos musicais e roda de ritmos). Este foi um evento aberto à comunidade promotor da interação, da partilha e da diversão.

CONSTELAÇÕES

Música com História

junho a outubro de 2013

“Música com História” tratou-se de uma proposta da Sociedade Musical de Pevidém. “Ouvir Música, descobrindo a História” foi assim o mote para um conjunto de nove concertos que se realizaram em algumas das referências do património arquitetónico de Guimarães. Através de formações de câmara ou de orquestra, a música percorreu monumentos como a Igreja Românica de Serzedelo, a Citânia de Briteiros, o Santuário de Nossa Senhora da Penha, o Paço dos Duques, os Banhos Velhos das Taipas, o Campo de São Mamede (Castelo de Guimarães), o Mosteiro de São Torcato, a Sociedade Martins Sarmiento ou a Igreja de São Francisco. Esta viagem, recheada de analepses e prolepses, da Idade do Ferro ao século XX, invadiu o espaço e o tempo e procurou despertar novos públicos, tanto para a música como para o património.

Os concertos foram sempre antecedidos por uma visita guiada pela História do edificado, protagonizadas por várias personalidades locais e a coordenação artística e musical foi da responsabilidade do maestro Vasco Silva de Faria.



134 |

134 | Concerto da Sociedade Martins Sarmiento, 28 de setembro de 2013. 135 | Concerto na Igreja Românica de Serzedelo, 6 de junho de 2013.

136 | Concerto na Citânia de Briteiros, 22 de junho de 2013. 137 | Concerto no Santuário de Nossa Senhora da Penha, 4 de julho de 2013.

138 | Concerto no Paço dos Duques de Bragança, 22 de agosto de 2013. 139 | Concerto nos Banhos Velhos das Taipas, 23 de agosto de 2013.

140 | Concerto no Campo de São Mamede (Castelo de Guimarães), 7 de setembro de 2013. 141 | Concerto na Igreja Matriz de São Torcato, 28 de setembro de 2013. 142 | Concerto na Igreja de São Francisco, 12 de outubro de 2013.



135 |



136 |



137 |



138 |



139 |



140 |



141 |



142 |



CONSTELAÇÕES

Citânia Viva 2013

14 e 15 de junho de 2013

Promovida em parceria pela Casa do Povo de Briteiros e pela Sociedade Martins Sarmento desde há vários anos, a Citânia Viva é uma iniciativa que visa recriar, no espaço da Citânia de Briteiros, o ambiente quotidiano da comunidade que habitou a Citânia nos finais do século I antes de Cristo, há pouco mais de 2000 anos. Os Brácaros, como são referidos nos poucos textos que descrevem a época, habitavam povoados defendidos por muralhas (conhecidos como castros ou citânias) e passavam então por uma alteração profunda dos seus hábitos culturais, e uma considerável tensão política, resultante da presença romana no Norte da Península, e das políticas do imperador Octávio Augusto no sentido de dominar, em definitivo, toda a Ibéria.

Em 2013, a Citânia Viva começou com a reposição do espetáculo “Pedra Formosa”, pelo grupo de teatro da Citânia - Associação Juvenil, escrita e encenada por Bruno Laborinho.

Durante o dia 15, com encenação da recriação histórica a cargo de Nuno Loureiro e com a participação especial da Outra Voz e da associação bracarense JovemCoop, os visitantes foram convidados a circular pela rua principal da acrópole da Citânia, onde várias famílias habitavam, novamente, as antigas casas circulares e outros compartimentos, bem como os pátios onde decorria parte da vida familiar. Puderam assistir a uma reunião magna do conselho dos notáveis do povoado, espécie de senado, em que várias questões e problemas foram amplamente debatidos. Assistiram à cerimónia de iniciação de novos guerreiros, aos treinos militares que visavam a permanente vigilância e defesa do povoado e ao ritual de encomendação de um habitante defunto. Puderam mesmo saborear alguns petiscos castrejos, especialmente preparados para a ocasião, tal como há 2000 anos.



143 |



144 |

143 | Reposição do espetáculo "Pedra Formosa", 14 de junho de 2013, Citânia de Briteiros.
144 | Momentos da recriação histórica na Citânia de Briteiros, 15 de junho de 2013.



CONSTELAÇÕES (IN)RURALIDADES

junho a outubro de 2013

O território vimaranense está povoado por um conjunto de eventos que tem como objeto a recriação etnográfica dos ciclos da terra e da natureza.

Na agenda do Constelações, projeto para o movimento associativo, foram integradas as iniciativas regulares de cinco associações dedicadas à etnografia e folclore.



147 |



148 |



149 |

CONSTELAÇÕES

Os Loucos do Ritmo

junho e julho de 2013

“Os Loucos do Ritmo”, projeto promovido pelo Círculo de Arte e Recreio, em parceria com o Centro Social Recreativo e Cultural de Campelos e a Morávia - Associação Juvenil de Moreira de Cónegos, teve como objetivo a dinamização de Oficinas de Percussão abertas à participação da comunidade. Estas Oficinas de Percussão foram promovidas nas três supracitadas associações. Foram utilizados instrumentos tradicionais, nomeadamente das Festas Nicolinas, mas também outros de raiz portuguesa e europeia. Da tradição, o desafio foi partir para abordagens mais contemporâneas, nomeadamente pela utilização de peças urbanas como instrumentos musicais. O objetivo final deste projeto foi reunir os três grupos para a organização de um espetáculo coletivo que integrou a programação da Feira da Terra 2013.



150 |



151 |



152 |



153 |

150 | 151 | Mário Gonçalves, o coordenador do projeto, numa das sessões das Oficinas de Percussão no Círculo de Arte e Recreio.

152 | Oficinas de Percussão no Centro Social, Recreativo e Cultural de Campelos. 153 | Oficinas de Percussão na Morávia, Moreira de Cónegos.

FÁBRICA DAS ASSOCIAÇÕES

“O que fica de 2012 para o movimento associativo local”

por Jorge Cristino

2 de julho de 2013, CAAA

A Capital Europeia da Cultura 2012 ficará associada aos momentos mais altos e mais importantes da história de Guimarães. Um marco indelével da cidade, mas também da história do País.

Em anos de crise europeia e numa conjuntura desfavorável em toda a Europa, Guimarães cumpriu a sua função, mais uma vez, de forma exemplar e inspiradora.

Ao longo deste processo, emerge e fica claro o contributo significativo do movimento associativo vimaranense e das sua gentes. Um contributo de demonstração e afirmação da sua dinâmica, do seu vigor, da sua influência e solidez, já existentes antes de 2012, mas agora fortalecidos.

Durante 2012 e 2013, as associações fizeram aquilo que lhes permitiram fazer, muito com pouco, mas podendo, no entanto, ter ido mais além, caso tivessem sido mais envolvidas e integrado mais vezes os processos de decisão e de programação.

Ainda assim, o Programa Associativo - Tempos Cruzados e Constelações – superou as expectativas e foi além da sua capacidade. Foi um programa aberto e participativo a todas as associações e pessoas, fazendo prova da entrega, generosidade e abnegação do associativismo vimaranense. Um programa que atingiu a sua máxima eficácia e eficiência do ponto de vista da produção e da programação associativa, quando comparado com outros processos semelhantes e como prova este catálogo.

Estes foram também momentos que colocaram à prova as instituições e as pessoas. Foram projetos e processos culturais que uniram esforços, juntaram vontades, reataram relações institucionais, colocando na mesma dimensão e ao mesmo nível áreas disciplinares e influências bem distintas e simultaneamente bem dispersas no território. Este catálogo, nas mais diversas páginas, evidencia a razão na aposta realizada e na capacidade da multidisciplinaridade do movimento associativo, bem como na assertividade desse cruzamento multidisciplinar. Um ganho significativo, mas também bastante simbólico, quando comparado com as práticas anteriores.

Num exercício de perspetiva futura, o Programa Associativo consubstancia, sem margem para dúvidas, um projeto que deixa sementes de fortalecimento e de progresso, contribuindo para o enriquecimento colectivo e dando experiência em matérias tão fundamentais como a produção e gestão artísticas, de extrema importância para a sustentabilidade do movimento associativo, numa cidade que caminha a passos largos para ofertas de alta qualidade e de internacionalização.

Ainda que agora se coloquem outros desafios ao movimento associativo, como a dicotomia profissional e não profissional; ou de oferta cultural popular e formação de novos públicos; ou entre produção artística e apenas programação cultural; o relevante na análise geral, é termos sabido ultrapassar esta prova com distinção e reconhecimento público, principalmente em anos marcados por uma enorme crise de participação, um decréscimo da atividade cultural e uma crise associativa que campeia no país. Em Guimarães, não só soubemos dar razão, objeto e sustentabilidade às associações já existentes, como demos origem a novas associações e a novos projetos. Na prática, vimos a Cidade a crescer!

O Programa Associativo – Tempos Cruzados e Constelações – permitiu, em diferentes fases e a diferentes níveis, o estreitamento de laços e cruzamento de ideias, atividades e projetos, através da

criação de relações de cooperação bilaterais e multilaterais, evoluindo propositadamente, no final, para um projeto de rede associativa.

Essa rede associativa está consubstanciada na Fábrica das Associações, resultado prático revestido de uma elevada importância simbólica, mas também estratégica, do ponto de vista dos principais desafios que se vão colocar no futuro ao movimento associativo e à cultura.

A Fábrica das Associações pode e deverá ser mais que um espaço, seja ele físico ou virtual. A Fábrica das Associações, além de ser uma das principais heranças do movimento associativo no processo CEC2012, será o garante de um trabalho em rede e de uma representatividade mais forte, sólida e coerente, sem beliscar a identidade individual dos parceiros associativos, a sua história, a sua autonomia e independência.

A Fábrica das Associações é a imagem, a linguagem e a montra da rede associativa – coerente, plural, rica, preenchida, livre e solidária.

Evocando Joaquim Santos Simões, reforço, “a dinâmica associativa livre e plural é a pedra angular da construção e do crescimento do regime democrático”.

Dezembro 2013.



154 |



155 |



156 |



157 |



158 |

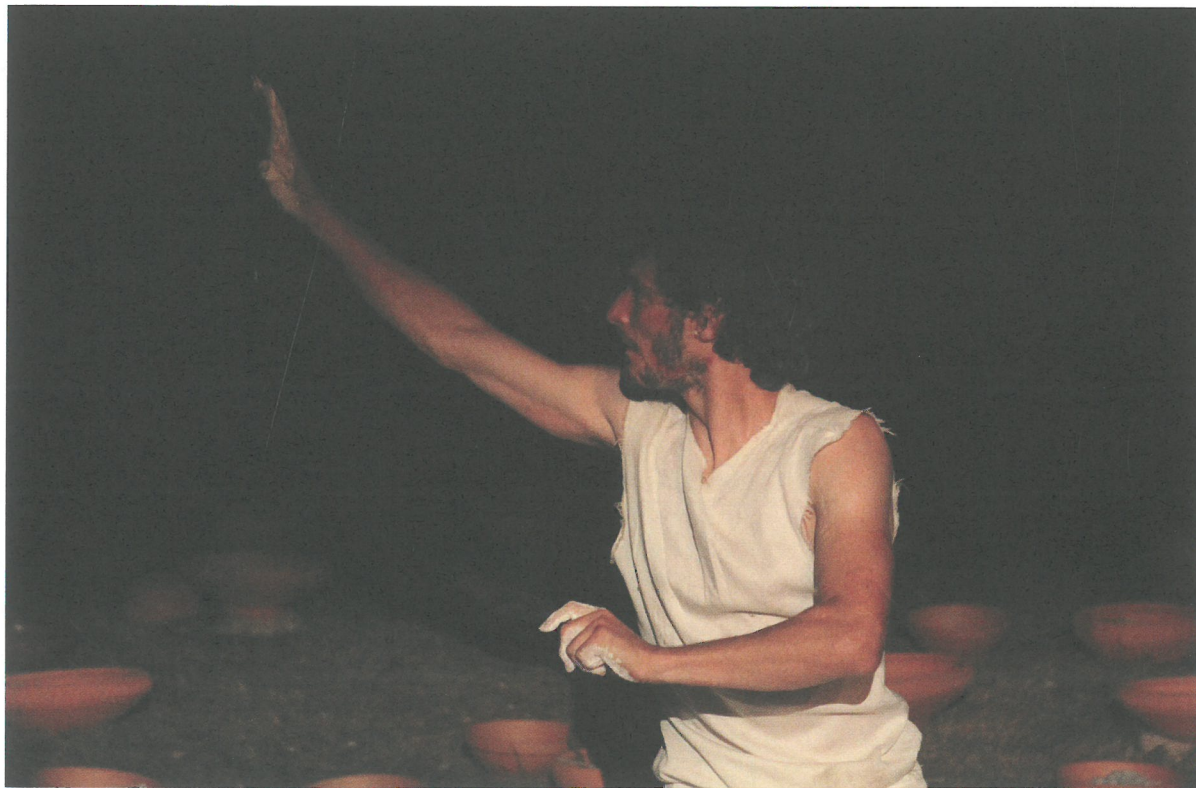
154 | Jorge Cristino, Presidente (à data) do Círculo de Arte e Recreio, apresenta as associações que já aderiram à plataforma.

155 | Eduardo Meira, Diretor do Tempos Cruzados, na sessão de apresentação da Fábrica das Associações. 156 | Elvira Leite, do TERB, recita um poema. 157 | Atuação do Coro da Escola de Jazz do Convívio. 158 | Paulo Rodrigues interpreta “Vimaranencidade”.

☉ CONSTELAÇÕES NEBULOSA

2 a 6 de julho de 2013, Citânia de Briteiros

NEBULOSA, uma criação da DEMO (Dispositivo Experimental Multidisciplinar e Orgânico), “foi, provavelmente, um dos melhores espetáculos de Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura”, ouvia-se repetidamente no final de cada uma das cinco sessões de apresentação deste espetáculo, desenvolvido com a colaboração de alunas da Academia de Bailado de Guimarães. Nele, o público foi convidado “a mergulhar no ventre de barro onde o ritual do corpo bebe a luz e revela os sentidos da Nebulosa”, como escreveu este coletivo de artistas, à data, desafiando-nos a experienciar a Citânia de Briteiros sob um outro ponto de vista.



159 |



CONSTELAÇÕES

Feira da Terra 2013

11 a 14 de julho de 2013, Terreiro de São Torcato

A Feira da Terra, organizada pela ADCL (Associação para o Desenvolvimento das Comunidades Locais) e por um conjunto vasto de associações de São Torcato, já se realiza há vários anos. Em contexto de Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura tinha como mote “inovar a tradição”, ou seja, além dos habituais produtos disponíveis, ligados ao artesanato, à gastronomia e à agricultura, surgiram outros que combinaram novas e contemporâneas formas de ver. Mariana Bacelar foi uma das artistas que colaborou neste projeto e introduziu a inovação nesta edição da Feira da Terra 2013.



162 |

CONSTELAÇÕES Verão é Jazz!

12 a 19 de julho de 2013

A Associação Cultural e Recreativa Convívio promoveu, no âmbito da promoção da sua Escola de Jazz, sonho antigo e concretizado em 2012, ano de Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura, a primeira edição do Verão é Jazz! Na agenda deste evento, que animou a sede desta associação vimaranense mas também as praças do Centro Histórico, houve lugar para *workshops*, *jam sessions*, mas, sobretudo, para um conjunto de concertos protagonizados por novos e (já) grandes nomes do jazz português que encontraram, no Verão, em Guimarães, um público, há muito, amante do jazz. A direção artística deste evento foi da responsabilidade de Tiago Simões.



163 |

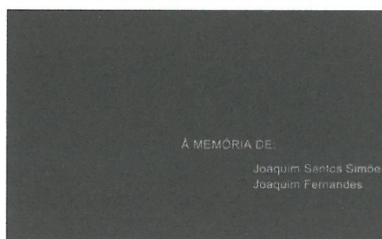
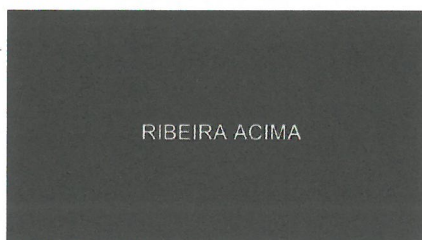
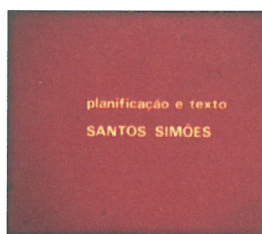
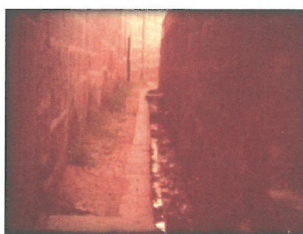
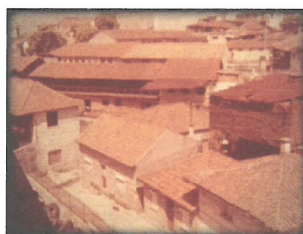


CONSTELAÇÕES

Documentário “Ribeira Acima”

agosto de 2013

Em 1980, o Cineclube de Guimarães produziu o documentário “Rio de Couros” sobre a ribeira que atravessa o centro da cidade. Em 2013 propôs-se reeditar este documentário em formato digital, uma vez que só existia uma cópia em 16 mm, e a produzir outro documentário sobre o atual estado da ribeira, lançando os dois numa edição dupla em DVD. O novo documentário “Ribeira Acima” cruza três conceitos fundamentais: a indústria, o ambiente e a memória, percebendo a importância que esta ribeira teve na cidade e refletindo sobre o presente.



CONSTELAÇÕES

“Pevidém sustenta os seus pobres. Marcha da Fome”

12 a 19 de julho de 2013

Um dos períodos de maior crise social em Pevidém aconteceu durante a Segunda Guerra Mundial (1939/1945). A miséria e falta de alimentos pareciam uma epidemia. O povo reuniu-se e veio para a rua. Homens, mulheres e crianças, em marcha silenciosa, de bandeiras e panos pretos empunhados em sinal de fome, percorreram a pé a distância até Guimarães. Essa marcha de protesto ficou conhecida como a Marcha da Fome do Povo de Pevidém.

Este foi o mote que agregou, num momento absolutamente único, um número elevado de entidades, na sua maioria associações, da Vila de Pevidém com o mesmo propósito: mostrar como “Pevidém sustenta os seus Pobres - Marcha da Fome”.

O cenário e a memória industrial da antiga fábrica “Pinto Lisboa” foi o escolhido para a apresentação do espetáculo, só possível, em grande parte, pelo empenho do Teatro Coelima do Centro Cultural e Desportivo Coelima.



CONSTELAÇÕES

TERRA · Festa do Agricultor de Fermentões 2013

21 de setembro de 2013, Fermentões

O ponto de partida deste projeto foi a agricultura e o enaltecer do trabalho do agricultor. A celebração do agricultor acontece na Casa do Povo do Fermentões desde 1977. Desde então, a comunidade revitaliza a agricultura, promove social e culturalmente os agricultores e respectivas famílias, promove e revitaliza os cantares e a música popular, promove o folclore e outros elementos culturais que caracterizam esta freguesia. Contudo, em 2013, a Casa do Povo de Fermentões, em parceria com a Associação PELE, quis inovar esta festa tradicional através da realização de um projeto de teatro comunitário.

O espetáculo TERRA, apresentado a 21 de setembro de 2013, no espaço público, em Fermentões, contou com uma encenação que se focou no tradicional, perseguindo uma roupagem contemporânea, em simultâneo com a valorização da dimensão organizacional da Casa do Povo de Fermentões.

A Comissão de Festas da Festa do Agricultor de Fermentões e o Grupo Folclórico da Casa do Povo de Fermentões estiveram amplamente envolvidos neste projeto, protagonizando-o e contribuindo para as memórias que nele se partilharam.



174 |



☼ CONSTELAÇÕES

“Ontem, Hoje e Amanhã: Preservar o Passado para Construir o Futuro”

1 de outubro de 2013, Sociedade Musical de Pevidém

Este projeto teve como objetivo preservar e promover a divulgação do património da Sociedade Musical de Pevidém através da inventariação, estudo e catalogação do seu Acervo Musical, constituído por cerca de 1000 obras para Banda dos séculos XIX, XX e XXI, dando, assim, os primeiros passos na criação de uma Mediateca.

No dia 1 de outubro de 2013, Dia Mundial de Música, foi apresentado este Acervo, brindado com o concerto “Compositores da Nossa Terra”, pela Banda da Sociedade Musical de Pevidém.



◉ CONSTELAÇÕES BAILE

23 de novembro de 2013, Sociedade Martins Sarmento

Este projeto teve como objetivo a realização de um BAILE que recriasse os bailes do Largo do Carmo e o espírito da sociedade vimaranense do século XIX em que viveu Francisco Martins Sarmento. Contou com a participação ativa da comunidade que teve oportunidade de frequentar um conjunto de Oficinas Criativas nas áreas da dança, da gastronomia e da decoração de interiores, tornando-se protagonistas do espetáculo.





178 |

CONSTELAÇÕES

Ilustrar Guimarães

7 de dezembro de 2013, showroom da Plataforma das Artes

“Ilustrar Guimarães” foi um projeto de residências artísticas, promovido pelo Laboratório das Artes e em parceria com a Associação Mercado Azul, que pretendeu alargar os campos de intervenção da ilustração. O projeto envolveu um conjunto de instituições de Guimarães ligadas ao ensino que tiveram, durante uma semana, um ilustrador em residência nos seus espaços. Estas residências decorreram em formato *workshop* aberto e permanente, num convite alargado à participação das comunidades. Estes trabalhos de ilustração servirão também de base ao desenvolvimento de alguns produtos de *merchandising* e no final, combinaram-se numa exposição no *showroom* da Plataforma das Artes, inaugurada a 7 de dezembro de 2013.

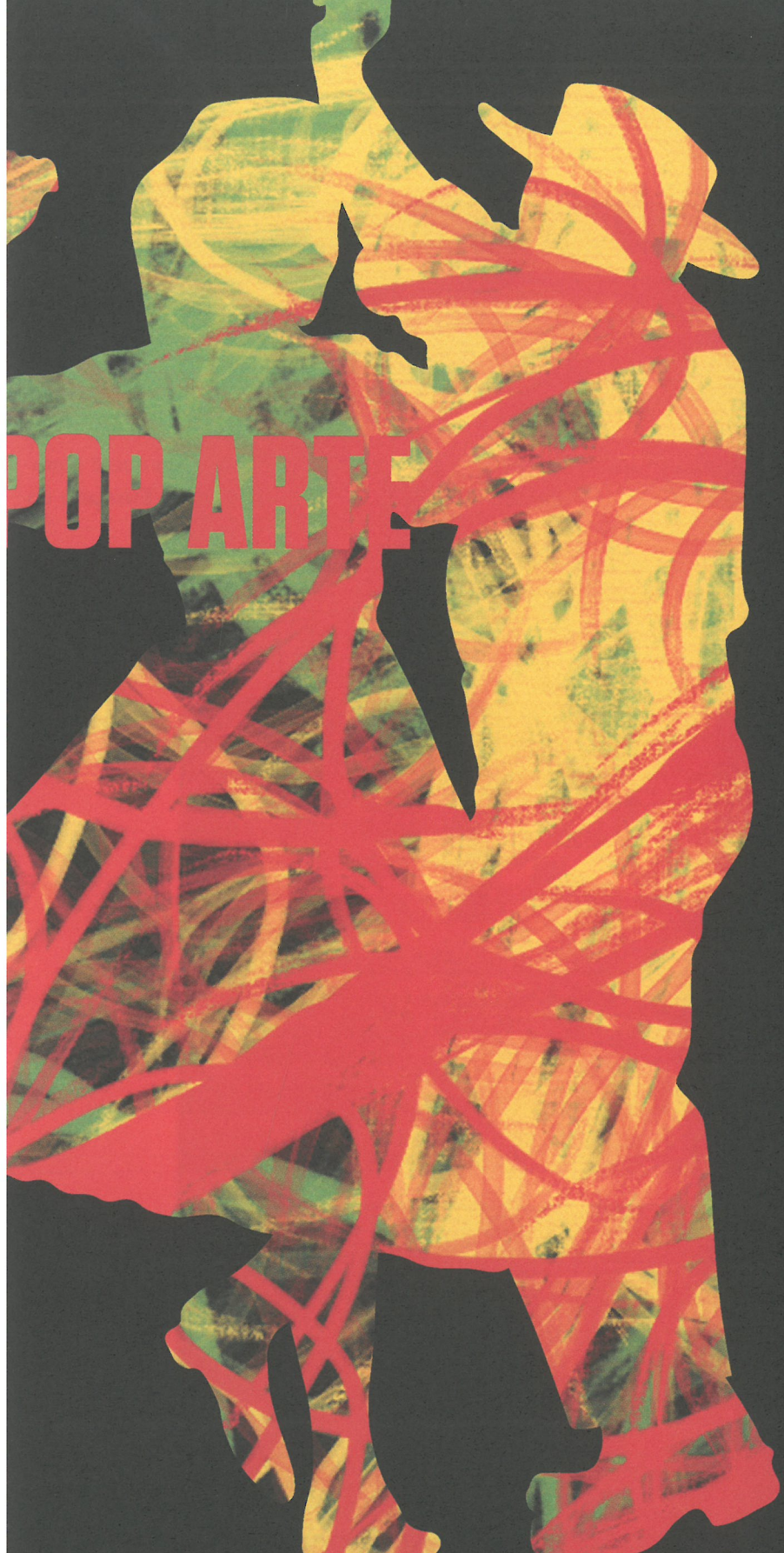


ÁRVORE-ORQUESTRA | LARGO DA ACADEMIA DE MÚSICA - GUIMARÃES



180 |





POP ARTE

A POP ARTE ESTÁ NO ADRO

8 DEZ 14H30

GRUPO FOLCLÓRICO

DO CENTRO SOCIAL DE VILA NOVA DE SANDOVAL

LOCAL: CAPELA DE NOSSA
SENHORA DA CONCEIÇÃO, AZURÉM
Integrado nas Festas de Nossa Senhora da Conceição

15 DEZ 15H00

**GRUPO REGIONAL FOLCLÓRICO
E AGRÍCOLA DE PEVIDÉM**

LOCAL: IGREJA MATRIZ DE GUARDIZEL
Integrado na Festa de Santa Luz

15 DEZ 16H30

**RANCHO FOLCLÓRICO DO CENTRO
SOCIAL CULTURAL E DESPORTIVO DE SILVARES**

LOCAL: CENTRO SOCIAL CULTURAL E
DESPORTIVO DE SILVARES
Integrado na Festa de Aniversário deste Rancho Folclórico

⊗ Exposição-Instalação DO IT YOURSELF

27 a 31 de dezembro de 2013, Laboratório das Artes

DO IT YOURSELF tratou-se de uma exposição-instalação desenvolvida a partir daquilo que é a memória material do Tempos Cruzados, área de programação de Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura.

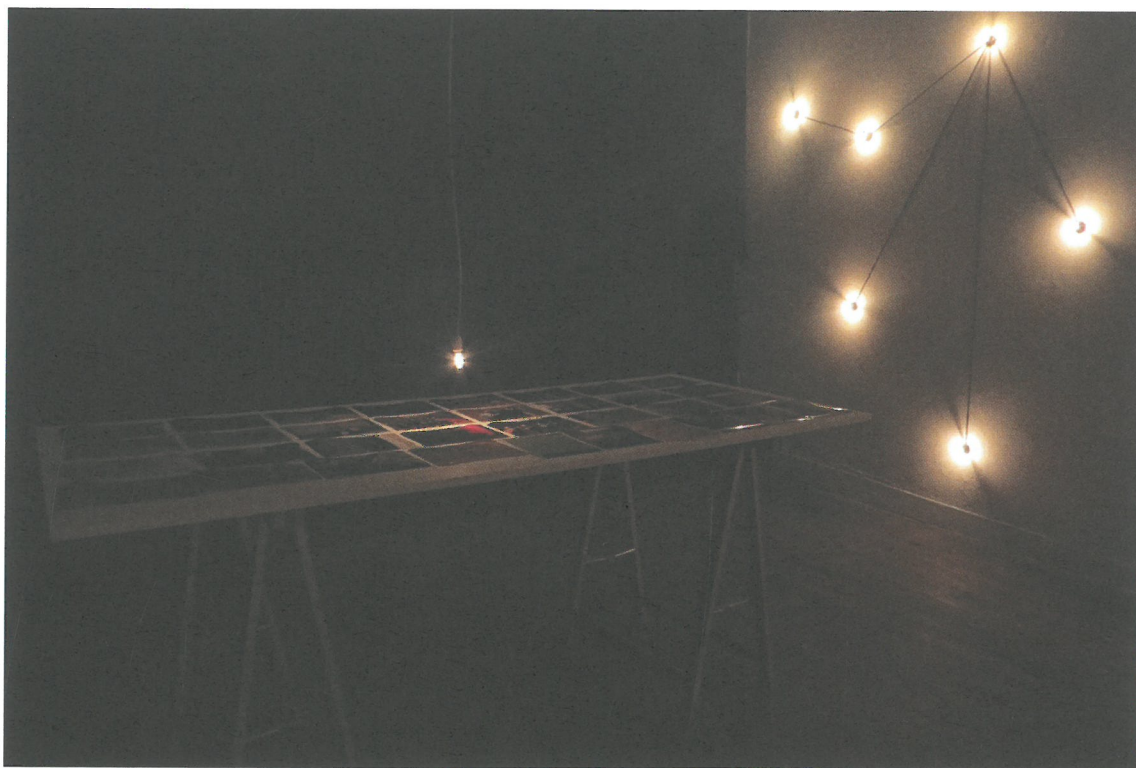
A exposição DO IT YOURSELF foi uma criação do COLETIVO LAB com a colaboração de Max Fernandes e encerrou este Programa Associativo, que se estendeu de setembro de 2011 a dezembro de 2013, numa exposição que reuniu múltiplas manifestações plásticas e visuais como o vídeo, a instalação e o desenho.



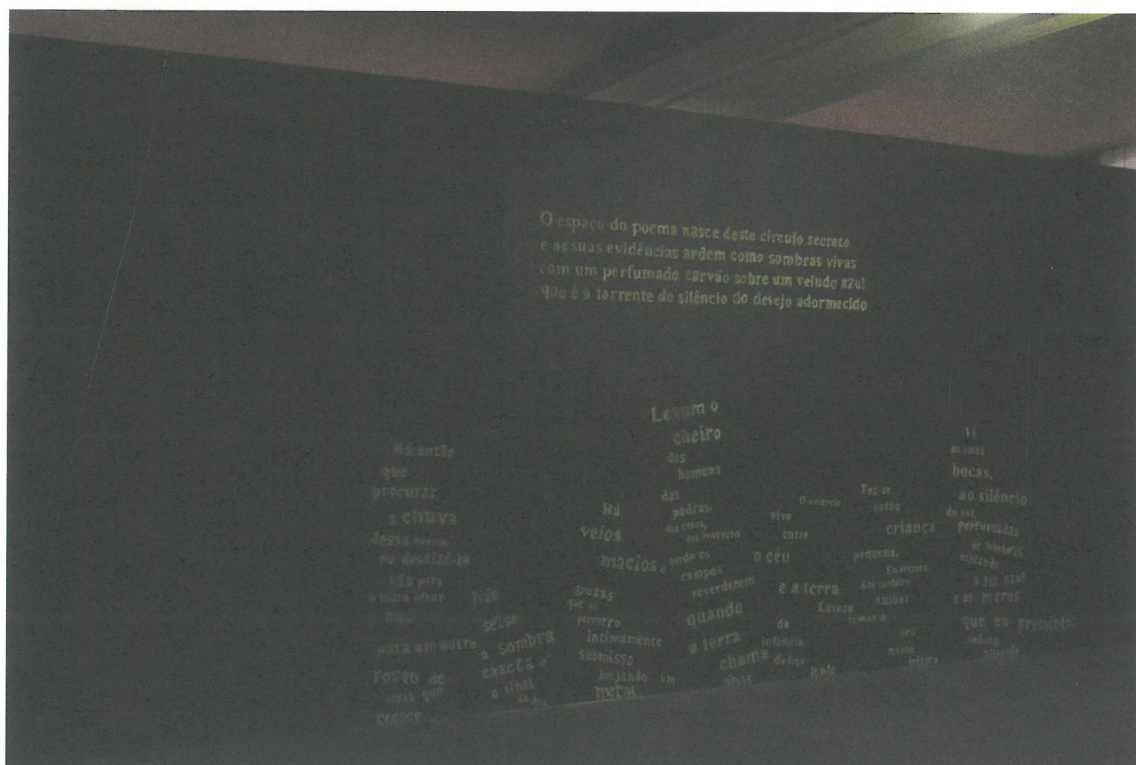
182 |



183 |



184 |



185 |

182 | Harmonia e Movimento_Coletivo LAB_Giz e carvão sobre parede e música do Vira manipulado digitalmente, 2013. 183 | Avelaneiras Floridas_Max Fernandes_Vídeo, cor, som, 12min, 2013. 184 | Constelações_Coletivo LAB_Instalação com 25 lâmpadas, mesa e fotografias do 25 projetos do Constelações, 2013. 185 | Desambiguação_Coletivo LAB_Giz e tinta plástica sobre parede e livros Pedra Formosa para leitura, 2013.

CONSTELAÇÕES

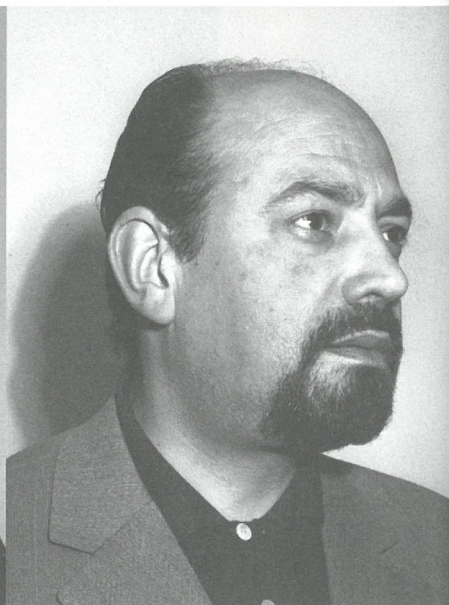
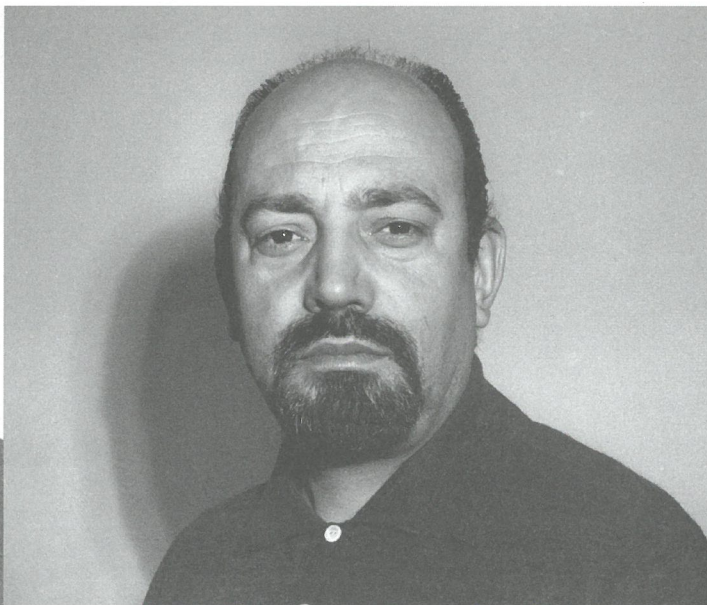
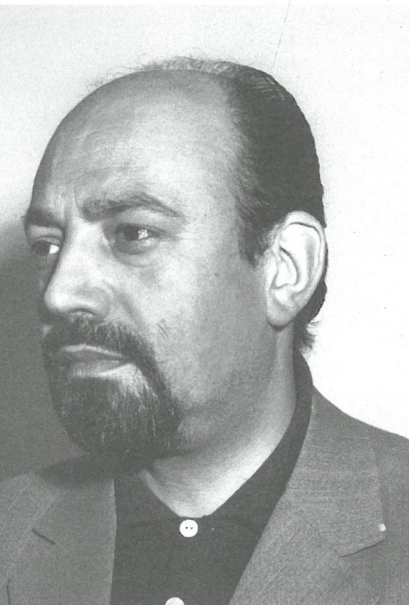
Tributo a Santos Simões

dezembro de 2013

O projeto “Tributo a Santos Simões” consistiu na publicação da fotobiografia de Joaquim António dos Santos Simões, que integrou um ensaio biográfico original. Tratou-se de um trabalho coletivo da Sociedade Martins Sarmiento, do Cineclube de Guimarães, do Círculo de Arte e Recreio, da Associação Cultural e Recreativa Convívio, da Escola Francisco de Holanda e da Escola Santos Simões.

A figura de Joaquim Santos Simões marca indelévelmente a vida e a cultura de Guimarães na segunda metade do século XX. Chegou a Guimarães em outubro de 1957, nomeado professor de Matemática da Escola Industrial e Comercial de Guimarães. Ainda nesse ano, deu início à sua colaboração, como encenador, no grupo de teatro do grupo musical Ritmo Louco, posteriormente reestruturado sob a designação de Teatro de Ensaio Raul Brandão (TERB). Em 1958, foi um dos fundadores do Cineclube de Guimarães. Em 1960, assumiu a presidência da Sociedade Musical de Guimarães, ao mesmo tempo que organizava os Festivais de Gil Vicente. Entre 1961 e 1975, coordenou o suplemento cultural Artes e Letras do jornal Notícias de Guimarães. Desenvolveu intensa ação política, que lhe acarretaria, em tempo de ditadura, a demissão da função pública e a prisão. Em 1975, integrou a Comissão Instaladora da Universidade do Minho. A partir de 1990, desempenhou as funções de Presidente da Sociedade Martins Sarmiento, mas nunca deixou de participar na vida das outras associações culturais a que pertencia. Faleceu em 2004.

Este projeto pretendeu ser um tributo da cidade de Guimarães a Santos Simões e consistiu na edição de um livro de tributo a esta grande figura da sociedade vimaranense.



A síndrome da ex-capital cultural: o futuro da cidade inquieta

por António Pinto Ribeiro

Cada um de vós, bem como a governação da cidade, já fez, com certeza, uma avaliação do que foi a capital cultural. Hoje, não me interesse fazer essa avaliação. Não me interessa falar sobre a Capital Europeia da Cultura (CEC). Interessa-me mais que possamos falar a partir daquilo que é o presente nesta cidade; o que fazer com este presente; o que fazer com a memória material que, entretanto, herdamos. Herdamos, as pessoas de Guimarães, mas também herdamos nós portugueses, e nós europeus.

Quem se lembrará neste momento de quais foram as capitais europeias da cultura em 2011, ou quais foram as capitais europeias da cultura do ano 2000, que, na verdade, foram 9. E até 2027 há 169 candidaturas. As Capitais Europeias da Cultura nasceram de uma ideia ideológica, particularmente generosa e ingénua, em Atenas, por Melina Mercouri, num tempo em que a Europa nada tinha que ver com a Europa de hoje. A CEE de então tinha 10 países associados essa Europa da comunidade económica pouco tem a ver com a União Europeia de hoje. As cidades pouco têm a ver com o que são hoje e, do ponto de vista daquilo que têm sido as implicações do desenvolvimento tecnológico, quando a Melina Mercouri fez todo este trabalho, fê-lo ao telefone e com cartas escritas. Portanto, estamos à distância dos e-mails, estamos à distância das nuvens online, estamos a uma distância que reproduz sobretudo a velocidade da vida contemporânea. Isto reflete-se também na forma como as cidades capitais europeias da cultura lidam com um problema muito concreto que é o problema de haver hoje um espaço e um tempo digitais, que colidem com o tempo real e com a materialidade do nosso quotidiano. Este é um dos aspetos porventura mais complexos, mais difíceis de gerir em relação ao futuro e em relação ao que herdamos do passado.

Para mim houve duas capitais europeias da cultura que foram determinantes e que ainda hoje são ícones deste projeto programático e político. Glasgow, em 1990, que introduziu uma viragem quanto à programação que passou a ser substantiva do ponto de vista artístico e Antuérpia, em 1993, que teve como tema “Pode a Arte salvar o mundo?”. Posteriormente os lemas banalizaram-se muito. Recordo-vos Santiago de Compostela que tinha como mote “Querer mostrar que esta cidade é mais do que um lugar de peregrinação”, completamente banal como palavra de ordem. Ou então “redefinir-se como cidade de muitas vocações onde coexistem portos, indústria e atividades culturais” (Génova, em 2004), uma enorme banalidade também em termos de projeto político. O mesmo em relação aos nossos queridos amigos do Porto com a “Capital europeia das pontes”, que também não foi, do ponto de vista do lema e do programa, algo particularmente excitante. Algumas pessoas mais ligadas a estas questões conhecem, com certeza, o famoso “Relatório Palmer” que em 1995 fez uma avaliação dos aspetos positivos e dos aspetos negativos das capitais europeias da cultura. Um dos aspetos negativos de que Palmer falava era de uma certo aproveitamento e utilização do ponto de vista da reorganização urbana e da construção de equipamentos que as câmaras municipais faziam nestes momentos, deixando para um segundo ato aquilo que é do ponto de vista dele, e do meu também, o ponto fulcral: uma capital europeia da cultura é um projeto político, é um projeto de política cultural no sentido mais vasto do termo, ou seja, que conflui as questões de natureza económica, dos transportes, a questão da circulação de bens e de pessoas e, só depois disso tudo, de criação artística e de difusão e da literacia cultural. Antes de tudo, é um projeto político que procura refletir sobre como habitar uma cidade ou o que fazer com a cidade em que vivemos. Porque, na realidade,

de, estas capitais europeias da cultura foram todas capitais efémeras. As capitais europeias da cultura são Londres, Paris, Berlim e Istambul. Essas são as capitais europeias da cultura. As outras são episódicas. Isto não é uma avaliação negativa do trabalho das capitais europeias da cultura, pelo contrário. Mas do ponto de vista das cidades que conseguem congregar a Europa num determinado momento, que conseguem ser uma referência das tendências mundiais a partir da Europa, pela sua tradição, pelo seu poder económico, pelas suas instituições fortíssimas, estas serão as eternas capitais europeias da cultura.

A depressão que habitualmente surge na sequência das capitais europeias da cultura resulta, muitas vezes, de uma grande expectativa que se teve e depois de uma mistura de sentimentos, como ressentimento, a desorientação, à depressão coletiva e individual. E, de facto, às vezes as capitais europeias da cultura efémeras deixam pouco de poder à questão cultural. Reparem no Porto: depois da grande festa que foi 2001, bastaram dois mandatos para que o tecido cultural do Porto fosse completamente destruído. Portanto, o que é que ficou de estruturante na cidade, para além de dois ou três equipamentos de referência em Portugal? Pensemos no tecido cultural, nos hábitos culturais ou na participação cultural dos cidadãos, que praticamente desapareceu num determinado momento. Portanto, houve algo que não correu bem no pós Porto 2001 Capital Europeia da Cultura.

Eu acho que uma das cautelas, do meu ponto de vista, na sequência de uma CEC, qualquer que ela seja, é a necessidade de dar tempo ao tempo. Ou seja, estarão os cidadãos de Guimarães, o poder político e económico de Guimarães, dispostos a prepararem uma cidade que seja uma capital europeia da cultura, no sentido mais rico, mas superlativo do termo, daqui a dez anos? Têm tempo daqui a dez anos? Têm tempo e estão dispostos a trabalhar durante 10 anos, não para que haja uma nova CEC, mas para que daqui a dez anos haja uma atividade que vá sendo construída diariamente, de uma forma substantiva, com lentidão, com direito ao falhanço, com direito à experimentação, afastada tanto quanto possível dos ciclos das legislaturas, dos ciclos políticos, das governações? Esta é a questão de fundo. Uma capital europeia da cultura começa depois de a sua festa ter acabado.

A própria ideia da importância que a cultura passa a ter no pós-guerra é uma coisa relativamente recente. Funcionou sempre em dois sentidos: por um lado, as organizações culturais, as cidades europeias da cultura, tudo o que tinha a ver com a produção cultural alargada a um maior número de cidadãos, tinha como orientação a paz universal, ou seja, e passando a simplicidade do termo, faz-se cultura na comunidade com o objetivo de que ela seja um instrumento para a paz universal. É uma ideia kantiana da modernidade europeia, mas é uma ideia fulcral que está assente em todos os grandes projetos europeus ligados à cultura. A par desta linha de orientação há, contudo, uma outra, que eu acho que é preciso sabermos lidar com ela. Tem que ver com recusar a ideia de que a cultura é um manto diáfano, homogêneo, que salva todas as situações de conflito. Portanto, há ainda muito aquela ideia de que quando há uma situação de conflito, de guerra, lá vão chamar uns artistas para ver se aquilo se resolve, para integrar socialmente, através da cultura e das artes, todas essas pessoas que vivem no mundo descaminhado. Quando, na verdade, há uma dimensão da prática cultural que tem a ver com o facto de a cultura ser também um campo de batalha e um campo de disputa. E porquê? Porque cada um de nós, do ponto de vista cultural, herdou um determinado património; património cultural que, de alguma forma, o ajuda a representar o mundo, o mundo dos outros, o nosso mundo. Simultaneamente a esse património nós acrescentamos as nossas vivências; as nossas emoções; as condições em que nascemos e vivemos; se a infância e adolescência foi mais rural ou mais urbana; se provenho de uma família mais abastada ou menos abastada; se sou alguém com uma prática religiosa e dentro da prática religiosa qual a minha orientação. E tudo isto se consubstancia na representação que eu faço do mundo. Por vezes, há outras pessoas que têm outras representações do mundo, não necessariamente idênticas à minha. Neste momento, o conflito surge. Portanto, a cultura não é algo que está aquém dos conflitos; pelo contrário, muitas vezes potencializa essas mesmos conflitos. Há situações incompatíveis há escala mundial. Por exemplo agora, com a ques-

tão económica, vem novamente o conflito de identidades muito suportado na língua, muito suportado nas nacionalidades e que resulta de situações que no fundo traduzem aquilo que são as representações culturais de cada um. E, portanto, a cultura é também um campo de batalha. Alguns teóricos, felizmente, pensaram nisto a sério, dizendo que “podemos negociar culturalmente estas coisas”.

Nas chamadas correntes pós-coloniais surge a questão do “como é que eu lido com o outro, que é bem diferente de mim, através de uma negociação cultural, através de um projeto político que seja pacífico e comum às duas partes?”. Esta é uma questão que é preciso ter em consideração. Quando o mundo, e a Europa em particular, que vive um momento de desafio face aquilo que é, por um lado, a construção europeia que fortifica e cria uma muralha à volta de si, tentando evitar que haja fluxos migratórios de outro lado, mas ao mesmo tempo o Conselho da Europa, o Parlamento Europeu e todas as entidades de Bruxelas dizem “viva a interculturalidade, via o multiculturalismo (mas viva fora da minha porta)”. Aquilo que primeiro era uma questão central de cidades com fortes emigrações africanas e orientais (Berlim, Paris, Marselha, entre outras) hoje é comum à maioria das cidades, mesmo cidades de pequena e média escala. Como é que nós lidamos com a chamada interculturalidade, com outras pessoas que vêm doutros lugares, com outras representações do mundo completamente diferentes das nossas? Este é um dos grandes e maiores desafios que existem: como coabitar num mundo de grandes diferenciações onde, ao contrário do que supostamente se pensava, há fossos aparentemente intransponíveis a partir da presença de comunidades bastante diferentes e que passaram a viver no mesmo espaço?

Durante muitos anos houve uma ideia bastante ingénua, também muito generosa, mas sobretudo ingénua, chamada “multiculturalismo”. Os japoneses viviam ali, os chineses aqui, os árabes acolá e, supostamente, todos viviam mais ou menos bem porque não cruzavam fronteiras e eram comunidades relativamente autónomas. Com as questões da crise económica, do desenvolvimento demográfico, da combinação e mistura de comunidades tudo isto acabou por se revelar bastante explosivo, até porque algumas destas comunidades passaram a ser mais pobres e outras mais ricas. Os conflitos não foram só étnicos, foram, sobretudo, conflitos entre pobres e ricos.

Essa ideia de multiculturalismo acabou definitivamente com o atentado de Londres, de há uns anos a esta parte. Alguns autores, mais otimistas, dizem que “o mundo não está perdido se nós concebermos a interculturalidade também ela como um projeto político”, ou seja, que aquilo que for bom para mim, seja também bom para o outro que faz parte de outra comunidade. E, portanto, há subjacente a isto a ideia de que a construção para o futuro, a tal construção da paz universal, passa pela combinação dos contributos de todos para um projeto político que seja capaz de responder ao ideal da paz. Nem tudo está perdido. Penso que hoje cidades com a escala de Guimarães, que há uns anos não se davam conta disto, já notaram que a Europa está a ficar, apesar das fronteiras, mais crioula, no sentido da combinação de múltiplas raças e etnias e de vários fluxos migratórios.

E eu tenho uma visão muito otimista, sou um racional otimista em relação ao futuro e penso que mais importante que o legado do passado é, porventura, o que vem para o futuro, que depende de nós. Se o passado não dependeu de nós, mas é o que herdamos, o presente e o futuro dependem basicamente de nós. Portanto, face a esta inquietação que decorre do pós-parto que foi Guimarães capital cultural, o que fazer? Eu tenho ouvido e lido uma espécie de estratégia contra a qual sou particularmente crítico: é o famoso milagre das indústrias criativas. Do meu humilde ponto de vista, trata-se de uma panaceia inventada na Europa pelo Tony Blair, pela famosa “terceira via”, e que teve relativo sucesso em Londres, em particular e na Grã-Bretanha, de uma forma geral. O sucesso decorreu de dois aspetos: o primeiro foi a grande campanha de *marketing* à volta desta ideia, ou seja, a ideia de acoplarem o termo criativo às indústrias fez com que aquilo que habitualmente é do domínio das artes, da aura das artes, passasse para as indústrias criativas. Portanto, antes, as indústrias tinham aquela representação pesada, tudo o que era associado à indústria era pesado, poluente, antigo, passando a ser representado de uma forma glamorosa vinda des-

te lado da criatividade, retirado às artes, e que passou para as indústrias. Esse *marketing* foi perfeito, foi muito bem feito, como aliás toda a política de Blair, desse ponto de vista. Mas o outro aspeto e aquele que permitiu que, de alguma forma, isto durasse muitos anos e tivesse sucesso, não tinha a ver com a criatividade. Porque uma indústria ou é criativa ou não é indústria. Se não é criativa morre à nascença. A criatividade aplicada à indústria é apenas uma redundância. O que acontece é que as indústrias criativas, os seus produtos, tinham consumidores. A escala de Londres, que tem 10 milhões de habitantes, a escala do país, a escala do mundo anglo-saxónico, permitia que qualquer coisa que fosse produzida na lógica das indústrias criativas tivesse uma distribuição e um consumo. Agora tentem transferir isto para Guimarães, ou para Lisboa, ou para Portugal inteiro e verão onde é que está a cadeia de distribuição, onde é que estão os consumidores com poder de compra capazes de dar vassão a estas supostas indústrias criativas. Reparem no fosso enorme que existe, por exemplo, entre aquilo que são as produções nas escolas de artes e aquilo que são as indústrias. Mas alguns vos dirão: “mas nós vendemos imensos jogos de computador para Espanha”, “vendemos sapatos”. Acho ótimo vender-se isso tudo. Mas estas vendas nada têm que ver, nem com o mercado português, nem com os mercados de língua portuguesa. Por razões diversas: no Brasil porque são completamente protecionistas e, portanto, qualquer coisa para lá entrar paga 40% de imposto, o que à partida não é nada motivador e porque para os outros mercados é muito difícil vender isto a que chamam as indústrias criativas de matriz portuguesa, até porque, os poucos que têm poder de compra em Angola ou Moçambique, por exemplo, preferem comprar em Paris ou em Londres.

Para que não haja equívocos, isto não inibe que haja investigação, que haja trabalho laboratorial, e que haja, tanto quanto possível, o incentivo às relações possíveis entre a criação artística e alguns setores da vida industrial, mas não é um milagre, nem será a solução para os problemas económicos dos criadores. Acresce outro aspeto fulcral: aquilo a que habitualmente se chamam indústrias criativas são as indústrias que produzem um consumo efémero e imediato. Tudo o que tenha a ver com o design, tudo o que tenha a ver com a imagem, o audiovisual, os jogos, tudo isso. Depois há o núcleo duro de tudo isto, sem o qual nada disto existe e que é constituído pelo teatro, pela dança contemporânea, pela música, pelo jazz, e que não têm suporte nem sustentação para se desenvolverem nesta lógica das indústrias criativas. E no entanto são o núcleo fulcral para que todas as outras possam existir e funcionar.

Depois deste parêntese, com esta minha posição crítica face ao milagre das indústrias criativas, há duas outras condicionantes: os cidadão mais novos, os nativos digitais, como alguns teóricos dizem, e que diariamente se internacionalizam. Jovens de 12 ou 13 anos, bastando que falem o rudimentar de inglês para se internacionalizarem diariamente, no mundo global. A maior parte das vezes num espaço real reduzido, mas com uma abertura sobre o resto do mundo muito grande. Como é que nós somos capazes de resolver este choque entre este universo digital e internacional com que estas gerações lidam e aquilo que é o mundo real? Este é um dos problemas mais difíceis de gerir e para o qual não há grandes soluções. Tentar não hierarquizar, talvez, ou seja, o mundo digital não é melhor que o mundo material, nem vice-versa, mas tentar perceber onde é que pode haver pontos de encontro. Nomeadamente ao nível da literacia da imagem que nós, mais velhos, precisamos, porque somos completamente analfabetos do ponto de vista da tecnologia, e do ponto de vista da forma como nos relacionamos com ela; e para os mais jovens de uma literacia cultural herdada de uma cultura da alfabetização e do livro, face aos quais eles têm imensa dificuldade. Eu acho que há aqui pontos de contato possíveis e algumas escolas têm desenvolvido algumas soluções bastante interessantes e com um espírito bastante aberto, para não haver as tais gerações digitais, uma espécie de malfadados, que estão a estragar a cultura literária e livresca europeia. Este é um problema para o qual uma cidade que aspira a ser uma cidade permanentemente cultural se deve preparar: como lidar com estes dois universos em colisão?

O mercado da arte e da produção artística que afeta hoje, nomeadamente, para as possibilidades de programação artística, coleções, museus, criação dos artistas, ou seja, o domínio das artes plásticas e visuais,

mudou radicalmente. Em 1895 inaugurou-se a primeira bienal de artes plásticas, em Veneza. Em 1989 havia 26 bienais de artes plásticas. Em 2012 havia 149 bienais de artes plásticas. O mercado da arte tem números impressionantes: em 2007 foram transacionadas 50 milhões de obras de arte e em 2011, a China ultrapassou, pela primeira vez, os EUA, tornando-se a maior mercado mundial de arte, para obras com valor de mercado superior a 50 mil euros, ou seja, não só se tornou o maior comprador de arte, mas tornou-se no maior comprador para obras acima de 50 mil euros. Estes números têm o efeito de vos impressionar. Devem estar a questionar-se: “e agora em Guimarães o que é que eu faço face a estes números?”. A primeira resposta pode ser: “Vou desistir, não há nada a fazer. A China vai comprar o Castelo, comprar isto tudo e acabou-se”, ou, outra solução, também pouco feliz seria: “Vamos tentar alterar isto tudo”. Eu não vos trago, naturalmente, nenhuma receita mas apetece-me mostrar-vos um modelo, que provavelmente alguns já conhecerão. Este ano tive oportunidade de visitar Medellín, a segunda maior cidade da Colômbia, depois de Bogotá. As pessoas menos jovens recordar-se-ão de Medellín como uma das cidades mais perigosas do mundo, cidade dos traficantes, liderada pelo famoso Pablo Escobar, o maior traficante de droga da história da droga. Controlava 80% do tráfico de droga para todo o mundo e, portanto, havia mortes e crime todos os dias. Isto alterou-se. Resumidamente, as pessoas tinham um nível de vida tão baixo, tão baixo, que estiveram dispostas a tudo. E, em 2003, houve um professor de matemática de uma universidade de Medellín que organizou um partido político com associações, sindicatos e outras entidades locais, com um projeto político muito concreto e ganhou as eleições com 80% dos votos. Em 10 anos reformulou completamente a cidade. Baseado em quatro pilares fundamentais que foram: a segurança, o desenvolvimento tecnológico, apoio à cultura, apoio à educação. Eu fui a Medellín e, apesar de tudo, ia com a ideia de ver pessoas aos tiros no meio da rua. O que aconteceu foi que estes quatro pilares deram resultados muito cedo: Medellín tem hoje um orçamento para a cultura maior do que o orçamento de todo o Estado central da Colômbia. Os níveis de qualificação das pessoas, via educação, são absolutamente extraordinários, qualquer pessoa abaixo dos 30 anos fala fluentemente, não só o espanhol, mas também o inglês. Um dos aspetos simbólicos interessantes é que não existe arame farpado, como noutras cidades da América Latina, como um símbolo da pacificação.

No que diz respeito específico à atividade cultural houve um instrumento fundamental. E, como digo, não encarem isto como uma receita, mas o facto é que eles encontraram um modelo operativo para aquela cidade: a construção dos Parques-Biblioteca. São objetos de arquitetura lindíssimos, grandes equipamentos e que são bibliotecas. Há bibliotecas para adultos e também para crianças. Têm mediatecas, têm uma série de outras atividades relacionadas com a consulta aos documentos e têm outras coisas e são estas estas outras coisas que transformaram também, por um lado, a ideia de cultura, e por outro lado, fizeram a adesão das comunidades. Um destes Parques-Biblioteca situa-se numa região de floricultura, onde se produzem flores, grandes quantidades de flores. Os agricultores, pessoas entre os 30 e os 60 anos, têm acesso a cursos de word do ponto de vista do utilizador. Eu vi senhoras com 60 anos, 70 anos, obviamente do campo, a aprender word e a trabalharem nos computadores porque aquilo lhes facilitou a vida do ponto de vista da distribuição. Têm apoio jurídico para situações de pequenos conflitos. Têm umas creches onde também estão os avós que transmitem contos e lendas tradicionais da Colômbia, ao mesmo tempo que os netos estão com os seus i-pads e i-phones. Têm pequenas salas de teatro e, depois, conforme, o lugar onde foi instalado a biblioteca, foi desenhado um programa que correspondeu duas pressões: a pressão do governante e a população. Não foi a pressão da população que ditou tudo, mas não foi também a orientação política que definiu a agenda cultural. Resultou de uma negociação entre eles. São, como disse, lindíssimas, do ponto de vista estético, e são funcionais. Estão abertas 365 dias por ano, inclusive, no Natal e na passagem de ano, das 9 horas da manhã à 11 horas da noite. São as âncoras da comunidade.

Quando se põe a questão da cultura, nomeadamente para nós que temos um peso histórico muito forte,

entre a cultura alta, a cultura baixa, vemos como esta cidade da Colômbia resolveu isto de uma forma absolutamente brilhante. Estes Parques-Biblioteca são equipamentos para a transmissão do conhecimento, o que é de uma habilidade conceptual fora de série. De facto, o conhecimento pode ser livresco, literário, mas também artístico. Retiraram a carga inibitória, discriminatória, por vezes exclusiva da cultura e da arte e colocaram o problema na transmissão de conhecimentos vários.

Para acabar, queria só dizer que este foi um modelo que eu encontrei e que considero muito interessante e fascinante, sobretudo porque resulta do projeto político para a cidade, e o que é que se espera do final de uma CEC: primeiro que tudo, essa noção de tempo, ou seja, tem que ser exigido às pessoas e aos governantes a ideia de que é preciso tempo, muito tempo.

As pessoas mais ligadas à programação cultural e artística sabem que um museu é reconhecido após sete anos de trabalho diário. Que um centro cultural demora 5, 7, 10 anos a ser reconhecido, a ter impacto na comunidade, a ter impacto internacional. É preciso ter tempo para que isto possa acontecer. Essa é uma questão fulcral e elementar. Depois, o futuro depende da confluência de várias expectativas vários interesses. Há o interesse/ponto de vista dos criadores, que querem ter condições para criar, é a sua reivindicação. A forma e as condições devem ser equacionadas, elaboradas, pensadas, não banalizadas. Deve haver uma hierarquia: não de passa de um trabalho de garagem, para o CCVF (caricaturando). Há etapas intermédias. Independentemente da genialidade, as coisas têm um tempo para acontecerem. Há o ponto de vista dos governantes, que querem ser reconhecidos por aquilo que fizeram, o que é traduzido em votos. E há o ponto de vista dos cidadãos, que é o orgulho na cidade, o resultado das atividades turísticas, comerciais, do terem mais lazer. É importante saber, contudo, que as opções em termos de programação cultural nunca correspondem à expectativa das pessoas. Mas se lhes perguntarmos, diretamente, o que é que elas queriam que acontecessem elas não sabem responder, elas não sabem. Se perguntarmos individualmente aos cidadãos, meia dúzia deles dirão concretamente “eu queria a peça X”, “o laboratório científico Y”. Mas na maior parte das vezes a resposta é “eu queria melhor”, no sentido abstrato e relacionado com aquilo que é a mitificação do futuro e que é sempre mitificado de uma forma perfeita.

Eu acho que há, finalmente, uma questão de fundo, fulcral: a necessidade do espaço para a formação. A formação do público e a criação de públicos, que é um trabalho diário e permanente. E a formação dos atores, criadores e das pessoas que têm a ver com a conservação ou a criação de obras de culto. Um dos maiores problemas que tem este país é não ter formação, formação tutorizada se for preciso, formação no sentido de uma aprendizagem, de uma autocrítica, criação de situações de colaboração coletiva. Eu acho que isto é um problema de quem defende, por exemplo, as indústrias criativas e que acha que não é preciso formação e que os génios fazem, simplesmente as coisas acontecer. Esse é um dos aspetos, uma orientação que se pode dar à cidade: um investimento na formação das pessoas.

Conferência proferida em Guimarães a 19 de dezembro de 2013.

Transcrição da autoria de Helena AM Pereira, revista a validada pelo autor.

Mensagem do Presidente da Câmara Municipal de Guimarães

O processo contemporâneo de construção de uma sociedade caracteriza-se, cada vez mais, pelo envolvimento de múltiplos agentes. Hoje, esse papel não se restringe, somente, às autoridades governamentais e aos seus representantes. Surgem novos grupos sociais, diferentes organizações, constituem-se escolas de vida coletiva, de cooperação, de solidariedade, generosidade e de cidadania.

Guimarães, neste particular, demonstra ser uma referência enquanto concelho plural que concilia valores coletivos e individuais, que junta interesses comuns e que possibilita a intervenção dos cidadãos em várias esferas da vida social, sendo, deste modo, um importante meio das pessoas exercerem, em pleno, a sua cidadania.

A riqueza do nosso tecido associativo, em virtude de um trabalho integrado e desenvolvido em rede, tem criado um sentimento de pertença, característica genuinamente vimaranense, que envolve a comunidade e que convida à partilha, correspondendo à vontade generalizada de todos fazermos parte de um projeto comum.

As associações assumem, pois, uma importância social e cultural bastante significativa, sendo uma estrutura crucial no incremento da participação cívica e da valorização da democracia participativa. Estes movimentos associativos constituem, também, importantes eixos de desenvolvimento, na medida em que assumem um papel contributivo na construção de redes de solidariedade que favorecem o exercício da vida em comunidade.

No concelho de Guimarães, proliferam exemplos de associações que, no âmbito destes pressupostos, fortalecem relações interpessoais de habitantes, promovem a integração social e combatem comportamentos desviantes, em especial dos mais jovens. A vitalidade do nosso universo associativo, com a criação de sinergias próprias, constitui um paradigma a seguir.

É fundamental, por isso, que todos os Vimaranenses participem ativamente nas associações, grupos desportivos e coletividades das suas áreas de residência. Com a participação de todos e com o apoio das autarquias e demais entidades, é possível continuar a dignificar o Associativismo em geral e no concelho de Guimarães em particular.

Defender, reforçar, apoiar e fomentar o desenvolvimento do movimento associativo é promover e consolidar a democracia e a participação dos cidadãos na vida social. Por essa razão, lanço a sugestão para que seja organizado um grande encontro das coletividades do concelho de Guimarães. São muitos os intervenientes, são imensas as vontades. É sempre bom reunir, falar, trocar experiências, combinar estratégias comuns, inclusivamente para se saber onde se pode obter financiamento – denominador comum partilhado pelos responsáveis associativos.

Tenho a forte convicção de que o Associativismo constitui uma exigência para melhorar a qualidade de vida das pessoas, uma vez que permite troca de experiências e convivialidade, resultando em oportunidades de crescimento, mas também de desenvolvimento social dos cidadãos e das comunidades locais. Em nome do bem comum.

Domingos Bragança

Presidente da Câmara Municipal de Guimarães